



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Erika da Silva Araujo

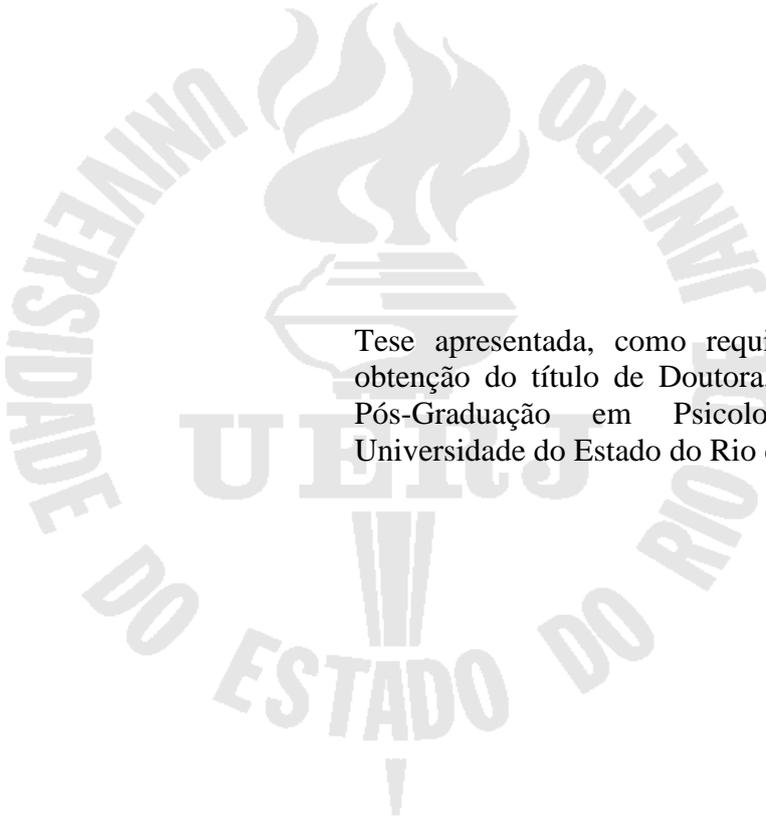
**A arte do cuidado na clínica social em psicologia: questionamentos,
provocações e atravessamentos ético-políticos**

Rio de Janeiro

2021

Erika da Silva Araujo

**A arte do cuidado na clínica social em psicologia: questionamentos, provocações e
atravessamentos ético-políticos**



Tese apresentada, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora, ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Social da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Professor Doutor Ronald João Jacques Arendt
Coorientadora: Professora Doutora Laura Cristina de Toledo Quadros

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A663

Araújo, Erika da Silva.

A arte do cuidado na clínica social em psicologia: questionamentos, provocações e atravessamentos ético-políticos / Erika da Silva Araújo. – 2021. 124 f.

Orientador: Ronald João Jecques Arendt

Coorientadora: Laura Cristina de Toledo Quadros.

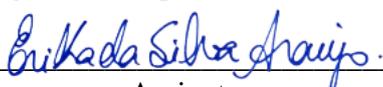
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

1. Cuidado – Teses. 2. Clínica social – Teses. 3. Teoria ator-rede – Teses. 4. Psicologia clínica – Teses. I. Jorge, Marco Antônio Coutinho. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

bs

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.



Assinatura

___27/08/2021___

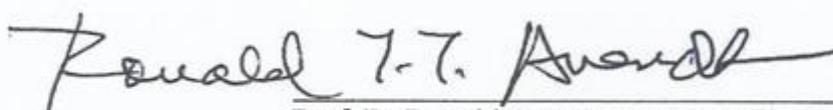
Data

Erika da Silva Araujo

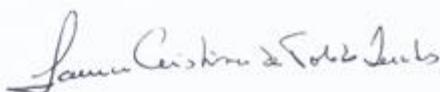
“A arte do cuidado na clínica social em psicologia: questionamentos, provocações e atravessamentos ético-políticos”

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao programa de Pós-graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

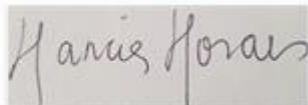
Aprovada em 08 de junho de 2021.



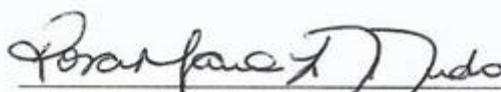
Prof. Dr. Ronald João Jacques Arendt
UERJ/RJ



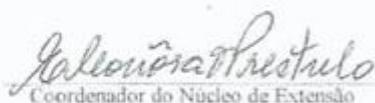
Prof^ª. Dr^ª. Laura Cristina de Toledo Quadros
UERJ/RJ



Prof^ª. Dr^ª. Márcia Oliveira Moraes
UFF/RJ



Prof^ª. Dr^ª. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro
UFRJ/RJ



Coordenador do Núcleo de Extensão

Prof^ª Eleonora T. Prestrelo
Coord. do Núcleo de Extensão
Matr. 33045-4
IP/UERJ

Prof^ª. Dr^ª. Eleonora Torres Prestrelo
UERJ/RJ

AGRADECIMENTOS

Uma trajetória, uma pesquisa, uma tese, uma avaliação... termos tão singulares que pouco remetem a tudo que é necessário para que um trabalho aconteça.

Recordo-me de receber um dia pelo *WhatsApp*, através de uma grande amiga, um vídeo onde António Nóvoa, reitor emérito da Universidade de Lisboa, cita os três níveis de gratidão, segundo São Tomás de Aquino. O primeiro nível, e o mais superficial, seria o nível cognitivo, do pensamento, do reconhecimento intelectual. Como acontece no inglês com a expressão *Thank you*, ou *zu danken*, no alemão. O segundo nível é o nível intermediário da gratidão, do dar graças, como *gracias*, no espanhol, e *merci*, no francês. António Nóvoa nos recorda que somente no português agradecemos no terceiro e mais profundo nível da gratidão para São Tomás de Aquino. Aquele onde ficamos obrigados, comprometidos, vinculados. Me identifico com São Tomás de Aquino e com António Nóvoa. Nesse sentido, me autorizo a quebrar regras da escrita culta, onde repetições de palavras não são apreciadas, trazendo, quantas vezes desejar, a expressão *muito obrigada*, pois essa é a forma mais representativa para honrar o quanto cada uma das várias pessoas mencionadas se fez fundamental para que esse trabalho acontecesse.

Muito obrigada a minha mãe Celina, pois assumiu e me deu suporte durante toda a trajetória dessa tese para que a vida pudesse acontecer em uma casa cheia de vida. Ainda que a vida acadêmica seja uma realidade muito distante da sua própria trajetória, todas as minhas decisões sempre tiveram seu apoio e suporte incondicionais. Muito obrigada ao meu marido, Marcus, que sempre respeitou, defendeu e vibrou com todas as minhas escolhas e conquistas. E não foi tarefa fácil, pois vinham cercadas de angústias, ansiedades, irritações, tristezas. Ao seu lado tudo sempre pareceu mais leve, possível e bonito. Sua disponibilidade e defesa incondicionais foram representações autênticas do seu amor. Muito obrigada aos meus filhos, Elenna e Caio. Desde a torcida de vocês, ainda pequenos demais para entenderem o que era um doutorado, até este momento adolescente que vivem, em meio a uma pandemia, onde compartilharam a mãe com uma estranha irmã chamada tese. Vocês generosamente não só respeitam e apoiam minhas ausências para a pesquisa, mas discutem, curtem, se interessam e me fazem aprender que, ser mãe, também é educar para um mundo múltiplo, amplo e político, onde mulheres podem fazer ciência, e rapazes podem reconhecer e viver a importância dos afetos.

Muito obrigada ao meu orientador, professor Ronald Arendt, que me acolheu como sua orientanda com tanto carinho, sempre sendo incrivelmente generoso. Foi o professor Ronald,

com quem tive aula nos primeiros períodos ainda na graduação, que trouxe para tão cedo, em minha formação na psicologia, textos intrigantes. Tais textos bagunçaram as certezas que eu trazia da experiência de um pesquisador, onde tudo era certo e até certo ponto previsível, deslocando de forma definitiva as percepções sobre pesquisa, psicologia e emoções. Sua alegria com cada texto discutido em nosso grupo de pesquisa é contagiante, trazendo alegria e inspiração para pensar um mundo diferente, não moderno e mais humano.

Muito obrigada a minha coorientadora, Laura Quadros. O lugar de coorientadora é muito pouco expressivo para a importância que Laura tem nesse trabalho, assim como na minha vida pessoal e profissional. É possível reconhecê-la em muitos momentos na escrita e não é à toa. Esse é um trabalho que acontece numa parceria de muitos anos. Laura foi minha supervisora em clínica durante toda a graduação e foi sob sua forma cuidadosa que me transformei em psicóloga clínica. Também é através de sua generosidade que não canso de aprender e renovar uma perspectiva na clínica e na pesquisa, onde o cuidado e a ética são compromissos fundamentais. Foi durante muitas conversas, discussões, acolhimentos, que Laura ajudou a construir meu improvável retorno a uma pós-graduação *stricto sensu*, após minha experiência difícil no mestrado. Foi com Laura que aprendi a respeitar tempos de pausa, tempos de escrita e tempos de arte que atravessam a vida vivida presente nesse texto. As transformações que nossos encontros trouxeram na minha trajetória foram tantas, que não cabem aqui apenas na forma de palavras, mas de muitos bons afetos.

Muito obrigada às professoras que aceitaram participar dessa banca. À professora Eleonôra Prestrelo, com quem trabalhei por anos em um belo projeto de extensão, o GAPsi, que foi meu primeiro contato com a Gestalt-terapia, com a clínica de forma ampliada, com a potência dos grupos, e com ter a clareza, tão cedo na minha formação, sobre o papel da extensão universitária e a sua relação com o social. À professora Marcia Moraes que vem acompanhando minha trajetória de escrita desde a monografia, sempre me oferecendo generosamente discussões e histórias muito ricas, na academia e nas redes sociais, trazendo também a importância de outras histórias e deslumbramentos, que me remetem à pesquisa enquanto parte da vida. À professora Rosa Pedro, cujos nossos breves encontros em eventos, GTs, bancas, provocaram deslocamentos e reflexões ricas e belas, sempre me convocando a pensar um campo de pesquisa povoado por muitas vozes. Meu muito obrigada às suplentes, Ana Cláudia Monteiro e Débora Lomba, pela disponibilidade de ler a tese. Saibam que os encontros com vocês também estão representados nesse trabalho, sob as formas de pensar o pessoal como político, tanto repetido pela Ana Cláudia em suas falas, como com Débora Lomba, nos encontros através da

arte e, mais especificamente, nas nossas muitas conversas sobre a aquarela, bem como sobre as formas de se fazer e pensar a psicologia. Obrigada também a Ângela Carneiro, que fez parte da banca de qualificação dessa tese, trazendo contribuições muito valiosas, além de todas as muitas conversas e discussões que enriqueceram essa trajetória.

Obrigada aos amigos que estiveram presentes nessa trajetória, que me deram suporte, carona, colo e ombro... em especial, a duas mulheres incríveis, fortes e, sobretudo, humanas. Carla Rocha, que vibrou com cada conquista, cada passo dado na academia e na vida, me acompanhando de forma fraterna sempre preocupada e disponível para ajudar em todas as áreas da minha vida, me inspirando e motivando com sua energia e ideias. Deborah Souza, grande presente da UERJ para a vida, minha amiga bússola, sempre me ajudando a achar uma direção quando me encontro perdida, companheira fundamental desde a graduação, sem a qual a UERJ não teria sido a mesma e, certamente, essa tese também não. Muito obrigada aos meus colegas de pós-graduação do PPGPS, que tantas discussões ricas tivemos juntos, em especial, os que sempre estiveram presentes nos grupos de estudos tanto do professor Ronald Arendt quanto da professora Laura Quadros.

Muito obrigada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS-UERJ), bem como aos seus funcionários e professores que fazem esse programa acontecer em tempos de tantos desafios na produção de pesquisas em psicologia no Brasil. Obrigada à CAPES pelo financiamento através da bolsa de doutorado, fundamental para a pesquisa acontecer.

Muito obrigada a todos os meus clientes pelas lições que me ensinam a cada dia nessa incrível aventura de poder acompanhá-los, espero sempre poder fazer isso da forma mais cuidadosa e ética possível. Bem como a minha psicoterapeuta, pelas muitas sessões que deram sustentação para seguir e ser feliz nessa caminhada acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001*".

O que fomos obrigados a esquecer não foi a capacidade de ter cuidado, e sim a arte de ter cuidado. Se há arte, e não apenas capacidade, é por ser importante aprender e cultivar o cuidado, cultivar no sentido em que ele não diz respeito aqui ao que se define a priori como digno de cuidado, mas em que ele obriga a imaginar, sondar, atentar para consequências que estabeleçam conexões entre o que estamos acostumados a considerar separadamente.

Isabelle Stengers

RESUMO

ARAÚJO, Erika da Silva. *A arte do cuidado na clínica social em psicologia: questionamentos, provocações e atravessamentos ético-políticos*. 2021. 124f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2021.

Partindo das provocações que a combinação das expressões “cuidado” e “clínica social” convidam, caminhamos nessa tese buscando as associações que sustentam esse fazer, contextualizando-as no cenário brasileiro contemporâneo. Fazemos isso partindo das práticas, principalmente, das práticas de divulgação nas mídias sociais sobre essas formas de atuação profissional. A Teoria Ator-Rede e os estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade nos dão uma direção metodológica nesse trabalho, especialmente, os estudos de autoras que dialogam com as demandas feministas como María Puig de La Bellacasa, Donna Haraway, Isabelle Stengers, Vinciane Despret e Annemarie Mol. Reconhecemos, a partir desses estudos, a importância de pesquisas que se sustentem nas práticas situadas, vividas, valorizando as histórias onde o pessoal também é político, acreditando que toda forma de pesquisar e cuidar provoca deslocamentos ético-políticos. Portanto, a pesquisa apresentada é indissociável do percurso da pesquisadora, em suas diferentes formas de produzir ciência. Eventos ocorridos durante o doutorado, desde as crises econômicas que afetaram o Estado do Rio de Janeiro até a Pandemia de COVID-19, iniciada em 2020 e ainda em andamento, nos convocam a pensar a importância da discussão do cuidado, enquanto ética para além de uma normatividade nos espaços de formação em psicologia. Destacamos também a responsabilidade, as associações inusitadas entre humanos e não humanos, bem como os impactos dessa prática na clínica psicológica e social. Como expressão de nossa construção metodológica, escolhemos a arte de pintar com aquarela que nos acompanhou na feitura dessa tese, tornando-se uma linguagem de engajamento entre o lido, o vivido e o escrito.

Palavras-chave: Cuidado. Clínica social. Teoria Ator-Rede. Psicologia clínica. Ética.

ABSTRACT

ARAÚJO, Erika da Silva. *The art of care in the social clinic in psychology: questions, provocations and ethical-political crossings*. 2021. 124f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2021.

Starting from the provocations that the combination of the expressions "care" and "social clinic" invites, we move forward in this thesis seeking the associations that sustain this practice, contextualizing them in the contemporary Brazilian scenario. We do this from the practices, especially, the practices of social media dissemination about these forms of professional performance. The Actor-Network Theory and the studies on Science, Technology and Society give us a methodological direction in this work, especially, the studies by authors who dialogue with feminist demands, such as María Puig de La Bellacasa, Donna Haraway, Isabelle Stengers, Vinciane Despret and Annemarie Mol. We recognize from these studies the importance of research that is based on practices situated, lived, valuing stories where the personal is also political, believing that every form of research and care provokes ethical-political shifts. Therefore, the research presented is inseparable from the researcher's journey in different ways of producing science. Events that occurred during the doctorate, from the economic crises that affected the State of Rio de Janeiro to the COVID-19 Pandemic, initiated in 2020 and still ongoing, call us to think about the importance of the discussion of care as ethics beyond a normativity in the spaces of psychology education. We also highlight the responsibility, the unusual associations between non-human humans, and the impacts of this practice on the psychological and social clinic. As an expression of our methodological construction, we chose the art of painting with watercolor that accompanied us in the making of this thesis, becoming a language of engagement between the read, the lived and the written.

Palavras-chave: Care. Social clinic. Actor-Network Theory. Clinical psychology. Ethics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aquarela UERJ	11
Figura 2 – Aquarela Sertão.....	18
Figura 3 – Aquarela Paleta de Cores	39
Figura 4 – Cursos oferecidos por psicólogos	50
Figura 5 – Cursos oferecidos por não psicólogos.....	55
Figura 6 – Aquarela Praia.....	56
Figura 7 – Chamada sem número de registro	74
Figura 8 – Registro com número recente.....	75
Figura 9 – Registro com número recente.....	76
Figura 10 – Figura com faixa de valor	77
Figura 11 – Figura com faixa de valor	78
Figura 12 – Nota de repúdio do CRPPB	79
Figura 13 – Comentários sobre convênios	80
Figura 14 – Escolha de um nicho	83
Figura 15 – Nicho relacionado à sexualidade.....	84
Figura 16 – Chamada para estudantes de psicologia e psicólogos	86
Figura 17 - Chamada para estudantes de psicologia ou de formação em Gestalt-terapia	88
Figura 18 – Chamadas relacionadas a outros grupos	89
Figura 19 – Oferta de atendimento aos servidores do RJ	90
Figura 20 – Cadastro de voluntários para atendimento em Brumadinho	91
Figura 21 – Diversidade de lugares da clínica social	93
Figura 22 – Clínica social dividindo espaço com outros profissionais....	96
Figura 23 – Aquarela Dente de Leão.....	99
Figura 24 – Campanhas que desvalorizam a profissão.....	105
Figura 25 – Aquarela Rosa	113
Figura 26 – Godê	119

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	CAPÍTULO I	18
1.1	COMpondo camadas, aquarelando uma tese	19
1.2	Quais tintas, papéis, pincéis carrego comigo nas artes de pesquisar e cuidar? .	28
2	CAPÍTULO II	39
2.1	Pincelando as formas que ficarão como figura: o encontro com a psicologia	40
2.2	No encontro da tinta com o papel, qual figura surge nesse fundo? O campo principal dessa pesquisa	43
3	CAPÍTULO III	55
3.1	Aquarela também tem regras e técnicas, mas nem sempre elas bastam: a cor branca e a preta na pintura em aquarela	56
3.2	A figura e o fundo na aquarela: como as tintas estão trabalhando junto ao papel e à água?	58
3.3	Outras artes visuais e a arte do cuidado	68
3.4	Como sustentar o fazer artesanal em tempos de réplicas industrializadas: a réplica como exercício e não como fim	72
4	CAPÍTULO IV	99
4.1	Os inesperados e as recalcitrâncias na aquarela e na pesquisa	100
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

Figura 1 – Aquarela UERJ



Fonte: Autora (2021).

Aquarela UERJ.

Pintada como presente para uma amiga, a imagem acima é inspirada em uma foto publicada nas redes sociais e representa a vista tão comum às pessoas que atravessam por dentro dos estacionamentos da UERJ e a observam através de seus ipês coloridos. Os ipês são uma representação potente de quanta cor cabe em um universo cinza.

As cores de uma trajetória: impressões e controvérsias na diferença entre ver e ler uma imagem

Vemos a beleza das pinturas, as incríveis imagens que nos afetam e capturam, figuras e fundo, o todo, marcas que passam assim, carregando em nossas trajetórias pacotes de cores as

quais, muitas vezes, não conseguimos reconhecer como parte da figura. Mas que estão lá, compondo os cenários. Ler uma imagem para um artista é olhar o todo e como ele o captura, olhar a figura e ficar com as emoções que ela provoca, contudo, é também estudar as associações de cores, técnicas e materiais que vão formar as inusitadas associações para que esse todo fosse possível. Assim também é na leitura do social das associações, por onde o cientista caminhou, como lidou com as questões para seguir as articulações, ficar com as controvérsias e, encontrar na arte do cuidado, outras possibilidades de se pesquisar, articular e criar possibilidades para um mundo mais interessante.

Esta pesquisa surge a partir de um percurso que se articula de forma indissociável da minha trajetória enquanto pesquisadora e psicóloga voltada para o trabalho na clínica em psicologia, se unindo ainda ao meu encontro com as temáticas “clínica social”, “cuidado” e, mais recentemente, aquarela. Convido o(a) leitor(a) a me acompanhar nas marcas do meu percurso enquanto mulher, pesquisadora, psicóloga clínica e, sobretudo, uma pessoa que se volta para as formas como nos relacionamos com humanos, não humanos e o mundo que nos cerca. Trago reflexões, experiências, materiais recolhidos no trajeto e histórias. Não apenas para situar o leitor dessa tese, mas por acreditar na importância do ato de contar histórias como potente ferramenta de produção de conhecimento articulado, denso e capaz de inspirar a teoria (HARAWAY, 2016; MOL, 2008). Para isso, sigo acompanhada de alguns autores e autoras que sustentam densos trabalhos, voltados às possibilidades de ser fazer ciência de uma maneira não moderna, nos estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), assim como na Teoria Ator-Rede (TAR). Autores e autoras que defendem a urgência de se cultivar outro tempo (STENGERS, 2015) e outras formas de um pesquisar que integre diferentes aspectos de uma realidade situada e densa, para que se possa criar mundos mais articulados, capazes de lidar com as controvérsias e com os desafios, de modo responsável. Para eles, todo conhecimento se dá de forma situada e capaz de ser apreendida a partir de um corpo sensível. Com a companhia de Bruno Latour, Annemarie Mol, Vinciane Despret, Donna Haraway, Isabelle Stengers, María Puig de la Bellacasa, John Law, Laura Quadros, Ronald Arendt, Marcia Moraes, Rosa Pedro, Ana Claudia Monteiro, Eleonôra Prestrelo, entre outros(as) tantos(a), que a partir de seus estudos abriram espaço para, de forma híbrida, inusitada e controversa, se tornasse possível convidar os problemas para sentar conosco à mesa do jantar e compor COM eles maneiras de permanecer de forma implicada, cuidadosa, ética e generativa.

Vamos discutir, ao longo dessa tese, a construção de um percurso onde, no meu encontro com a clínica social, algumas questões me invadem com frequência, especialmente, no que diz

respeito à dimensão do cuidado naquilo que se nomeia clínica social. Cuidado que assume muitas formas, como uma prática que, por vezes, é vivida cotidianamente de maneira automatizada, mas que se mostrou, através dessa pesquisa, como um tema complexo, controverso e com uma profunda implicação ético-política. O quanto aquilo que podemos chamar de cuidado está presente na clínica social? E nas estratégias de *marketing*? A que ética os psicólogos nas redes sociais estão se referindo quando anunciamos que seguimos todas as recomendações do Código de Ética do psicólogo? Como isso se articula com uma ético-política do cuidado? A dimensão ético-política a ser explorada nesse trabalho é fundamentada nas proposições de María Puig de La Bellacasa, Donna Haraway e Isabelle Stengers. Trago, então, tal articulação com uma proposta de pensar e produzir conhecimento sobre esse tema na clínica de forma não normativa. Porém, respeitando a complexidade do tema e a potencialidade do cuidado em ser performado de forma criativa nessa relação delicada entre a clínica, o dinheiro, a psicologia, enquanto profissão e formação acadêmica, e as transformações nessa perspectiva do social, diante de um mundo em turbulência. Uma articulação que será apresentada ao leitor de forma situada, encorpada, dentro de uma trajetória que, apesar de singular, representa também muitas outras trajetórias. Os casos singulares nos permitem sensibilizar e nos aproximar de forma mais situada das situações concretas, cotidianas, capazes de inspirar teorias (MOL, 2008) e, a partir da experiência e da ação, questionar a ética, não enquanto normatividade, contudo, uma ética do etos, que se dá nas ações cotidianas de forma imperceptível, mas que ao mesmo tempo constrói formas de fazer e se posicionar no mundo a partir das experiências vividas (BELLACASA, 2017).

Nesse contexto, essa tese é uma pesquisa narrada em primeira pessoa, às vezes no singular, visto que algumas experiências vividas são pessoais, e ocasionalmente no plural, porque me junto a muitos nas discussões, estudos e orientações. Ou seja, uma polifonia que permite sustentar um modelo não hegemônico de pesquisar, uma tentativa de permitir que a escrita que assumo fale por mim, mas que seja autêntica no reconhecimento de que essa não é uma trajetória solitária. Um relato e uma discussão teórico-metodológica sobre as articulações que vão dar densidade ao tema clínica social e suas reverberações ético-políticas com o foco no cuidado. Tema que surgiu diante do meu encontro com a clínica social e o *marketing* na clínica psicológica. Por si, a discussão em torno da relação clínica, cuidado e dinheiro já traz bastante complexidade. No entanto, seria uma redução da complexidade desse tema restringir o cuidado na clínica sem trazer junto as práticas que atravessam esse fazer, sem situar essa discussão e as controvérsias que vão trazer densidade a esse tema, como as práticas de cuidado na pesquisa e

na escrita enquanto processos de formação universitária do psicólogo clínico contemporâneo, bem como seria uma ilusão ter qualquer pretensão de esgotar um tema complexo (MOL; LAW, 2002).

Seguindo as propostas de algumas autoras que sustentam um fazer que é pautado numa forma de pesquisar no feminino (MORAES; QUADROS, 2020; HARAWAY, 1995) o fazer, o pensar pesquisar, o escrever e o cuidar sempre terão em sua composição a preposição COM. Um COM que inclui, um fazer, um conhecer, um cuidar que não se dá de forma distanciada, sobre o outro, mas de forma implicada, inclusiva, situada COM os atores de nossas pesquisas (MORAES, 2010). Ainda que Donna Haraway e María Puig de la Bellacasa utilizem essa preposição em itálico, opto aqui por seguir Marcia Moraes e expressá-la em letras capitais sempre que a preposição estiver representando essa dimensão da ação que se dá COM o outro e não sobre ele. Essa forma também é coerente com a comunicação nas redes sociais e tecnologias que atravessam esse fazer. Na comunicação virtual, a grafia em letras maiúsculas é traduzida como uma fala mais alta, assertiva e às vezes até como um grito. Acredito que essa dimensão capital expresse a necessidade e a urgência de construção de um novo mundo menos individualizado, mas um mundo-COM.

Essa tese trará para discussão muitos conceitos como, por exemplo, o cuidado, a ética, o feminino e a ciência, respeitando as propostas de autores que possuem afinidade em discussões sobre esses temas, com os quais me identifico e aposto para trabalhar-COM. É no encontro com esses pensadores que serão discutidas as práticas cotidianas, tal como se mostraram no campo de pesquisa. Nesse sentido, mergulhar em alguns aprofundamentos em áreas como estudos da ética e da moral, nos estudos feministas e toda a sua diversidade, ou nos fundamentos da relação do dinheiro nas diferentes abordagens da psicologia, nos desviaria do que há de principal a ser discutido aqui. Assim, convido o leitor a embarcar nessa tese, seguindo a sugestão de Bruno Latour (2012), ou seja, como quem embarca na leitura de um guia de viagem, podendo reduzir a velocidade permitindo escolher aonde ir e o que pode encontrar de interessante em cada lugar. Para Latour (2012, p. 38), “A vantagem do guia de viagem sobre um discurso do método é que ele não pode ser confundido com o território ao qual está meramente sobreposto... em suma, dá sugestões em vez de se impor ao leitor.”

Espero que essa tese possa produzir, de forma situada, cotidiana, um conhecimento sobre como pensar a produção de cuidado necessário justamente onde a normatividade não dá conta das complexidades demandadas por um mundo em rápida e profunda transformação (SERRES, 2013). Acreditando na potência de uma perspectiva de pensar a relação da clínica

com o cuidado enquanto uma ético-política não normativa, de como ele é produzido naquilo que não aparece nos livros tradicionais de epistemologia e política. Com isso, caminhando com o pensamento ético-especulativo (BELACASA, 2017, WILKIE; SAVRANSKY; ROSENGARTEN, 2017), com o social das associações (LATOUR, 2012), com a lógica do cuidado (MOL, 2008), com a necessidade de construção de respostas inusitadas para as catástrofes que se apresentam (STANGERS, 2015) e, sobretudo, seguindo como construir mundos possíveis através de relações inusitadas de parentesco, criando relações cotidianas e situadas, entre humanos e não humanos (HARAWAY, 2016).

Então, faremos o percurso proposto por Latour e pelo coro de autores CTS de não partir de uma teoria pronta e encaixar o que foi o objeto de estudos nesse formato pré-estabelecido pelos teóricos do social. Mas seguir os atores, ficar com as práticas de forma impura, híbrida, controversa e conectada com outras realidades, para assim pensarmos o cuidado, a ética e a política em seus encontros com o conhecimento que já existe, e as transformações que essas histórias podem produzir, em termos de novas articulações que juntos poderemos fazer com a vida vivida.

Deste modo, o leitor presenciará encontros que podem parecer inusitados inicialmente: arte, histórias, encontros cotidianos, teoria e especulações. Tal como Donna Haraway nos traz, quando nos propõe a dar densidade ao mundo através desses encontros inusitados e, muitas vezes, não percebidos como acadêmicos por não estarem restritos aos livros. Conhecimentos impuros e, justamente por isso, trazem a impureza como elemento potente, como a liga que pode permitir as reconexões, para compor um mundo onde se possa articular novas formas não catastróficas de viver e de morrer com *responsa-habilidade* (HARAWAY, 2016).

Nos próximos capítulos, o leitor vai encontrar a fundamentação teórica associada às situações apresentadas para compor uma construção de sentido mais densa e conectada com os atravessamentos encontrados ao longo desse doutorado.

No primeiro capítulo, apresento o momento final da elaboração de uma tese, o momento da escrita, e que na TAR possui um significado metodológico muito importante. A escrita não é simplesmente uma ação de colocar no papel algo pronto, mas um processo de transformação (LATOUR, 2012). Bem como o ato de escrever COM é também uma prática de cuidado. É ainda o momento que apresento o meu percurso vida-mulher-psicóloga-pesquisadora e metáforas que podem ajudar a listar a maneira como eu, a pesquisa acadêmica e a clínica nos constituímos nesse modelo não moderno (BELLACASA, 2017).

No segundo capítulo, apresento como o encontro com a psicologia me colocou diante de uma experiência diferente, bem como com questionamentos que nunca haviam atravessado minha vida tanto quanto pesquisadora quanto mesmo na minha relação com a profissão que estava conhecendo, me levando a direcionar as práticas de cuidado atreladas ao lugar do psicólogo clínico. Também abordo com mais clareza o campo de pesquisa, assim como a diversidade de convites e modelos de prática profissional que o campo fora dos muros da universidade vinha apresentando.

O terceiro capítulo se inicia com uma discussão sobre a ética e as práticas de *marketing* na psicologia, em especial, as que envolvem as relações com o dinheiro e a chamada clínica social, com um olhar delicado entre a ética normativa, aqui nesse texto referenciada como Ética com “E” em maiúsculo, e uma ética do etos, uma ética com “e” em letra minúscula, em referência a forma adotada por María Puig de la Bellacasa (2017). Também apresento uma discussão sobre uma parte relevante do campo de pesquisa, uma amostra de material recolhido sob a forma de panfletos e propagandas das ofertas de serviços de psicologia clínica.

No quarto capítulo, trago as transformações desse campo diante de dois cenários de impacto social: a crise econômica do Estado do Rio de Janeiro, que afetou profundamente a Universidade onde fiz esse doutorado, a UERJ, e todo o funcionalismo Estadual, bem como um evento de grande impacto mundial, a Pandemia de COVID-19, momento onde a relação sobre ética, cuidado, política e produção de conhecimento ganham uma dimensão nunca antes vista e nos desloca diante de não humanos recalcitrantes.

Fechamos, então, a tese com as considerações finais e as reflexões que surgem a partir dessa trajetória de quatro anos.

Essa tese não se pressupõe a ser um modelo sobre um bom cuidado, mas um instrumento que nos convoque a lembrar de questionamentos ético-políticos, perguntas cruciais que precisam surgir ao encararmos as situações sempre concretas, ainda que nem sempre visíveis, ou previsíveis pela academia, onde as práticas não inocentes de cuidado acontecem. As perguntas sobre cuidado precisam escapar das expectativas de fórmulas prontas e se voltar a questões generativas, não apenas críticas às relações de poder, porém que possam re-criar outras formas de relações a partir destas. Nesse sentido, precisamos, ao pensar sobre cuidado enquanto uma ético-política, levantar questões como: “para quem?”; “quem cuida/se importa?”; “por que cuida/se importa?”; “por que nós cuidamos/nos importamos?” e “como cuidar?” (BELLACASA, 2017).

Esperamos que ao final da leitura dessa tese o leitor possa ter uma dimensão viva dos temas e conceitos tratados aqui, a partir de uma produção de conhecimento que articula discussões situadas sobre a teoria, a prática ética e o cuidado, de forma conectada com a vida vivida.

1 CAPÍTULO I

Figura 2 – Aquarela Sertão



Fonte: Autora (2021).

Aquarela Sertão.

Essa imagem surgiu enquanto eu testava uma técnica de transição de cores em aquarela. A transição deu muito errado, fora das minhas expectativas de uma transição suave e ideal. Mas na aquarela, devido ao alto custo dos materiais, nada se

desperdiça e, entre uma pincelada e outra, as cores me remeteram aos trabalhos de campo do meu período nas ciências biológicas e das muitas viagens pelo sertão brasileiro. Essa imagem, fabulada, inexistente na vida real, reúne elementos concretos da seca no sertão brasileiro.

1.1 COMpondo camadas, aquarelando uma tese

Quando tudo que encontramos é uma folha em branco, quer seja numa tela no computador ou numa folha de papel, a escrita é sempre um desafio. São muitas as formas de escrever. Podemos digitar, usar canetas, lápis, tintas... não importa exatamente a forma que usamos, mas como lidamos e que responsabilidade temos com aquilo que imprimimos no mundo. Como produzir algo que possa criar, aceitar, integrar outras formas e possibilidades de se relacionar com para além dos humanos num mundo demandando por cuidado?

O que eu acho atraente em promover um estilo de *escrever-com* como um padrão de pensar com cuidado não é tanto quem ou o que se pretende incluir e representar em um texto, mas o que ele gera: como ele de fato cria um coletivo e povoa um mundo. Em vez de reforçar a figura do pensador solitário, a voz em tal texto parece continuar dizendo: eu não estou sozinho. Há muitos, muitos outros. Pensar-com torna o trabalho do pensamento mais forte: ele tanto dá suporte à singularidade pelas contingências situadas em que se baseia quanto fomenta o potencial contagioso com seu alcance, seu reconhecimento de sempre mais-do-que-uma interdependência. Escrever-com é uma tecnologia prática que se revela tanto como descritiva (ela inscreve) quanto especulativa (ela conecta). Ela constrói relação e comunidade, ou seja: possibilidade. Esta forma de relacionamento não fala em criar ‘uniões’ ou ‘juxtaposições’. Estes caminhos seguem relação como ‘algo que passa entre [os dois] que não está nem em um nem no outro’. (Deleuze and Parnet 1987, 10). (BELLACASA, 2012, p. 76, grifos da autora, tradução nossa).¹

Desta maneira, a escrita entra como a primeira e, até então, como a última marca dessa tese. Atravessada por uma série de intercorrências não pensadas há um pouco mais de um ano. Estamos em plena pandemia do novo Sars-CoV-2, vírus da família dos Coronavírus e que causa a doença COVID-19. Uma marca que trouxe implicações importantes na minha rotina, nas

¹ No original: “What I find compelling in fostering a style of writing-with as a pattern of thinking with care is not so much who or what it aims to include and represent in a text but what it generates: how it actually creates a collective and populates a world. Instead of reinforcing the self of a lone thinker’s figure, the voice in such a text seems to keep saying: I am not alone. There are many, many others. Thinking-with makes the work of thought stronger: it both supports singularity by the situated contingencies it draws upon and fosters contagious potential with its reaching out, its acknowledgment of always more-than-one interdependencies. Writing-with is a practical technology that reveals itself as both descriptive (it inscribes) and speculative (it connects). It builds relation and community, that is: possibility. This way of relating does not speak for creating ‘unions’ or ‘juxtapositions.’ These paths follow relation as “something that passes between [the two] which is neither in one nor the other” (Deleuze and Parnet 1987, 10).” (BELLACASA, 2012, p. 76).

minhas expectativas, nas minhas idealizações para esse momento, na minha forma de trabalhar, incluindo ainda a minha relação com a clínica social, com a maternidade, com a gestão de um lar e de minhas próprias emoções. Essa escrita chega com três meses de prorrogação do prazo, alguma frustração por encarar o potencial de impacto dos não-humanos e muitas reflexões sobre inúmeras possibilidades do cuidado(s)², que ganharam uma dimensão ainda maior, coletiva, híbrida, potencializada pelos acontecimentos globais recentes. Apesar de pensar em muitas coisas interessantes, convocar para o texto a minha experiência durante a pandemia não é um exercício confortável. Traz contradições de como tem sido esse momento para muitos, milhões de humanos que precisaram associar o cuidado com uma de suas formas mais paradoxais, o distanciamento e o isolamento.

Retornar à escrita durante uma pandemia é reestabelecer contato com muitas histórias vividas intensamente nesse período. A dimensão nada simples da articulação entre os termos social e clínica ganharam novos contornos diante de uma emergência sanitária mundial como se desenrolou a pandemia de COVID-19. Pensar sobre cuidado nesse momento me afastava muito da escrita da minha pesquisa, mas me aproximava cada vez mais de uma ética do cuidar, enquanto enfrentava desafios múltiplos que partem das condições de vida, trabalho e escrita que se faz junto COM o outro. Os desafios como mulher, filha, mãe, psicóloga e pesquisadora em uma casa povoada por mãe, filhos, marido, cachorro, gato, obras nos vizinhos, vazamentos, atendimentos *online*, muito medo e ansiedade por uma vida que demandava uma alteração drástica de posicionamento diante da vida normal, porém, que não poderia ser integrada de forma harmônica em nossa vida como um novo a ser abraçado. O termo “novo normal” e suas implicações práticas, além de muita rejeição afetiva, fazia desse momento um lugar hostil para a produção acadêmica, mas paradoxalmente fértil para viver de forma prática versões possíveis, tanto integradoras quanto perturbadoras, sobre o cuidado para além dos humanos. Nunca cadeiras, equipamentos, animais domésticos, redes *Wi-fi* e 4g foram tão significativas, ficando com o problema para tornar a vida na Terra tolerável, através de novas e inusitadas associações (HARAWAY, 2016).

Nesse sentido, a Pandemia de COVID-19 trouxe para minha experiência alguns paradoxos do cuidado, tanto nas ações profissionais diante desse contexto, as quais voltarei no último capítulo dessa tese, quanto na relação de estar vivendo dentro da temática a qual me proponho a estudar, diante de um sofrimento coletivo de um mundo onde a demanda por

² A letra “s” entre parênteses marca a noção de que o cuidado não se faz único, sozinho, mas a partir de um trabalho que envolve sempre um coletivo e um conjunto de práticas (MOL, 2008).

cuidado nunca foi tão figura em minha geração. Não posso deixar de colocar aqui sentimentos de medo e ansiedade vividos por preocupações com as consequências do Sars-Cov-2, amplamente divulgadas em todo mundo, com as vidas dos familiares e amigos, assim como os receios com as possibilidades de atendimento enquanto psicóloga clínica e no andamento dessa pesquisa. Como em algumas pinturas mais realistas, é no movimento de aproximação e de distanciamento que podemos ter uma visão mais geral sobre aquilo que nos aparece.

Alguns diriam que produzir conhecimento que cuida é principalmente ‘se importar’, exigindo menos compromisso prático que trabalhar concretamente nos mundos que estudamos, ‘lá fora’. No entanto, ter se proposto a abraçar uma certa forma de vulnerabilidade nos compromissos de conhecimento pode exigir também o reconhecimento de que estes podem ter seu preço. As tensões afetivas do cuidado estão presentes em sua própria etimologia, que inclui noções tanto de ‘ansiedade, tristeza e pesar’ quanto de ‘atenção mental mais séria’. Ou alguém poderia perguntar se não seriam ansiedade, tristeza e pesar ameaças reais à séria atenção mental exigida pelo pensamento com cuidado? A atenção requerida para manter o conhecimento atento sobre seu estado de conexão e consequências não levaria inevitavelmente à ansiedade? Uma grande armadilha é que cuidar demasiadamente pode asfixiar o cuidador e a pessoa cuidada. Mas isso pode nos impedir de cuidar? Não seriam a ansiedade, a tristeza e a dor afetos inevitáveis nos esforços de prestar atenção mental séria, de pensar com cuidado, em mundos deslocados? Ou esses afetos pertencem a uma sensação de inexistência fora de lugar; a sensação de que algo não combina, não se mantém coeso; a sensação de conduzir o pensamento especulativo de que algo poderia ser diferente? (BELLACASA, 2017, p. 92).³

Foi também nesse momento, o da escrita da tese, que encontrei o que foi para mim uma outra forma de escrever, que me autorizou mais fluidez e apropriação desse processo, a cuidar melhor de mim e a lidar com as minhas angústias desse momento. A pintura em aquarela. Um não humano inusitado que encontrei através de um *site* de vendas internacional e cuja palheta de cores me capturou o olhar com possibilidades de novas experiências, um encontro não previsto, inusitado. Um outro método de escrita, de inscrever mundos e de criar possibilidades de articulação COM a pesquisa.

³ No original: “Some would say that producing knowledge that cares is mostly about ‘caring about’, requiring less hands-on commitment than concretely toiling in the worlds that we study, ‘out there.’ Yet having proposed to embrace a certain form of vulnerability in knowledge engagements might require also acknowledging that these can take their toll. The affective tensions of care are present in its very etymology, which includes notions of both ‘anxiety, sorrow and grief’ and ‘serious mental attention.’ Or one could wonder, aren’t anxiety, sorrow, and grief actual threats to the serious mental attention required by thinking with care? Does the attention required to keep knowledge aware of its connectedness and consequences inevitably lead to anxiety? A major pitfall is that too much caring can asphyxiate the carer and the cared for. But can this prevent us from caring? Aren’t anxiety, sorrow, and grief unavoidable affects in efforts of paying serious mental attention, of thinking with care, in dislocated worlds? Or do these affects belong to an out-of-place sense of inaccuracy; the sense that something does not match, does not hold together; the feeling driving speculative thinking that something could be different?” (BELLACASA, 2017, p. 92).

A pintura em aquarela pode ser um rascunho para pinturas com outras tintas, pela sua praticidade e suas impressões claras, que podem se sobrepor e se mesclar ao tecido do papel, permitindo a aplicação de outras tintas por cima em um momento posterior. Podem ser feitas com pigmentos escolares, estudantis, profissionais, naturais, ou mesmo com descartes⁴. Café, chás, vinhos, sucos de frutas também podem se transformar em pigmentos e artes nas mãos de quem se aventura a se aproximar, conhecer o material, se permitir experimentar as possíveis combinações entre os materiais, as diferentes combinações de pincéis, papéis e a subjetividade do artista. As imagens são resultado do encontro entre esses elementos, humanos e não-humanos, mas, sobretudo, do respeito à dimensão do tempo de ação de cada material. Seu elemento mais influente é a água, ela organiza junto com o artista as intensidades, os contornos, e um outro aspecto essencial, o tempo. É uma pintura feita em camadas e o manejo da dinâmica da água na folha vai demandar uma rotina de molhar, pintar, esperar o papel secar mais ou menos para que, caso necessário, se possa aplicar outras camadas, revelando a complexidade do processo.

Ainda que pareça algo distante de uma pesquisa em psicologia clínica, a dinâmica de pintura em aquarela se assemelha aos processos de cuidado tanto na clínica quanto na escrita. Por mais que se tenha uma intenção e uma direção para o trabalho, o percurso é sempre uma nova articulação. Um exercício de encontro com os desafios de forma e criatividade, uma delicada articulação de aplicar camadas, esperar secar, ver o que foi possível até aquele momento, o que o papel suporta, a migração da tinta, as cores que faltam. Se pesamos na mão nos pigmentos, a pintura perde a delicadeza do método. Assim é a clínica, e assim também é a escrita científica, feita em se avaliar, ao longo do percurso, o que cada pessoa e cada processo de escrever suporta de forma que o trabalho ofereça aquilo que é necessário para seguir em frente com clareza e beleza. A clínica, a pesquisa e a pintura são exercícios políticos e estéticos.

Mas a forma como a aquarela se relaciona com o erro é bastante peculiar, acrescentando e interferindo na forma como eu, enquanto pesquisadora-pintora, me relaciono com meu texto. O erro, ainda que muitas vezes acabe esteticamente com a obra que o artista estava compondo, ele antes de tudo é visto, apreciado e, muito frequentemente, integrado à arte. Às vezes, o pigmento migra no sentido “errado”, se mistura de forma indesejada, provoca espaços

⁴ Algumas imagens podem ser encontradas nas redes sociais. Trago como exemplos os perfis no *Instagram* de Siomara Almeida (<https://instagram.com/siomaraalmeida.artes?igshid=1hhfy0qyj3dx5>) e Thea Rocha (<https://instagram.com/thea.aquarela?igshid=qje4c346vj4l>), artistas que fazem aquarelas a partir de manchas de café. Na plataforma de vídeos *YouTube* é possível, ao buscar pelas palavras-chave “*wine painting*”, encontrar vídeos onde vinho e café são utilizados como pigmento, como esse no *link* a seguir (<https://youtu.be/muwhtHpuTtc>). Acessados em: 20 abr. 2021.

desbotados ou bordas estranhas e irregulares, a tinta respinga. É comum ouvir dos aquarelistas que muito do que seria entendido como defeitos em outras formas de expressão pictórica, é abraçado pelo aquarelista, é o que faz dela única, uma forma de identidade do método. O erro é convidado a fazer parte da trajetória, cuidado, elaborado e integrado à imagem. É entendido como o movimento orgânico e respeito ao material. E, ainda, aprende-se a usar o erro como técnica, como algo a ser admirado. A aquarela é uma forma de pintura que abraça aquilo que recalitra, que escapa à previsão e ao controle, o agenciamento dos não-humanos, da água, da tinta, do pincel e do papel em interação.

Alguns artistas usam materiais que não pertencem ao universo da aquarela, mas se integram de forma rica e inusitada no trabalho final. Marcadores permanentes, máscaras, tinta guache, giz de cera, fita crepe, secador de cabelos encontram beleza a partir das misturas. E entre as dicas que me causaram estranhamento e um erro que muitas vezes cometi na minha busca pela ordem, foi que não se lava o godê (recipiente para armazenamento e mistura de tintas). Pois sempre se aproveita as misturas e as cores inusitadas que surgem no que antes era percebido por mim como sujeira ou resto. É uma lição de valor ao pigmento, que possui um custo alto, mas também de devoção à beleza das misturas que surgiram ali, daquela proporção de pigmento e água dosada irregularmente com o pincel. São as cores do acaso, os imprevistos promissores. Como era estranho lidar com eles!

Assim como a ideia do que será desenhado e a perícia do artista, na aquarela é fundamental permitir que a água possa “trabalhar”. A tensão superficial, a temperatura, a umidade do ambiente, a distribuição do pigmento ao fluir por uma gota sobre o papel é direcionada pelo artista, contudo, tais elementos não estão totalmente sobre a influência dele. A tinta corre seguindo o caminho do encontro com os outros materiais nem sempre da forma como imaginada. Uma nova reorganização da pintura surge a partir daí. Pode-se esperar o papel secar e apreciar as recalitrâncias provocadas nesse encontro, assumi-las e olhar o que de belo foi produzido ali. Pode-se buscar consertar através de outras camadas, pode-se criar um desenho a partir do imprevisto promissor (MOL, 2008). A pintura não acaba sem ser modificada pelo processo de pintar, ela é fim, mas também é criação de outras muitas possibilidades e articulações não previstas antes do encontro do humano e seus não humanos que vão compor a arte final. Uma imagem, uma forma de narrar algo, tal como o texto que aqui escrevo.

A aquarela surge, então, enquanto abre-se espaço para uma experiência em que, quanto mais elementos se articulam, mais possibilidades são apresentadas, integrando práticas que envolvem o conhecimento dos materiais, a sensibilidade do artista e, mais importante de tudo,

o respeito e a simetria entre a articulação de elementos não humanos como a água, o pigmento, o papel, os erros, as pausas. Envolvendo o que eles fazem fazer, fazendo da arte um movimento de abertura ao novo.

As controvérsias, as recalitrâncias, os erros, são elementos indesejados em uma proposta moderna de fazer científico, mas que vão oferecer as pistas necessárias para uma articulação integrada de mundos possíveis. Alimentando-me das controvérsias e seguindo as pistas tal como formigas, vamos caminhando na proposta de Bruno Latour (2012) sobre o pesquisar na TAR, até com um certo humor, por conta do acrônimo de Teoria Ator-Rede em inglês (*Actor-Network Theory*) – ANT – que também significa formiga. As formigas de Latour me guiaram por diversos caminhos, jamais ignorando a presença do pesquisar enquanto ser sensível (LATOURE, 2008) e jamais deixando de seguir seu trajeto irregular, com desvios, retornos, obstáculos, campos lisos, erros e pausas. Foi com elas que pude reconhecer materiais que recolhi nesse trajeto e que vão compor esse trabalho.

A aquarela assume seu lugar no método, como instrumento que viabiliza e ao mesmo tempo modifica a minha relação com o texto, de forma imprevista, inusitada e presente. Quadros (2011, 2015) em sua tese de doutorado (2011) nos conecta com a dimensão artesanal do fazer clínica e do fazer pesquisa, na inclusão daquilo que nos compõe no processo de pesquisar:

O que nos move nessa escrita são as descobertas dos acontecimentos, as afetações que foram construindo esta pesquisadora. Trata-se, portanto, de descrever o percurso com suas tensões e arranjos, o labirinto e as saídas possíveis nesse encontro entre o pesquisador e seu campo. (QUADROS, 2015, p. 1182).

Para a autora, tanto o fazer clínica quanto o fazer pesquisa são práticas artesanais na medida que transbordam apesar de seus enquadres, estão sujeitos a desvios, onde as interferências do fazer artesanal, único e singular vão compor o processo. Quadros em suas pesquisas cultiva uma relação íntima com as artes, entendendo que passam por elas e pelas heranças que nos constituem um conhecimento sensível, feminino, artesanal, a potência para encontrar saídas, no diálogo COM o material: as heranças familiares, o crochê, a pesquisa e a clínica.

Portanto, a imersão nesse campo foi uma grande provocação. As histórias que passaram a me rondar exigiam um espaço para se manifestarem. Pelo que colhi nessa trajetória de estudos, ser tocado pelo campo é uma contingência inerente ao processo de pesquisarCOM (Moraes, 2010). Nesse sentido, as histórias e acontecimentos aparentemente distantes no tempo, aproximaram-se subitamente, vindas dos entrelaçamentos entre as vivências atuais no campo e as experiências pregressas. Muitas vezes tive a impressão de que não eram simples memórias. Apoiado na teoria

do caos, Serres (1999) defende que o tempo não é linear: ‘O tempo escoia de maneira extraordinariamente complexa, inesperada, complicada... Paradoxal, o tempo se dobra ou se torce’. (p. 79). Foram essas dobras do tempo que aportaram (e suportaram) tais memórias. E uma nova laçada vai fazendo crescer a tessitura desse crochê. (QUADROS, 2015, p. 1190).

Como colocado anteriormente por Quadros, é a partir das histórias que me habitam e das articulações híbridas que atravessam meu pesquisar que venho COMpondo esta escrita. Reconhecendo durante o percurso os afetos que me tomam, as experiências que carrego, as perguntas que vão surgindo, as relações entre a psicologia clínica nos atravessamentos e controvérsias que envolvem uma perspectiva de uma ética do cuidado.

A escrita enquanto laboratório já foi tema explorado por Latour (2012), e Arendt (2016). Ainda que pareça controverso, uma tese ganha ‘corpo’ no ato último da escrita, o texto começa com cada letra impressa no papel. A escrita está ao mesmo tempo como ato final da pesquisa e como momento fundamental do amadurecimento e adensamento de sua produção de conhecimento, é fim e meio. Ao ganhar a forma escrita uma outra dimensão da experiência se interpõe. Assim como na clínica em psicologia, ouvir as próprias palavras e articulações de ideias, em alto e bom som, traz sentidos diferentes aos clientes que buscam terapia. Logo, articular a escrita também cria possibilidades de se perceber enquanto pesquisador e enquanto psicólogo clínico (ARAUJO; QUADROS, 2018). Além disso, a escrita na Teoria Ator-Rede, nos estudos CTS e nos estudos feministas, são uma forma de produzir conhecimento não inocente. O que escrevemos e como escrevemos tem um posicionamento sobre como levamos e lidamos com as formas que as nossas pesquisas criam e articulam conhecimento (MORAES *et al.*, 2014). No ato de escrever ausências são notadas, emoções são revividas, novas conexões são produzidas.

O que estamos sustentando, portanto, é que, no processo de pesquisa, a escrita não é de modo algum um procedimento que tem por finalidade apenas descrever um acontecimento, isso porque não há pesquisar lá fora e um escrever aqui dentro como duas realidades cindidas. A escrita é o próprio fora, ela é coextensiva e cointensiva ao campo de pesquisa. Coextensiva porque faz parte do mesmo plano, e cointensiva porque nesse plano se arregimentam forças, intensidades. É ali que muitas conexões serão estabelecidas. É através do agenciamento campo-de-escrita-de-pesquisa que muitos devires atuais-virtuais passarão, mesmo que ninguém os note. (DONHAUSER; BONAMIGO, 2019, p. 93).

María Puig de la Bellacasa (2017) em seu livro *Matters of care: speculative ethics in more than human worlds* nos convoca a pensar numa escrita que deriva do pensarCOM e, junto com Donna Haraway (2016), um pensar engajado, envolvendo uma política de solidariedade e parentesco que vai além da relação com humanos. A escrita de Donna Haraway é uma escrita

densa e multicamadas, trazendo uma multiplicidade de mundos, histórias, ficção, heranças, imagens, de forma situada, implicada e com conexões surpreendentes. Dessa forma, ao redescrever algo busca-se dar densidade de forma articulada, abraçando todos os elementos capazes de reconhecer como produtores de conhecimento, e não uma análise desarticulada e reduzida. Ainda que para muitos e, especialmente, para uma forma de se fazer ciência pautada em moldes modernos, essa escrita possa parecer confusa, ela tem como ponto fundamental de sustentação o pensarCOM e o escreverCOM. Ou seja, uma forma de articular mundos que estão inevitavelmente interligados (BELLACASA, 2017) e estão associados às práticas que podemos reconhecer como práticas de cuidado na produção de um mundo com o qual nos importamos.

Importa que matérias usamos para pensar outras matérias; importa que histórias contamos para contar outras histórias; importa que nós atam nós, que pensamentos pensam pensamentos, que descrições descrevem descrições, que laços laçam laços. Importa que histórias criam mundos, quais mundos criam histórias. (HARAWAY, 2016, p. 12, tradução nossa).⁵

Mol e Law (2002) também se debruçaram sobre textos que trazem temas complexos, multifacetados. E os desafios de uma escrita enquanto um texto que possa respeitar essa dimensão da complexidade, sem reduzir ou desviar do tema estudado, aceitando a impossibilidade de esgotamento do tema?

A questão é como um texto pode estar onde está, ao mesmo tempo em que reconhece que não está em todos os lugares. Como um texto pode dar espaço dentro do que quer que ele também, necessariamente, deixa de fora, pelo que não está lá, não explicitado? Como um texto simples pode respeitar as complexidades? Estas são perguntas sobre textos, mas também podem ser dirigidas a políticas, terapias, tecnologias, métodos de representação, objetos ou formalismos científicos.

O que acontece com a complexidade quando são feitas simplificações? Responder a esta pergunta requer uma pesquisa teórica, mas também empírica e metodológica. Assim, as histórias contadas pelos colaboradores deste livro não são narrativas que utilizam a teoria da complexidade. Ao invés disso, são histórias sobre o que acontece com as complexidades na prática. Ou, para multiplicar, são histórias sobre o que acontece com as complexidades nas práticas. (MOL; LAW, 2002, p. 158, tradução nossa).⁶

⁵ No original: “*It matters what matters we use to think other matters with; it matters what stories we tell to tell other stories with; it matters what knots knot knots, what thoughts think thoughts, what descriptions describe descriptions, what ties tie ties. It matters what stories make worlds, what worlds make stories.*” (HARAWAY, 2016, p. 12).

⁶ No original: “*The question is how a text might be where it is, while also acknowledging that it is not everywhere. How might a text make room within whatever it also necessarily leaves out, for what it is not there, not made explicit? How might a simple text respect complexities? These are questions about texts, but they might just as well be addressed to policies, to therapies, to technologies, to methods of representation, to objects or to scientific formalisms.*

What happens to complexity when simplifications are made? Answering this question requires a theoretical, but also an empirical and a methodological, inquiry. Thus, the stories told by the contributors of this book are not

Bellacasa (2017) traz o cuidado enquanto prática ambivalente e emaranhada entre humanos e não humanos, que se apresenta enquanto uma política para muito além de uma instância moral, envolvendo afetividade e ética, além de agenciamentos que resultam em consequências práticas e materiais. O cuidado se dá na interdependência ontológica, inevitável, entre humanos e outros atores. Para Bellacasa (2017), falar de um “bom cuidado” ou um “cuidado-tão-bom-possível” nunca é neutro. O cuidado é impensável de forma abstrata da situação, ele está situado no lugar denso e impuro das práticas onde a questão da ética precisa ser colocada. Poder viver em nosso mundo da melhor maneira possível, como nos convoca a definição de cuidado logo abaixo, implica em reconhecer as práticas de cuidado que são consideradas desimportantes, ou pouco produtivas, mas vitais para a existência quando vivemos em interdependência. Mol, Moser e Pols (2010) estão juntos trazendo que pensar o cuidado de forma desimplicada de suas práticas, regido de forma inespecífica às suas peculiaridades, nos coloca em risco de erodir seus sentidos para além da gentileza, mas sua própria força e efetividade. A relação do cuidado com as práticas é tão íntima e experimental que “no cuidado, então, a ‘qualificação’ não precede as práticas, mas formam uma parte delas. O bom não é algo que se possa fazer um julgamento sobre, de forma geral e de fora, mas algo a *ser feito*, na prática, enquanto o cuidado acontece.” (MOL; POSER; POLS, 2010, p. 13, grifos dos autores, tradução nossa).⁷

Tronto (1993) nos traz como definição de cuidado:

No nível mais geral, nós sugerimos que o cuidado seja visto como *a atividade de uma espécie que inclui tudo que fazemos para manter, continuar e reparar o nosso ‘mundo’ de forma que possamos viver nele da melhor maneira possível*. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, tudo o que buscamos para entrelaçar em uma complexa teia sustentadora da vida. (p. 103, grifos do autor, tradução nossa).⁸

narratives that use the complexity theory. Instead they are stories about what happens to complexities in practice. Or, to multiply, they are stories about what happens to complexities in practices”. (MOL; LAW, 2002, p. 158).

⁷ No original: “*In care, then, ‘qualification’ does not precede practices, but forms a part of them. The good is not something to pass a judgment on, in general terms and from the outside, but something to do, in practice, as care goes on.*” (MOL; POSER; POLS, 2010, p. 13).

⁸ No original: “*On the most general level we suggest that caring be viewed as a species activity that includes everything that we do to maintain, continue and repair our ‘world’ so that we can live in it as well as possible. That world includes our bodies, our selves and our environment, all of which we seek to interweave in a complex life sustaining web.*” (TRONTO, 1993, p. 103).

Algumas condições da minha trajetória se sobrepõem, como camadas de uma composição em aquarela, nesse trabalho, cada uma com suas nuances. A primeira condição, a mais antiga e primordial, é a condição de ser mulher fazendo ciência. Mais especificamente, uma mulher em um universo onde o fazer ciência se insere num modelo institucionalizado de forma moderna e sintética, dura. Percurso fundamental para as sustentações de outras formas de pesquisar e cuidar, trajetória que constrói sentidos na clínica e na pesquisa e se conecta de forma indissociável com a elaboração dessa tese.

Desse modo, irá atravessar este trabalho uma série de elementos com cores e contornos diferentes, tonalidades, dramaticidade, porém, que se articulam de formas delimitadas, ou borradas, intensas ou não as tantas possibilidades de articulação entre a tinta, a água e o papel nas pinturas em aquarela.

1.2 Quais tintas, papéis, pincéis carrego comigo nas artes de pesquisar e cuidar?

As cores de uma palheta são compostas ao longo do percurso de um artista. Ele que no seu trajeto vai se dando conta das tonalidades que sente mais falta para as pinceladas que sua mão conduz, das misturas que consegue fazer, de qual fabricante a densidade da tinta tornou seu traço mais representativo. Não há regras na aquarela que não sejam a expressão do artista. Na aquarela, as peles podem ter nuances de azul, cor de rosa, laranja, marrom, violeta ou verde. Já os traços podem ser realistas, borrados ou ambos. O papel pode ser de celulose, bambu, algodão, rugoso, fino ou satinado, e vai influenciar diretamente no tempo de secagem, na precisão dos traços, na marcação das camadas, na quantidade de água que sustenta, no quanto vai favorecer a pintura mais rústica ou realista. O artista se identifica com cada material e cada fabricante, a partir de sua experimentação. Esse foi outro conselho que ouvi de muitos ao iniciar minha aventura: experimente, experimente, experimente. É na experimentação que montamos um corpo-aquarela. É um kit de pintura que é personalizado, representativo de um estilo por trazer em si as marcas do percurso de descobrir-se na expressão COM os materiais. Pintor e material se co-constroem nesse processo. A relação do artista com seu material é produto de sua trajetória e, justamente, a experiência que vai permitir uma criação única, representativa e bem feita da arte a ser apresentada. Na pesquisa também é assim.

O “Nada vem sem o seu mundo” citado por Bellacasa (2012) e inspirado em Donna Haraway em suas sucessivas chamadas a olhar o conhecimento de forma situada, contextualizada e povoada pelas histórias que compõe o que chamamos de realidade (HARAWAY, 2016).

Ainda muito jovem me graduei e fiz meu mestrado no curso de ciências biológicas em uma renomada universidade pública do Rio de Janeiro. Na escolha da universidade não havia nada de inocente. Eu sonhava em ser pesquisadora e aquela era a universidade com mais recursos e centenas de laboratórios dentro da área que escolhi. Uma universidade considerada a melhor do Brasil no meu curso até então, um universo de possibilidades para me inserir ainda muito jovem dentro da tradição acadêmica de excelência, com inúmeras possibilidades de estágio. E assim o foi, já no primeiro período da faculdade consegui meu primeiro estágio, com bolsa, em um projeto belíssimo, dentro do formato validado pelo método científico e toda a tradição de um fazer pesquisa onde se separa cultura e natureza, filosofia e ciência. Formato este também onde dados estatisticamente irrelevantes são contaminantes da pesquisa e precisam ser descartados, anomalias são pouco informativas e contar histórias é absolutamente irrelevante. Um universo onde aprendermos a contar caracteres e subtrair preposições, conjunções, palavras que sejam pouco informativas em uma escrita científica, em terceira pessoa, enxuta e eficiente para que outras pessoas analisando as mesmas informações possam chegar aos mesmos resultados. Existia uma fórmula lógica para tudo dar certo e ser uma pesquisadora de sucesso: graduação, mestrado, doutorado e muitas publicações. Tudo em sequência e o quanto antes para o dia que um concurso para a vaga a qual você estaria qualificada aparecesse.

Era um fazer sedutor, onde de forma aparente o pessoal é irrelevante, seu objeto de estudo está delimitado e nada além da objetividade atravessava aquele campo. A única referência sobre a ilusão desse fazer moderno (LATOURE, 1994) que se apresentava para mim, vinha de um lugar pouco claro, vago, onde só me resta agora a referência do nome de um sentimento denominado angústia. Uma angústia que se apresentava a cada vez que um objeto estudado se recusava a responder minhas perguntas, sempre tão claras e objetivas. Como isto poderia acontecer se eu tinha as boas perguntas e toda uma gama de conhecimentos prévios que ditavam um caminho da resposta provável? A noção de cuidado apresentada era voltada sempre à pesquisa, que precisava dispor de uma dedicação única e exclusiva, afastada da vida vivida, insensível.

Ainda que a objetividade e o distanciamento fossem a regra para esse fazer, muitas histórias que o atravessavam não tinham e não poderiam lhes caber um lugar. Essa ciência era especialmente dura com as mulheres. Os trabalhos de campo exigiam longos afastamentos do lar. Constituir uma família, principalmente na condição de mulher, era motivo para críticas tanto veladas quanto abertas. Muitos dos reagentes, fixadores, materiais de uso cotidiano para a preservação de espécimens são teratogênicos. Trabalhos de campo nas ciências biológicas exigem longos períodos de afastamento. Não há reconhecimento da condição possível e natural do corpo feminino de entrar em gestação diante do impacto que isso pode causar nas pesquisas, pois essas possuem suas próprias regras, respeito às sazonalidades ditadas pelo objeto estudado, períodos para financiamentos e prestação de contas de bolsas e projetos que, até bem pouco tempo, não reconheciam a possibilidade de uma licença maternidade remunerada. Eu me casei durante a graduação, mas não era possível me imaginar tendo filhos antes de ter a estabilidade de um contrato permanente, cuja perspectiva de surgir dependeria tanto do meu nível de produção quanto do aumento de investimentos, além da minha disponibilidade de morar em outros estados e/ou países.

Se o fazer moderno na minha trajetória exigia um corpo inerte, insensível, devotado ao objeto a ser estudado, esse objeto também recalcitrava. Corais que não apresentavam tempo de reprodução compatível com o orçamento da pesquisa para o aluguel dos barcos e equipamentos de mergulho necessários para coletas. Peixes que ousavam seguir padrões morfológicos discrepantes do resto de suas famílias nas hipóteses filogenéticas prováveis, criando inconsistências nas análises dos dados. Meus laboratórios não explodiram (LATOURE, 2008), mas não havia tempo ou dinheiro para traçar um diálogo com meus objetos de estudos. Hoje, acredito que as perguntas que fazíamos ao material não eram perguntas interessantes, cobrávamos que nos dessem as respostas que queríamos, dentro do orçamento e do tempo que dispúnhamos. E eles recalcitravam. Assim como a minha condição de ser mulher em um fazer que demandava que me comportasse tal como uma ciência feita por homens, seguindo suas disponibilidades que uma cultura machista poderia demandar. Precisava ser integralmente disponível, num corpo que não cogitasse ser um corpo gestante. Não demorou muito em minha condição de pesquisadora, ainda muito jovem, em acreditar que aquele universo não me pertencia e que meus objetos de estudo haviam sido “mal escolhidos”.

Revivi recentemente essa sensação ao assistir a defesa de dissertação de uma amiga (ROCHA, 2020), na mesma universidade onde ambas cursamos ciências biológicas e onde tornei-me mestre, me afetando profundamente. Era uma dissertação sobre o desenvolvimento

de recursos práticos para ensino de biologia, onde a experiência didática da autora e seu profundo envolvimento com esse fazer foram fundamentais para que o trabalho pudesse acontecer. Foram inúmeras formas (comunicação pessoal) de contrapor imprevistos em sua pesquisa, que aconteceu em uma escola pública no Estado do Rio de Janeiro. Trânsito, greves, experimento sendo comido pelos alunos, exaustão sobre um corpo feminino lidando com uma jornada tripla em meio a uma pandemia. Seu trabalho obteve grau 10 (dez), aprovado com louvor, elogiado em seu conteúdo. Dos pouquíssimos comentários na arguição, um se repetiu e me impactou de forma contundente. Em alguns poucos momentos, ao relatar sua experiência, a autora escreveu em primeira pessoa. Essa escrita foi criticada, relatada como não aceita por outros programas de pós-graduação. Sua orientadora, pesquisadora muito conceituada e elogiada por aceitar orientar uma dissertação voltada para algo ‘menos nobre’, o ensino fundamental e médio, saiu em sua defesa alegando que nas ciências humanas esse modelo de escrita era aceitável e muitas vezes estimulado nos mestrados profissionais.

Da educação básica ao ensino médio, assim como na psicologia, a grande maioria dos profissionais são fundamentalmente mulheres. Mais que isso, é lá também que o conhecimento produzido vai ganhar contornos teórico-vivenciais, práticos, capazes de afetar alunos para se engajarem e produzirem práticas de cuidado consigo, com os outros e com o planeta que vivemos, muitos deles escolhendo profissões inspirados pelos professores que encontraram. O material construído por Rocha (2020) é de fundamental simplicidade e clareza para compreender o funcionamento da membrana plasmática e a sua estrutura, responsável pela integridade celular, fundamental hoje para compreender as formas de contágio e combate ao Sars-Cov-2. Ou seja, fruto de práticas cotidianas de cuidado de quem precisa ensinar, com poucos recursos, conhecimentos para se viver de forma a produzir soluções criativas para um mundo adoecido.

Seria o cuidado muito melindroso para o imaginário das redes tecnocientíficas? Seria ele muito suspeito de uma naturalização de sentimentos que parecem contradizer os emaranhados naturocultural da tecnociência? Sem esquecer esta pergunta, é útil lembrar que, historicamente, as ‘tecnologias literárias’ (Shapin e Schaffer 1985; Haraway 1997a) usadas por conta das ‘questões de fato’ da ciência são destinadas a higienizar as coisas como fatos. Essas purificações e os silêncios que elas produzem não se aplicam apenas à tolice especulativa, política, pessoal, mesquinha e doméstica, mas também a afetos embaraçosos ridicularizados em contextos acadêmicos. A pesquisa feminista tem frequentemente confrontado estes hábitos de longa data e seus efeitos na forma como a ciência e a tecnologia são apresentadas. Fazer dos

engajamentos afetivos uma parte explícita da representação das coisas perturba estes hábitos de pensamento. (BELLACASA, 2017, p. 62, tradução nossa).⁹

Essa condição de ser mulher e cientista num universo dominado por homens é contada por Isabelle Stengers e Vinciane Despret (2014) e por outras mulheres pesquisadoras em *Women who make a fuss*¹⁰ (em uma tradução livre para o português, “Mulheres que fazem barulho”). A pergunta levantada no texto sobre o que é estar na universidade enquanto mulher tocou fortemente em minha história. Afinal, a ciência trata-se de um campo neutro e meritocrático, especialmente, quando se tem 17 anos na década de 90. Apenas durante a leitura de autoras feministas, que trazem a questão da ciência no feminismo, que aos poucos fui me dando conta da inadequação que muitas vezes senti e descrevo nessa tese. Stengers e Despret (2014), enquanto autoras feministas, situam a neutralidade da ciência como suposta obra de humanos, mas que historicamente era ocupada quase que exclusivamente por homens. Nesse sentido, não há problema algum que as mulheres ocupem seus lugares e sigam as normas ali construídas. Por homens. Enquanto mulheres somos mais que bem-vindas, mas desde que não causem transtornos a esse fazer já estabelecido, quer seja com sua linguagem, seus afetos, seus corpos, suas heranças e amarras culturais.

No entanto, algumas mulheres antes de nós, de forma sensível, encontraram saídas na invisibilidade que o meio acadêmico, frequentemente, as submetia. Alguns exemplos famosos são nas pesquisas conduzidas por Barbara McClintock (STENGERS; DESPRET, 2014) e por Marie Curie (PUGLIESE, 2007). Trabalhos que tiveram resultados surpreendentes e incontestáveis em suas áreas. O que essas mulheres trazem de comum é a sustentação de fazer o que elas consideram uma boa prática científica onde pesquisar COM o material é o elemento

⁹ No original: “*Is care too touchy-feely for the imaginary of technoscientific networks? Is it too suspicious of a naturalization of feeling that seems to contradict the naturecultural entanglements of technoscience? Without forgetting this question, it is helpful to remember that, historically, the “literary technologies” (Shapin and Schaffer 1985; Haraway 1997a) used in accounts of scientific “matters of fact” are meant to sanitize things as matters of fact. These purifications and the silences they produce not only apply to speculative folly, the political, the personal, the petty, and the domestic, but also to embarrassing affections ridiculed in scholarly contexts. Feminist research has often confronted these long-standing habits and their effects in the way science and technology are presented. Making affective engagements an explicit part of the representation of things disrupts these habits of thinking.*” (Bellacasa, 2017, p. 62).

¹⁰ A obra original, em francês, chama-se “*Les faiseuses d’histoires*” (DESPRET; STENGERS, 2013), título cuja a tradução para o português ficaria como “As contadoras de histórias”. No entanto, também é possível traduzir a palavra *histoires* como “barulho”, “alarde” dando um duplo sentido para o título do livro em francês, onde a tradução como “As fazedoras de barulho/alarde” também traz uma conotação adequada, uma chamada à ação que Stengers e Despret convocam. A edição em inglês da obra, oficialmente traduzida como “*Women who make a fuss*” (STENGERS; DESPRET, 2014) preserva esse sentido.

essencial para que as boas perguntas possam surgir (DESPRET, 2016; STENGERS; DESPRET, 2014).

A experiência como pesquisadora em um modelo onde há uma separação clara entre ciência e cultura, entre objeto e pesquisador, entre afeto e objetividade, me conduziu a olhar para outras possibilidades de pesquisar que fosse permeada de mais sentidos, conexões, vozes e relações com a vida vivida. Aceitei o convite de Haraway (2016) de ficar com o problema e trazê-lo para esta pesquisa de forma a buscar articulações que me permitissem integrar aquilo que vivi e vivo na relação da clínica com o cuidado, o social, o dinheiro e a ética nesse desafio do diálogo entre o que tradicionalmente seria chamado de humano e não-humano. Haraway também em seu raciocínio nos convida a pensar em formas expansivas, expressivas, múltiplas, tentaculares quando diz que: “‘Meu’ Chthuluceno, mesmo sobrecarregado com suas gavinhas gregas se emaranham em miríades de temporalidades e espacialidades e miríade intra-ativa de entidades-em-associação – incluindo o mais-que-humano, além-do-humano, inumano, e humano-como-húmus.” (HARAWAY, 2015, p. 160, tradução nossa).¹¹

Haraway em sua trajetória dialoga entre mundos, na própria rede, e traz nas histórias que conta sua potência de criar perguntas e construir possibilidades de permanência no mundo. E para isso não se limita aos recursos pobres das dicotomias, entretanto, de maneira sustentada por um fazer feminino de ciência, se pauta nas ricas articulações dos muitos recursos disponíveis no que chamamos de Terra e tudo que nela podemos chamar de parentes (no inglês, *kin*). Para isso, podemos contar com a colaboração de todas as relações de parentesco que podemos reconhecer e seus próprios nomes, figuras, ideias, histórias.

Mesmo rendida a um texto na linguagem Americana como este aqui, Naga, Gaia, Tangaroa, Medusa, Mulher Maravilha, e todas suas relações de parentesco são alguns dos muitos milhares de nomes próprios a um viés de FC que Lovecraft não poderia ter imaginado ou compreendido – nomeadamente as teias da fabulação especulativa, feminismo especulativo, ficção científica e fato científico. Importa quais histórias contam histórias, quais conceitos pensam conceitos. Matematicamente, visualmente, e narrativamente, importa que figuras figuram figuras, que sistemas sistematizam sistemas. (HARAWAY, 2015, p. 160, tradução nossa).¹²

¹¹ No original: “‘My’ Chthulucene, even burdened with its problematic Greek-ish tendrils, entangles myriad temporalities and spatialities and myriad intra-active entities-in-assemblages—including the more-than-human, other-than-human, inhuman, and human-as-humus.” (HARAWAY, 2015, p. 160).

¹² No original: “Even rendered in an American English-language text like this one, Naga, Gaia, Tangaroa, Medusa, Spider Woman, and all their kin are some of the many thousand names proper to a vein of SF that Lovecraft could not have imagined or embraced—namely, the webs of speculative fabulation, speculative feminism, science fiction, and scientific fact.8 It matters which stories tell stories, which concepts think concepts. Mathematically, visually, and narratively, it matters which figures figure figures, which systems systematize systems.” (HARAWAY, 2015, p. 160).

É importante notar que o acrônimo FC utilizado para supostamente falar do autor de Ficção Científica no inglês se apresenta como SF (*Science Fiction*). Notadamente SF também é um acrônimo válido para várias das situações que a autora nomeia como relações de parentesco, que podem tornar a permanência da vida possível, entre elas Fabulação Especulativa (*Speculative Fabulation*), Feminismo Especulativo (*Speculative Feminism*), Fato Científico (*Science Fact*) e Cama de Gato (*String Figures*). Algumas apresentadas nesse artigo citado e outras em seu livro “*Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*” (HARAWAY, 2016). De forma muito habilidosa ao fazer isso, Haraway concede a possibilidade de, em alguns momentos, qualquer uma dessas possibilidades de representação pelo acrônimo assumir o lugar de protagonismo na construção de mundos e articulações possíveis para a manutenção da existência no planeta. Em algumas situações, é possível ao leitor o exercício de substituição e até mesmo de adivinhação de qual termos seria o que melhor representaria o acrônimo SF. Esse recurso nos provoca e nos desloca para o que a autora convida o tempo todo, a pensar as relações inusitadas de parentesco como um recurso mais potente para contar as histórias que possibilitam a vida, quer essas relações se estabeleçam com a ficção científica, com o fato científico, com o feminismo especulativo, com as fabulações especulativas ou mesmo com uma brincadeira de cama de gatos, onde através dela os índios Navarro passam as suas heranças de forma oral para sua tribo.

A fabulação aparece também no texto de Stengers e Despret (2014), e sua evocação do grito “Pensar nós devemos!”. O que elas trazem em seu grito comum? Mais do que uma crítica ao modelo tradicional e moderno de ciência, elas trazem a vivência desse modelo em suas escritas, e se recusam a aceitar que estamos abandonados às catástrofes (HARAWAY, 2016; STENGERS, 2015). De forma propositiva, nos convidam a estabelecer relações outras com nossas práticas e com nossas histórias, enquanto mulheres fazendo ciência, e afirmar a importância de reconhecer que o pessoal é político na medida em que muito dos ecos vividos de forma isolada e silenciosa não o é de fato, reverberando em várias histórias. O “pensar nós devemos!” é um grito similar em relevância e necessidade com um outro, o “Isso Importa!” (STENGERS; DESPRET, 2014).

Convocar e evocar memórias pessoais teve como seu primeiro efeito a transformação do que tinha até então sido vivido como empírico, solto, e anedótico para um modo onde pedaços de história faziam sentido a outras, se descolaram das razões psicológicas e íntimas com as quais cada mulher tinha até então associado. Falando de nossas diferentes formas de fazer as coisas, de nossas recusas, mas também desses sentimentos de ter sido deslocadas, dos sentimentos de desconforto que crescia a cada

curva, não era mais um assunto de tagarelice, mas de uniformidade: de tornar-se capaz de sentir e dizer juntos: ‘Isto importa’. Ser capaz de fazer uma alegre confusão a esse respeito. (STENGERS; DESPRET, 2014, p. 53, tradução nossa).¹³

Mais do que um grito, elas trazem que no encontro entre duas singularidades surge um “nós” fabulado, mas real nas representações desse coletivo. Relações invisíveis, fabuladas, que partem de sofrimentos e criações em comum e ao mesmo tempo singulares, profundamente generativas que são nesse momento imprescindíveis quando falamos de cenários contemporâneos, que vêm recolhendo os estragos de posições ético-políticas cada vez mais polarizadas e destrutivas.

Essa polarização e seu grande potencial de dano já foi discutido por Stengers em outro livro, “No tempo das Catástrofes” (STENGERS, 2015) onde ela traz com ênfase a necessidade de encontrar outras saídas, outras palavras, ensaiar diferentes formas de pensar e agir. Trazer as práticas como possibilidades de conexões outras, outros modos de resistência, que sejam capazes de criar cooperações e substituições para um mundo onde o futuro e a necessidade de ação está no agora e não em um depois.

Relações inusitadas, mais que humanas, inumanas e humanas-como-húmus que, no presente estudo, vem se mostrando nas articulações entre a clínica em psicologia e o dinheiro, mediada pelas redes sociais, pelas estratégias de *marketing*, pela mídia, pelas convocações dos desafios de ficar com o problema de forma híbrida, trapeira, de onde os tentáculos e gavinhas do Chthuluceno me carregaram nesse percurso. Então, esbarraremos por panfletos digitais, matérias de jornal, propagandas coladas em paredes, manuais e códigos de ética, vírus e articulações inusitadas que convocaram desvios sobre como pensar as articulações entre a formação, a atuação, os tabus, a ética e o cuidado com a clínica em psicologia.

Assim como na aquarela, técnica que permite inúmeras camadas de tintas transparentes para se construir a complexidade de sombras e cor das imagens, uma imagem sempre pode ter um detalhe adicionado, uma camada a mais. Assim é uma tese. Trata-se também sobre um percurso que não comete a arrogância de pretender esgotar um assunto de tamanha complexidade, mas apresentar a forma como foi possível, seguir os atores e o que eles me

¹³ No original: “*Convoking and evoking personal memories had as its first effect the transformation of what had been up to then lived as empirical, unattached, and anecdotal into a mode where bits of history made sense to others, became detached from psychological and intimate reasons with which each woman had until then 54 associated them. Speaking about our different ways of doing things, of our refusals, but also of those feelings of having been displaced, of the feelings of discomfort that cropped up at every turn, was no longer a matter of chatter but of commonality: of becoming capable of feeling and saying together: ‘This matters.’ To be able to make a joyful fuss about it.*” (STENGERS; DESPRET, 2014, p. 53).

permitiram descrever para contribuir com a complexidade dessa temática (LATOURE, 2006). Da mesma forma que na aquarela, é necessário ao artista saber parar para que a obra consiga expressar tudo que era necessário naquele momento com a clareza, a beleza e o cuidado, para que provoque deslocamentos, emoções, curiosidade e transformações em quem a observa. A relação entre o dinheiro na clínica social ou de baixo custo, o *marketing* voltado à psicologia e à ética do cuidado na clínica, cada um desses temas em si possui a própria complexidade. No entanto, ao isolar cada tema, os desarticulamos dos atravessamentos que acontecem na vida vivida, em especial, daquelas pessoas que estão se inserindo no mercado de trabalho enquanto psicólogos clínicos. Neste sentido, a proposta dessa tese é voltar o olhar justamente para as práticas, abraçando o que a purificação dos temas não dá conta de olhar, as camadas que vão permitir uma compreensão mais rica da imagem feita tal como na aquarela. Annemarie Mol e John Law (2002) na introdução do livro organizado por ambos, “*Complexities: Social Studies of Knowledge Practices*” (no português, Complexidades: Estudos Sociais de Práticas de Conhecimento), sem tradução para o português, nos trazem pontos importantes para pensarmos as complexidades nos estudos das práticas. Pela definição de Mol e Law (2002) “Há complexidade se as coisas se relacionam, mas não se somam, se eventos ocorrem, mas não num processo de tempo linear, e se um fenômeno compartilha um espaço, mas não pode ser mapeado em termos de um único conjunto de coordenadas tridimensionais.” (p. 73, tradução nossa).¹⁴

As reflexões de Mol e Law (2002) buscam sair do binômio simplicidade versus complexidade, de forma não reducionista. As simplificações, muito comuns nas ciências modernas, constroem etapas onde os estudos acontecem de forma regulada e protegida nos laboratórios e, aos poucos, de forma ponderada, numa sequência de testes que ocorrem de forma mais ou menos linear no tempo, seguindo uma lógica argumentativa e acrescentando fatores, trazem uma possibilidade de avaliação dos temas que produzem tranquilidade acadêmica como, por exemplo, no desenvolvimento de medicamentos e vacinas. Mas Mol e Law (2002) alertam:

Este, então, é o primeiro passo. É dizer que as simplificações que reduzem uma realidade complexa ao que quer que seja que se encaixe em um esquema simples tendem a ‘esquecer’ o complexo, o que pode significar que este último é surpreendente e perturbador quando reaparece mais tarde e, em casos extremos, é simplesmente reprimido. (p. 111, tradução nossa).¹⁵

¹⁴ No original: “*There is complexity if things relate but don’t add up, if events occur but not within the process of linear time, and if a phenomena share a space but cannot be mapped in terms of a single set of three-dimensional coordinates.*” (MOL; LAW, 2002, p. 73).

¹⁵ No original: “*This, then, is the first step. It is to say that simplifications that reduce a complex reality to whatever it is that fits into a simple scheme tend to ‘forget’ about the complex, which may mean that the latter is surprising and disturbing when it reappears later on and, in extreme cases, is simply repressed.*” (MOL; LAW, 2002, p. 111).

Que outras formas de pesquisar tenham seu lugar e sua importância não é o que está em questão, as simplificações em algumas situações possuem sua capacidade produtiva. No entanto, o que o debate que ronda o tema ‘complexidades’ levanta são questões que buscam compreender, por exemplo, como a ordem lida com as complexidades? Suprimindo, expelindo ou produzindo? Como lidar com o caótico? (MOL; LAW, 2002).

Mais do que denunciar as simplificações Mol e Law (2002) se voltam para olhar como podemos aceitar, produzir e performar as complexidades. Para Mol e Law (2002) a tentativa de reduzir a complexidade a uma única ordem é dada à falha, se adicionarmos à discussão a ideia de multiplicidade, onde não há uma única ordem a ser analisada, porém, uma variedade delas, incluindo lógicas, estilos, repertórios, discursos, entre outras possibilidades que vão evidenciar ou silenciar aspectos diferentes de formas diversas, sobre uma temática, como mundos que se sobrepõem e coexistem. Para esses autores “Multiplicidade é, portanto, sobre coexistências em um único momento. Para dar sentido à multiplicidade, nós precisamos pensar e escrever de formas topológicas, descobrindo métodos para criarmos um espaço, para criarmos espaços, e para definirmos caminhos a percorrer através deles.” (MOL; LAW, 2002, p. 182, tradução nossa)¹⁶. Consideramos, com isso, que não lidamos com situações dicotômicas e reduzidas como certo ou errado, bom ou mal, contudo, com diferentes versões que não existem em realidades isoladas umas das outras, ou seja, ligadas a muitas diferentes formas de ordenamentos, lógicas, estilos, práticas que interferem e se conectam parcialmente umas às outras. “Precisamos pensar sobre o que é ser mais que um e menos que muitos” (MOL; LAW, 2002, p. 234, tradução nossa)¹⁷

Seguindo a linha de raciocínio desses autores, dois pontos são marcadamente importantes ao se trabalhar com multiplicidade. O primeiro é a transição de onde já não cabe mais questionar se simplificamos ou aceitamos a multiplicidade, para o momento de determinar que simplificação ou quais simplificações precisaremos atender e criar, ao fazer isso, o que colocaremos como figura e o que deixaremos como fundo. O segundo ponto enfatiza que não se trata apenas de uma escolha ou ordenamento entre eles, mas:

¹⁶ No original: “*Multiplicity is thus about coexistences at a single moment. To make sense of multiplicity, we need to think and write in topological ways, discovering methods for laying out a space, for laying out spaces, and for defining paths to walk through these.*” (MOL; LAW, 2002, p. 182).

¹⁷ No original: “*We need to think about what it is to be more than one and less than many.*” (MOL; LAW, 2002, p. 234).

No lugar disso é o que nós encontramos em lugares onde esses modos se encontram. Em algum lugar na interferência algo crucial acontece, pois enquanto uma única simplificação reduz complexidade, nos locais onde diferentes simplificações se encontram, complexidade é criada, emergindo onde vários modos de ordenamento (estilos, lógicas) se juntam e se somam confortavelmente ou em tensão, ou ambos” (MOL; LAW, 2002, p. 243, tradução nossa).¹⁸

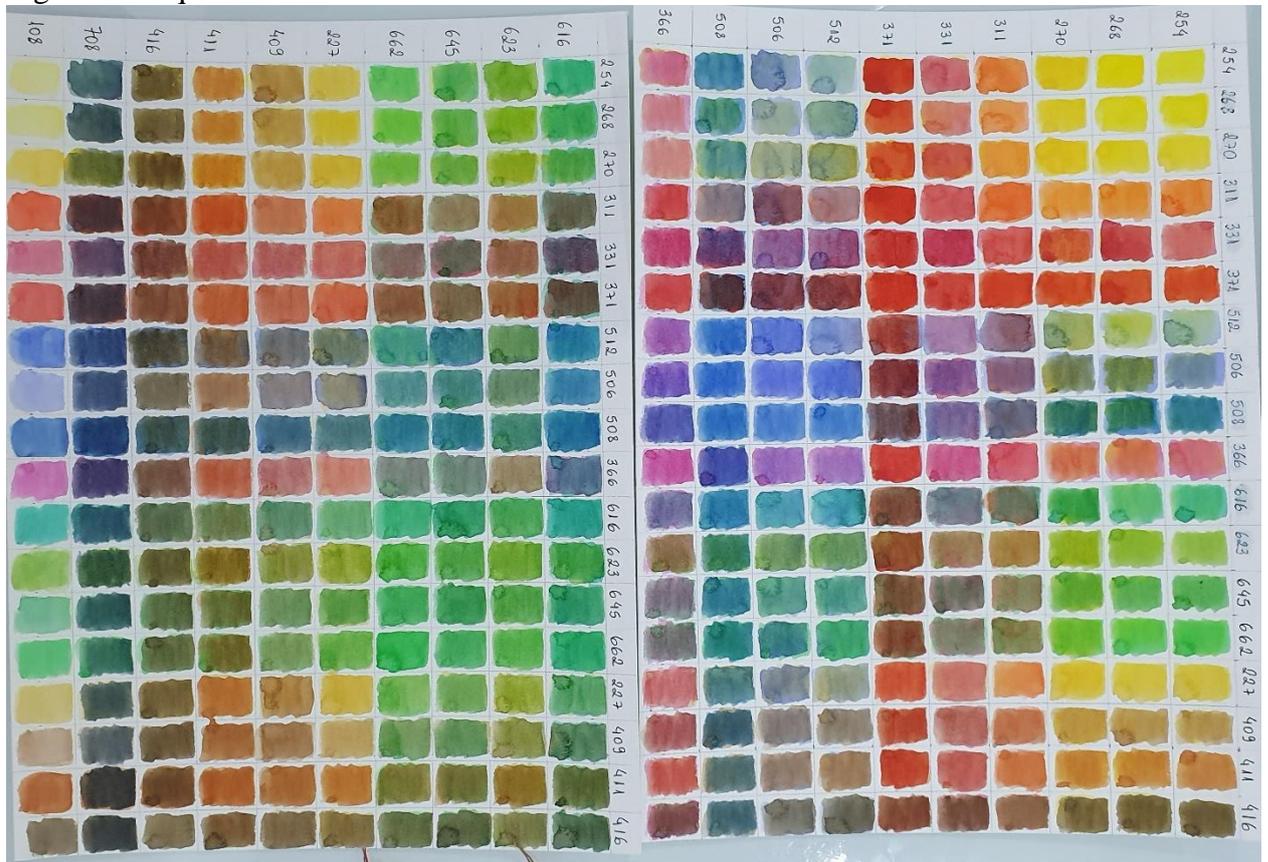
Como já mencionado, esse trabalho compreende a impossibilidade de exaurir temáticas como a clínica social, o *marketing* na psicologia, a relação entre a psicologia e o dinheiro, a ética em psicologia, ou mesmo a revisão profunda desse histórico. Pois cada um desses pontos possui seu grau de complexidade, suas múltiplas versões. Assim, a presente tese se propõe a ficar com o como esses temas vem sendo performados, de forma complexa, sobreposta e, muitas vezes, indivisível na forma como a psicologia clínica vem sendo praticada em sua versão apresentada em alguns veículos de grande alcance, como as redes sociais.

Essa provocação vai além do escopo do termo social do qual a clínica se apropriou em muitas regiões, mas de pensar a partir de situações cotidianas, situadas e que envolvem relações e agenciamentos múltiplos, que vão desde implicações e afetações subjetivas dos psicólogos clínicos, passando por demandas sociais, lugar da clínica e da psicologia, valor do trabalho do clínico, relações de desenvolvimento financeiro de uma profissão, demandas de uma sociedade enfrentando grandes crises com sofrimentos coletivos, chegando a uma ética e uma política do cuidado.

¹⁸ No original: “*Rather it is what we find ourselves at places where these modes join together. Somewhere in the interferences something crucial happens, for although a single simplification reduces complexity, at the places where different simplifications meet, complexity is created, emerging where various modes of ordering (styles, logics) come together and add up comfortably or in tension, or both.*” (MOL; LAW, 2002, p. 243).

2 CAPÍTULO II

Figura 3 – Aquarela Paleta de Cores



Fonte: Autora (2021).

Aquarela Paleta de cores.

Esse é um exercício de misturas das tintas que temos, que recolhemos, para as quais precisamos olhar e entrar em contato com as inúmeras possibilidades que elas permitem. Eram 20 cores disponíveis neste momento. É um momento importante de se apropriar das potências daquilo que carregamos conosco. Esse quadro ainda é um esboço das possibilidades, pois articula duas cores de cada vez. Pode-se misturar outras combinações de duas, três ou mais cores. É uma forma de ficar com o problema, com as limitações dadas pelo número aparentemente limitado de recursos que temos e criar a partir deles.

1.1. Pincelando as formas que ficarão como figura: o encontro com a psicologia

Se entrei na Biologia aos 17 anos, ainda muito jovem e imatura, aos 32 anos inicio o curso de Psicologia, já na condição de mãe, buscando uma carreira financeiramente rentável, onde a condição de ser mulher fosse acolhida. Conheci em minha jornada outras tantas mulheres que seguiram buscando a clínica como alternativa de trabalho flexível e autônomo dentro da profissão. A clínica poderia me oferecer essa possibilidade. Era um sonho antigo, uma possibilidade de carreira que, por muito tempo, concorreu com a Biologia antes do primeiro vestibular. Com a clínica eu poderia fazer meus próprios horários e manter práticas de cuidado comigo e com meus filhos, o que era relevante para mim, que desejava viver a maternidade de forma próxima aos filhos. A Psicologia é um curso majoritariamente feminino, na minha turma, como nas outras da mesma universidade, não havia mais que cinco pessoas do sexo masculino. Hoje, pelos dados do site do Conselho Federal de Psicologia (CFP)¹⁹ somos 330.734 mulheres, 52.288 homens e 8.904 não informados, num total de 391.926 psicólogos com registro profissional ativo no Brasil. Aproximadamente 84,2% dos psicólogos brasileiros são mulheres.

Estar na psicologia representava uma série de rupturas com minha formação anterior. Meu corpo já não estaria voltado para servir a uma profissão, mas a profissão se adequaria às minhas possibilidades. Representava também uma chance de recomeço, de fazer “certo” dessa vez, e uma das condições para esse “certo” acontecer era me manter focada a uma prática profissional não acadêmica. Se a intenção na primeira graduação era ser pesquisadora, nessa segunda isso era algo descartado, indesejado, a qual me insinuaram muito cedo na vida que não me serviria na minha condição de mulher, casada, com filhos. Ainda não havia para mim a percepção política das formas de se produzir ciências e corpos.

Hoje, compreendo que o “certo” ou “errado” dentro das minhas experiências profissionais não representam uma qualidade pessoal, um talento ou competência, mas uma adequação a determinadas normas moldadas para um corpo ao qual seria necessário abdicar de ou me ajustar aos paradoxos que ser mulher na ciência e na cultura, referenciada nos homens, nos impõe. Enquanto mulher em uma sociedade fundamentalmente machista, cuidar da casa, do marido e de filhos pequenos (que planejava) era o que eu deveria fazer para ser socialmente acolhida no final dos anos 90. Colocar minha profissão em primeiro lugar, com longas viagens

¹⁹ CONSELHO Federal de Psicologia. *A Psicologia Brasileira Apresentada em Números*. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2021. Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

e experimentos que demandavam períodos do ano regidos pela sazonalidade do material pesquisado, ditando assim folgas, feriados e férias, somados à imparcialidade diante do material pesquisado, implicava uma realidade onde o trabalho e as questões familiares domésticas são terceirizados. Sequer existia a possibilidade de licença maternidade²⁰ no universo do bolsista de pós-graduação, o corpo feminino e tudo que vem junto não se adequava às práticas de uma ciência voltada para o universo masculino. Somente durante a execução dessa pesquisa, pude me dar conta de que essa dimensão paradoxal do que vivi também é parte de um campo que vai colocar em visibilidade a dimensão pessoal que vai atravessar o universo das práticas de cuidado. Me lavando a compreender ainda quem são essas mulheres (em sua grande maioria) que se colocam nos panfletos e redes sociais todos os dias buscando, de maneira incansável, se estabelecer enquanto profissionais na clínica em psicologia.

Como mencionado antes, Stengers e Despret (2014) levantam a questão sobre o quanto uma ciência neutra e universal deixa de levar em conta quem a pratica e a quem ela é ensinada, quando não trata com a mesma seriedade mulheres que se dispõem a produzir diferenças relevantes no meio acadêmico. Afinal, nos trazem as autoras ecoando o pensamento feminista, o fato da ciência ser neutra, não marcada e, por apenas razões sócio-históricas contingentes, dominada por homens supõe que, enquanto neutra e enquanto método, essa ciência não se modificaria caso mulheres assumissem seu lugar na academia. Ou seja, “em outras palavras, mulheres eram bem-vindas na ciência na condição de que elas não se fizessem notar enquanto mulheres, que se apresentassem de forma como cientistas ‘não marcadas’ entre os outros cientistas.” (STENGERS; DESPRET, 2014, p. 34, tradução nossa)²¹.

Se naquele momento inicial fui ensinada que o pessoal era algo a ficar de fora, apolítico, uma forma onde o corpo e a sensibilidade feminina não pudessem estar a favor da ciência. Se a biologia me trouxe deslumbramento e frustração, na psicologia eu chego com os pés fincados no lugar ao qual eu supostamente pertencia, me colocando de forma muito intensa diante de uma outra realidade, além de enfrentamentos. Coisas que eu não esperava encontrar em uma graduação. Mas ali, nas paredes cinzas de uma Universidade carioca em um curso de psicologia

²⁰ Apenas recentemente, em 2021, pressionado por grupos de mulheres cientistas, a Plataforma Lattes sinalizou o reconhecimento do impacto que a maternidade tem na produção acadêmica feminina, inserindo um campo onde é possível incluir o tempo dedicado a licença maternidade. Na página *Parent in Science* (Disponível em: <https://www.parentinscience.com/>. Acesso em: 29 abr. 2021) é possível acompanhar muitas das demandas das mulheres para que a maternagem e o lugar da mulher na ciência possam coexistir.

²¹ No Original: “*In other words, women were welcome in science on the condition that they did not make themselves noticed as women, that they presented themselves as “unmarked” scientists among the others.*” (STENGERS; DESPRET, 2014, p. 34).

onde a psicologia social era um diferencial, me peguei surpreendida, repensando essa trajetória e reconfigurando minhas percepções sobre tal percurso.

O encontro com a clínica se confunde com minha experiência com a própria psicologia. Entrei sem conhecer muito, sem nunca ter feito terapia antes, mas sabia que era uma profissão que envolvia ajudar outras pessoas através da escuta e da fala. Era um universo de muitas mulheres e meu interesse se voltaria para a clínica infantil, refletindo meu momento com filhos pequenos em casa. Foram três anos durante a graduação como estagiária, e quase seis anos enquanto profissional de psicologia atuando em consultório privado.

Esse encontro com a clínica também não representou qualquer encontro. Parte dele está descrita em alguns artigos (PRESTRELO; ARAUJO; MORAES; MARQUES, 2016, ARAUJO; QUADROS, 2018, QUADROS; ARAUJO; SOUZA, 2018), mas certamente eles não dão conta da dimensão enquanto processo de formação. Assim como é no encontro com os materiais que o aquarelista vai se encontrando no que será seu material de trabalho, eu busquei durante a graduação experimentar o que a partir das descrições imprecisas dos colegas de graduação e alguns eventos produzidos pelo Laboratório Gestáltico²², poderia ser essa tal Gestalt-terapia. A primeira experiência que tive com a abordagem foi no projeto de extensão GAPsi – Grupos de Apoio Psicológico da UERJ, coordenado pela professora Eleonôra Prestrelo. Posteriormente, fiz o estágio curricular em Gestalt-terapia com a professora Laura Quadros. Essas duas experiências tiveram um impacto definitivo na minha formação. Não foi apenas pela dimensão de uma abordagem clínica, mas pela forma como conduziam seus trabalhos e suas pesquisas na perspectiva do cuidado no encontro com a TAR, que eu já havia me aproximado por meio das aulas da graduação ministradas pelo professor Ronald Arendt. Através destes encontros que, pela primeira vez, descobri que uma outra forma de pesquisar era possível. E foi, em particular no encontro com a Professora Laura Quadros que, de forma bastante respeitosa e cuidadosa, plantou em mim a possibilidade de me aventurar a novamente dar uma chance à carreira acadêmica, participando da seleção para o doutorado do programa.

A experiência enquanto estagiária no Setor de Psicologia Aplicada (representado pela sigla SPA ao longo do texto) em uma universidade pública como a UERJ, permitiu contato com muitas realidades, principalmente, com as parcelas mais pobres da população, onde conseguir vaga em um serviço público e de baixo custo era a única possibilidade de um acompanhamento

²² O “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas” é um projeto de extensão da UERJ, hoje vinculado ao Programa de mesmo nome, coordenado pelas professoras Eleonôra Prestrelo e Laura Quadros. Sob esse programa estão vinculados mais dois projetos, o GAPsi – Grupos de Apoio Psicológico”, coordenado pela professora Eleonôra Prestrelo, e o “COMtextos: arte e livre expressão na Abordagem Gestáltica” coordenado pela professora Laura Quadros.

ou “tratamento” psicológico. A escassez de vagas e as histórias ouvidas durante a triagem geram angústias e produzem mobilizações dos alunos para lidar com as demandas de quem aprende a lidar com o sofrimento alheio (ARAÚJO; QUADROS, 2018). O impacto dessa prática no SPA abriu um novo campo para minha perspectiva, como psicóloga e como pesquisadora.

1.4 No encontro da tinta com o papel, qual figura surge nesse fundo? O campo principal dessa pesquisa

Ainda que o curso de doutorado se iniciasse em 2017, foi certamente enquanto estagiária no SPA da Universidade, no sexto período do curso de psicologia, que ouvi pela primeira vez o termo “clínica social”, e o primeiro contato com o que viria a ser a figura²³ do campo de pesquisa. Isso aconteceu através da iniciativa de alguns alunos do curso que decidiram mapear, na cidade do Rio de Janeiro, todos os lugares que ofereciam atendimento por clínica social para que, na ausência de vagas na instituição, encaminhamentos pudessem ser feitos. Uma lista composta por, em sua maioria, universidades e cursos de especialização e pós-graduação. Agenciamentos multiplicadores de possibilidades de atendimentos.

Pude também compreender naquele momento a clínica social como uma possibilidade para muitos, como uma ação que envolvia atendimento, a baixo custo ou custo nenhum, às pessoas que necessitavam de acompanhamento psicológico, porém, não possuíam recursos para tal. Uma primeira versão dessa proposta que me remete ao sentido de ajudar alguém que precisa, através de um serviço que podemos oferecer.

No entanto, como mencionado acima, as controvérsias também já apareciam na minha vivência enquanto estagiária nos espaços de supervisão. Os usuários do SPA eram o nosso “principal recurso” prático de aprendizagem. Sem eles não há prática em psicologia clínica na universidade. Eles nos emprestavam de forma generosa suas dores, medos, sentidos, força, sabedoria, sonhos e esperanças. Era um privilégio poder estar com cada um dos clientes do SPA. Era difícil cobrar, ainda que um valor simbólico, para quem viabilizava minha formação

²³ Trago a ideia de figura a partir das leis da percepção da psicologia da Gestalt. Segunda a Psicologia da Gestalt essas leis, como a lei do fechamento, da boa forma, da semelhança, entre outras, são pressupostos que organizam a nossa percepção, onde as partes tomadas de formas separadas não se assemelham ao todo. Dessa forma, a percepção não é simplesmente uma soma de dados sensoriais, mas um processo ativo organizado sob uma forma, onde uma figura emerge de um fundo que a constitui e circunscreve, ou seja, a figura só possui significado em um contexto, um fundo e ambos estão em um processo de recuo e emergência permanentes (ARAÚJO, 2012).

profissional. Não era uma via de mão única, definitivamente. E os primeiros estranhamentos sobre esse fazer começam a aparecer. Assim como um cuidado para não se pensar a clínica social pelo viés da caridade, o que seria uma armadilha ou mesmo uma desqualificação, como mencionado por Despret (DESPRET, 1996), mas mapeando as controvérsias em torno dessa prática, dessa forma "O movimento é na contramão, e vai em busca de ferramentas que façam reverberar sons, multiplicar vozes." (PEDRO; MOREIRA, 2015, p. 1400).

As convocações para pensar na clínica social continuaram mesmo depois de formada. Quem são as pessoas que vou atender com um registro recente no Conselho Regional de Psicologia (a partir daqui referido como CRP), novinho e com cheiro que remete à falta de experiência de uma recém-formada? Quanto cobrar? Não discutimos isso durante a graduação, e agora? Os convites para atendimento de clínica social foram uma realidade marcante enquanto profissional recente e enquanto iniciava o doutoramento na mesma instituição que me formei.

Num olhar atravessado pela abordagem clínica por onde meu trajeto se constitui, a Abordagem Gestáltica, não posso deixar de considerar a clínica social como um fenômeno do campo, entendendo campo como tensões que pertencem tanto à pessoa quanto ao seu espaço existencial (ELÍDIO, 2012). No entanto, ainda que abordagens clínicas, como a Gestalt-terapia, utilizem esse conceito para se pensar um campo psicológico, considero para esse trabalho o campo numa dimensão onde há simetria entre humanos e não-humanos, posicionamento relevante para essa pesquisa, denominando-os todos como actantes (LATOUR, 2012). Um campo que faz fazer e, portanto, um campo de pesquisa.

Nesse caso, meu campo trazia as questões sobre quem atenderia no início da vida profissional, o valor do meu trabalho, o acolhimento aos que demandavam por atendimento... tais atravessamentos eram muito concretos na prática cotidiana e faziam parte das angústias compartilhadas com colegas desde a graduação (QUADROS; ARAUJO; SOUZA, 2018). Todos os meus primeiros clientes foram demandas de clínica social, compreendida ainda nesse momento como uma clínica de valores financeiros mais baixos. E de muitos colegas de profissão também. Perguntas como, por exemplo, "você já conseguiu cobrar o valor cheio (da sessão)?" assustavam e passavam alguns recados, o principal deles era que esse era um espaço de negociação de valores recorrente. De forma semelhante, conhecidos que me procuravam em busca de indicações de profissionais que pudessem atender a valores baixos e/ou simbólicos, e os meus recorrentes contatos para encaminhamentos rapidamente acolhiam tais demandas.

De maneira igualmente intrigante, meus clientes durante os momentos de negociação se recusavam a dar uma estimativa de valor que seria possível para eles e traziam, por vezes,

questionamentos sobre se sentirem inadequados para darem um valor monetário ao meu trabalho, ainda que pedissem por um valor reduzido. Nesse sentido, as controvérsias quanto ao valor do trabalho do psicólogo nessa relação com o “social” se mostram, em sua complexidade, profundamente ligadas ao trabalho do clínico em psicologia. Tanto aos olhos e afetos dos profissionais quanto dos clientes que nos buscam. Uma profunda reflexão sobre isso no contexto da clínica é vital, pois é nesse espaço de escuta e acolhimento que um dos mais importantes exercícios acontece. Trata-se de o profissional estar atento às suas próprias questões para que possa estar disponível ao cliente, ao que ele traz e ao que se apresenta no encontro. E o valor do trabalho é, sem dúvidas, uma questão que atravessa essa relação. Estar atento a isso implica em um cuidado ético com uma prática profissional. Implica também em profundas reflexões sobre a formação do psicólogo nas universidades.

Ainda que a ideia fosse iniciar essa pesquisa com entrevistas com profissionais autônomos e responsáveis por estabelecimentos, me deparei com alguns atravessamentos iniciais. A UERJ enfrentava um período de crise. As greves de docentes e funcionários produziram uma lentidão da avaliação dos trabalhos enviados ao comitê de ética da universidade, etapa recomendada pelo programa para a autorização das entrevistas. Nesse período, eu também passava pelo amadurecimento do meu tema, que teve como consequência a mudança dos rumos da pesquisa após o primeiro semestre do doutorado. Desta maneira, a decisão foi de adiar o envio do projeto, na esperança da situação se regularizar na universidade, o que aconteceu já no fim do segundo semestre, permitindo uma maior aproximação e amadurecimento das convocações que essa pesquisa me provocava.

A reescrita do trabalho para a submissão ao comitê de ética trouxe também outras afetações, conflitos inerentes aos rumos que o trabalho precisaria seguir. Meus rumos não estavam fechados, como ainda não estão, e essa submissão exige diretrizes claras com relação às perguntas, seus sujeitos, questionários, modelos pré-fabricados necessários para a avaliação de um comitê de ética na área de saúde.

O rigor ao qual a TAR convoca o pesquisador diz respeito ao campo, a como seguir as agências, o movimento que constitui as redes. Neste sentido, enquanto o comitê tem como diretriz uma definição dos grupos/sujeitos a serem estudados e o modo a ser autorizado para obter as informações necessárias, a metodologia que me proponho a usar caminha em outro sentido.

Segundo, sempre que algum trabalho é necessário para traçar ou retraçar as fronteiras de um grupo, outros agrupamentos são classificados de vazios, arcaicos, perigosos,

obsoletos, etc. É pela comparação com outros vínculos concorrentes que se enfatiza um vínculo. Assim, para cada grupo a ser definido, aparece logo uma lista de *antigrupos*. Isso é muito vantajoso para quem observa, pois significa que os atores estão sempre mapeando o ‘contexto social’ em que estão inseridos e oferecendo ao analista um arcabouço teórico completo do tipo de sociologia com que pretendem ser estudados. Por isso é tão importante *não* definir de antemão que tipo de agregados sociais poderia fornecer o contexto para todos esses mapas. O delineamento de grupos é não apenas uma das ocupações dos cientistas sociais, mas também a tarefa constante dos próprios atores. Estes fazem sociologia para os sociólogos, e os sociólogos aprendem deles o que compõe seu conjunto de associações. (LATOUR, 2012, p. 56, grifos do autor).

Para Latour (2012), delinear previamente um grupo, limitá-lo, restringi-lo, é uma forma de silenciamento de seus atores. Ele sugere, então, que fiquemos com as fagulhas, com as controvérsias, o que “significará que devemos levar a sério as diferenças palpáveis e, às vezes, estranhamente pequenas entre as muitas maneiras pelas quais as pessoas ‘realizam o social’? Temo que sim.” (LATOUR, 2012, p. 62).

O atravessamento entre as demandas dos comitês de ética nas pesquisas com humanos, voltadas a um protocolo, muitas vezes, montado para uma determinada forma moderna de pesquisar, vem se colocando como uma questão política a estrangular formas de pesquisar que se sustentam em outros referenciais não modernos. Especialmente, quando a aprovação pelo comitê passa a ser requisito para a publicação de artigos em várias revistas científicas. A dificuldade de quem faz uma pesquisa que foge da normatividade do comitê foi descrita por Mello (2016), onde a autora apresenta no artigo os percalços encontrados para conseguir aprovação de seu projeto de mestrado. Mello aponta em seu texto os pontos críticos nos embates que travou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC.

Conforme aponta Debora Diniz e Iara Guerriero, a divergência perante a regulamentação nacional da ética em pesquisa basicamente se resume em dois pontos críticos: o primeiro é o modelo de raciocínio dedutivo que se espera de um projeto de pesquisa submetido à avaliação de um comitê de ética em pesquisa, uma vez que no caso de pesquisa social não faz sentido apresentar as mesmas seções de uma pesquisa biomédica, isto é, ‘com especificações sobre pergunta, problema, hipótese, amostra, critérios de inclusão e exclusão de participantes, riscos ou benefícios pré-estabelecidos’, porquanto esta perspectiva prima pela hegemonia da objetividade e racionalidade científica tratando a ética em pesquisa com seres humanos fora de suas particularidades culturais; e 2) a obrigatoriedade do termo de consentimento livre e esclarecido por escrito e anterior à etapa da coleta de dados, especialmente no caso de pesquisas de cunho etnográfico. (MELLO, 2016, p. 3274).

Bellacasa (2017) também vai trazer em sua discussão sobre cuidado enquanto uma ético-política a questão da ética em pesquisa diante do que ela vai chamar de “era da ética” (no original, *age of ethics*), onde as políticas de conhecimento se apresentam como uma boa forma de representar como uma ética de um pensamento hegemônico se mostra em ação. Enquanto a

ética deixa de ser uma matéria da filosofia e ganha relevância em muitas áreas de uma forma vaga, nas instituições, onde o foco é a produção de conhecimento, a ética vem ganhando formas cada vez mais normativas e incisivas na legitimação de estratégias de trabalho. Bellacasa (2017) também afirma que: “Nas ciências sociais, uma regulação formalizada de procedimentos de pesquisa frequentemente se traduz em uma abordagem em ‘caixas de seleção’, na qual ‘ética’ se transforma em algo programável e formulaico – um outro aparato contábil (Boden, Epstein, and Latimer 2009).” (p. 131, tradução nossa).²⁴

Essa versão hegemônica de Ética, normalizada e incorporada, aqui apresentada por Bellacasa (2017) com letras maiúsculas em contraste a uma ética não normativa a qual queremos, Bellacasa e nós, nos engajar, atravessa todas as disciplinas numa tentativa de preservar os mais vulneráveis, mas que vem levantando muitos questionamentos sobre como essa forma hegemônica de ética, em muitos momentos e disciplinas, acaba reiterando formas de dominação, ao invés de se engajar como instrumento de reorganização e visibilidade (Bellacasa, 2017).

Sigo então com a opção de adiar as entrevistas e o encontro com as demandas com o comitê de ética, de forma que possa ficar um pouco mais com o que venho encontrando e que me causa estranhamento, inquietação, ao longo do meu percurso clínico. Assim, sigo com as controvérsias. Nobre e Pedro (2010) exploram a controvérsia como temática, nos pontuando a importância das controvérsias para o rastreamento das redes:

O termo controvérsia refere-se a uma disputa em que se alegam razões pró ou contra, onde se podem evidenciar movimentos cujo desdobramento será a consecução de um objetivo comum. Para se originarem tais controvérsias, necessita-se que exista algum tipo de produto ou processo – foco da disputa e que existam porta-vozes de modalidades negativas e positivas respectivamente, isto é, construam argumentações que conduzam ou afastem os artefatos para/de uma condição de produzidos. A partir da análise de tais embates, alguns autores sugerem que uma das principais revelações dos estudos de controvérsias é o uso que as partes oponentes fazem de informações e conhecimentos conflitantes. O que se busca evidenciar, com isso, é que não há ‘fatos puros’ e tampouco a informação é algo neutro; em outras palavras, que os argumentos mobilizados implicam jogos de poder e força que se expressa na solidez que os fatos vão adquirindo. (p. 53).

Nobre e Pedro (2010) afirmam também que justamente a análise das controvérsias vão favorecer a sintonia com alguns pressupostos da TAR de que os dispositivos experimentais e objetivos falham em resolver as disputas sobre os fatos. É, portanto, através do rastreamento

²⁴ No original: “*In the social sciences, a formalized regulation of research procedures often translates into a “tick box” approach, in which “ethics” becomes programmatic and formulaic—another accountability apparatus (Boden, Epstein, and Latimer 2009).*” (BELLACASA, 2017, p. 131).

dessas controvérsias que podemos chegar nas conexões que compõem as redes, pois elas permitem a visibilidade dos processos. Elas produzem existências. Dessa forma, não cabe a uma pesquisa fundamentada numa sociologia das associações explicar tais controvérsias, mas justamente descrevê-las, de forma mais precisa possível, sem apelar para a profundidade, já que o foco é justamente outro, é o de um avanço lento que possa se aproximar de um relato, funcionando como um laboratório capaz de dar voz aos actantes.

Desse modo, a objetividade de um texto é garantida com a ‘vida’ que ele traz a cada passo, buscando manter o indeterminado das conexões sempre presente. Redes não são sólidas. Não se deve abordar um coletivo como uma estrutura dura e a representar no papel. Faz-se necessário seguir seus movimentos indeterminados e ‘colar’ nele nossos instrumentos textuais. Desse modo, conforme aborda Latour, busca-se criar uma continuidade articulada entre o evento estudado e a performance literária. Não se intenciona alcançar um relato fiel de uma realidade. (NOBRE; PEDRO, 2010, p. 55).

Voltando meu olhar para as controvérsias percebo que meu campo já havia iniciado, antes mesmo das angústias que o comitê de ética me provocou.

Enquanto me estabeleço no mercado de trabalho como psicóloga clínica, construindo um meio de viver da profissão escolhida, como esperado em qualquer carreira, me deparo com perguntas que não fui academicamente preparada para responder, com situações que exigiram pensamentos rápidos sobre a relação clínica-convocações-dinheiro e com angústias de um mundo em intenso sofrimento. Como me estabelecer? Ter clientes? Quanto cobrar? Através de acolhimentos e indicações de amigos, me dei conta, já nesse início, que a negociação de valor era uma dimensão muito importante e, sobretudo, as expectativas. Alguns atendimentos que chegavam mal cobririam custos básicos da hora de um consultório, além das taxas que permitiam seu funcionamento e da minha autorização para clinicar. Ainda assim, aparecia uma outra dimensão do que aqui chamamos clínica social. Por algum tempo, esses foram os únicos clientes que chegavam. E ter poucos clientes pagando pouco era melhor que estar afastada de um fazer profissional, pois me instrumentalizavam profissionalmente, ampliavam minha rede de indicações e, em pouco tempo, permitiram uma prática autossustentável. Algumas pessoas perguntavam se eu fazia clínica social antes de me encaminhar seus conhecidos. Essa pergunta sempre me trouxe hesitação, pois nunca era claro o que era a clínica social para quem perguntava. Foi assim que aprendi com minha supervisora um jeito de lidar com isso, perguntando: qual sua expectativa de valor?

Essa pergunta ajudou muitas vezes, mas não dava conta de todos os atravessamentos que a compõe, pois abre um outro leque de controvérsias acerca dessa prática. Os valores

variavam fortemente no entendimento de cada um. Outros clientes me devolviam a pergunta de forma desconcertada e, ao mesmo tempo, desconcertante para uma psicóloga iniciante com falas de que não se sentiam à vontade de dizer o quanto meu trabalho valia. Considero até hoje essas duas perguntas de profunda relevância e elas me acompanham cotidianamente no consultório. E me acompanham ainda nessa tese.

Em sua tese de doutorado, Quadros (2011) discorre sobre os obstáculos enfrentados na prática clínica e apresenta o que denomina como “O fio do dinheiro” como um deles. Os psicólogos entrevistados pela autora apontavam a questão do dinheiro como o primeiro obstáculo na inserção profissional na clínica, as dificuldades de se viver da clínica inicialmente, a falta de recursos para investir na formação, por vezes a necessidade de se buscar um trabalho que oferecesse um “fixo” para poder sustentar o consultório e as cobranças dos familiares pela autonomia financeira. As falas dos entrevistados levam Quadros a revisitar sua própria trajetória e as especificidades dessa escolha profissional, remetendo-a a antigas profecias, que perduram ainda hoje. São associações que remetem o trabalho com a clínica ao insucesso financeiro, como uma prática permeada de idealismos e improvável de prover um sustento financeiro. Lembrome de forma muito clara, enquanto aluna de graduação da professora Laura Quadros, do estranhamento ao ouvir que a clínica sempre esteve em sua vida de forma financeiramente sustentável, que isso era possível e mesmo em tempos mais duros na realidade do país. Sim, talvez algumas profecias se sustentem com força, como as falas que disseminam que viver de clínica é um idealismo, levando em conta que o próprio investimento na clínica como profissão implica em uma aposta, uma insistência diante de muitos discursos desmotivadores.

O dinheiro então surge como provocador de angústia em muitos dos relatos que recolheu durante o seu doutoramento. Sua experiência tanto na prática clínica quanto na docência na graduação em psicologia permitiu que, ao olhar para esses relatos, outros questionamentos a atravessassem. Não apenas um reconhecimento quanto ao ensinamento e até mesmo a um mal-estar que os assuntos ligados ao dinheiro provocava nos entrevistados. Questões efetivas sobre como esse assunto era tratado na dimensão acadêmico-profissional dos cursos de graduação são colocadas por Quadros (2011), inclusive a dimensão do preparo que os alunos recém-formados deveriam ter para o enfrentamento dessas questões, como o conhecimento de despesas fixas, variáveis, investimentos em formação e a própria realidade financeira de cada um que, por vezes, dificulta a legitimação de um valor que possa ser considerado justo enquanto remuneração profissional. Mesmo alunos do último período do curso possuem dificuldades ou poucas referências sobre o valor do seu trabalho, relata a autora em sua tese.

Recentemente, ao avaliar uma monografia de graduação, me propus a sentar e conversar um pouco com a aluna sobre seu trabalho. Uma agradável conversa onde também falamos sobre o tema dessa tese, o que despertou muita curiosidade. Conversamos um pouco sobre o que era esse valor para ela, da clínica social e quanto ela considerava um valor justo para seu trabalho agora como profissional. Essa pergunta ainda aparece anos depois com pouca clareza, uma mistura de ajudar as pessoas, não ser cara, pouca dimensão dos custos e investimentos necessários, o que pude notar durante esse encontro. Trabalhar como autônomo possui um custo inicial elevado e demanda clientes. Utilizamos para isso recursos tecnológicos para divulgar o trabalho, atrair clientes e, em especial, as redes sociais. Páginas em *Facebook*, *Linkedin*, *Instagram*, participação em grupos de compartilhamento de materiais, dúvidas, sublocação, divulgação de serviços, cursos, treinamentos, *marketing* para psicólogos, resultados rápidos, novas terapias psicológicas, muitos cursos oferecidos por psicólogos (Figura 4), alguns inclusive por não psicólogos e alguns sem qualquer compromisso com o código de ética (Figura 5).

Figura 4 – Cursos oferecidos por psicólogos

EDUCAÇÃO

O caminho das pedras da psicologia clínica

Curso on-line 'Sou psicólogo, e agora?' tem oito módulos

Se você é estudante de Psicologia ou psicólogo recém-formado e ainda se acha meio inexperiente para começar a atuar na psicologia clínica, uma boa pedida para ganhar confiança e amadurecimento é o curso on-line "Sou psicólogo, e agora?", ministrado há três anos por Renata de Azevedo, psicóloga desde 2009 e coach.

— Muita gente (inclusive familiares e professores da faculdade) tem a crença de que clínica não dá dinheiro, principalmente se você não tem um psicólogo na família para lhe indicar clientes e lhe ceder o consultório. No curso, vou mostrar que é possível, sim, viver da clínica — garante Renata.

O curso tem oito módulos: a escolha do consultório; lidando com o dinheiro; primeira sessão eficaz; contrato de terapia; como conseguir seus primeiros clientes; como se desenvolver como terapeuta; a vida fora do consultório; redes sociais e telefonemas; plano de ação.

Outras informações sobre o curso no site renatadeazevedo.com.br ou pelo telefone 97152-9120.

Experiência. Renata de Azevedo é psicóloga formada pela UFRJ

Fonte: Publicado no caderno de Bairro do Jornal O Globo de 26/01/2019. A reportagem pode ser acessada no site da entrevistada. Disponível em: <http://renatadeazevedo.com.br/index.php/na-midia/attachment/o-caminho-das-pedras-da-psicologia-clinica/>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Figura 5 – Cursos oferecidos por não psicólogos

CURSO DE
Posicionamento Digital
para psicólogos clínicos

Início
07 Março
2019

Módulos

1. Instagram Marketing - Planejamento inicial e ferramentas.
2. Marketing de Conteúdo - Campanhas, estrutura e artes gráficas.
3. Perfil Profissional -Desenvolvimento e criação.
4. Captação de Clientes - Divulgação de serviços, vendas e estratégias.

Duração: 4 meses
Aulas: Quintas-feiras de 14h as 17h.

Local: [REDACTED] /RJ

Inscrições
(21) [REDACTED] ou
[REDACTED]@ [REDACTED]

[REDACTED]
Eng. de Produção / MBA Gerenc de
Projetos / Coach de carreira
Idealizadora do @ [REDACTED]

Fonte: Retirado da rede social *Instagram*. Postagem pública em 20/01/2019.

E nos meios digitais surge novamente ela, em dezenas de panfletos *online*, para grupos restritos ou ampla demanda, a clínica social. Ao longo do doutoramento fui acompanhando a divulgação, inicialmente, desses panfletos divulgados nas redes sociais, mas também de *stories*, *lives*, *e-books* e, mais recentemente, de *Reels* e *TikToks*²⁵ num fluxo cada vez mais rápido em

²⁵ *Stories*, *lives* e mesmo os *e-books*, *Reels*, *TikToks* são formas de divulgação de conteúdo e *marketing* muito comuns nas redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*, ou se constituem por si como rede social, como é o caso do *Tik Tok*. O *stories* são caracterizados por sua permanência volátil, possuem temporalidade determinada de 24 horas, ainda que possam ser salvos como no perfil de forma permanente de acordo com o desejo do administrador. É possível nos *stories* convidar o público a interagir com perguntas e comentários de forma privada, mas que podem, caso a administrador assim o deseje, ser compartilhadas em outros *stories*, frequentemente invisibilizando a identidade de quem comentou ou perguntou. O aspecto dinâmico desse tipo de comunicação é tão relevante que muitas vezes alguns perfis avisam nos *stories* que há postagem fixa nova no perfil. Outra característica marcante dos *stories* é a possibilidade de acompanhar o número de pessoas que o visualizaram, bem como a identidade das pessoas, oferecendo ao administrador do perfil uma dimensão clara e rápida do alcance e reação do público ao que foi compartilhado. As *lives* são vídeos com duração variável, raramente ultrapassando duas horas. Como a tradução do inglês do próprio termo significa “ao vivo” e assim a maioria costuma ser, promovendo uma interação em tempo real entre o público e o apresentador, e costuma estar aberta a comentários públicos feitos durante a apresentação. Podem também ser salvas pelo administrador da página. Muitas vezes se constituem como entrevistas, bate-papos, aulas e apresentação de cursos. *E-books*, ainda que sejam exatamente o que o termo propõe, o livro eletrônico que pode ser baixado de forma gratuita ou paga, no contexto das redes sociais se apresentam como material de divulgação privada, individual, que não passaram em sua grande maioria por um corpo editorial. Existem perfis que ensinam a produzir *e-books* para divulgação de conteúdo. *Reels* e *TikTok* são redes sociais que se constituem de vídeos curtos, menos de 1 minuto, postados em fluxo onde com um simples toque pode-se passar de um vídeo para o seguinte em microssegundos. Quanto mais tempo você permanece ou

expansão das mídias digitais, e toda uma diversidade de cursos e produtos para consumo de um público cujo interesse é se tornar um profissional de sucesso. Nos últimos quatro anos, venho acompanhando o crescimento de um processo de envolvimento da psicologia clínica com estratégias voltadas à captação de clientes, incluindo algumas posturas agressivas de *marketing* que implicavam a articulação de outros saberes, notadamente mercadológicos com as práticas éticas e de cuidado na qual a clínica se constitui e se nutre de sentido.

A experiência de formação, atendimento profissional e, principalmente, uma convocação que se dá a partir da vivência clínica e de um campo onde essa inserção acontece, situada, com as peculiaridades nas quais a psicologia clínica enquanto prática de cuidado, profissão e fazer científico se constituem, bem como a clínica social, uma construção que se dá também na forma cotidiana e mesmo marginal, me trouxe muitos questionamentos.

Um desses foi a necessidade de me aproximar dos significados atribuídos ao termo. Segundo o dicionário online Michaelis²⁶, marginal entre suas muitas definições é “1 - relativo à margem”, mas também “6 - Localizado no limite, nos extremos ou na periferia” e/ou “9 - Que é pouco significativo para fazer a diferença num dado sistema”. Trago essas definições possíveis do termo como questão a desenvolver para a tese, pois cada uma dessas descrições para o termo esbarra nos meus encontros com a clínica social nesse percurso profissional.

Para iniciar essa discussão, alguns questionamentos feitos por Araujo, Quadros e Arendt (2019), sobre o papel do processo terapêutico, podem nos ajudar a refletir sobre a temática e a considerar os efeitos de uma recorrente negociação de valores no campo de uma prática. Assim, tal prática, tão diversificada e caracterizada pela abertura, que inclui também a dinâmica financeira, já não produz efeitos de deslocamentos e criação de possíveis?

O termo ‘Clínica social’ é corriqueiro entre os profissionais da psicologia clínica sobre o qual não existe um consenso além da implicação de um atendimento em valor abaixo dos valores de mercado ou mesmo gratuito. Não há consenso sobre quais valores são sociais, sobre a duração das sessões nessas condições, sobre a quantidade de pessoas em atendimento (grupo ou individual) e nem sobre a frequência ou lugar em que esses atendimentos acontecem. Alguns clínicos consideram como social um valor abaixo da tabela sugerida pelo Conselho Federal de Psicologia, outros um valor que pague apenas as despesas do consultório para aquele horário, outros praticam esse tipo de clínica em espaços como igrejas ou ONGs e, nos últimos tempos, frequentemente os atendimentos possuem horário reduzido de 50 minutos para 30 minutos, instaurando-se aí uma nova peculiaridade talvez adaptada às demandas atuais de celeridade. (ARAUJO; QUADROS; ARENDT, 2019, p. 301).

mais repetições assiste dos mesmos vídeos, mais você permite a rede social “aprender” sobre os assuntos que interessa ao usuário, ajustando dessa forma o conteúdo, além de outras formas de interação tais como curtidas, comentários, salvar e compartilhar o vídeo de forma privada ou em outras redes sociais.

²⁶ Michaelis dicionário da língua portuguesa online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Marginal/>. Acesso em: 24 jan. 2019.

As justificativas para compor esse valor frequentemente flutuam entre uma ideologia de que a psicologia é para todos, reproduzindo um modelo de assistência, até uma forma de divulgação do trabalho para os iniciantes. Todos esses pontos sobre a clínica social são controversos, geradores de polêmicas, motivo de fiscalização do Conselho e vão compor um quadro extremamente múltiplo e controverso.

Vale ressaltar que sequer o termo “social”, da forma como é usado na psicologia, faria sentido a muitos sociólogos. Para isso, busco um conceito de social tal como Latour (2012) nos convida a pensar:

[...] Ainda que a maioria dos cientistas sociais prefira chamar ‘social’ a uma coisa homogênea, é perfeitamente lícito designar com um mesmo vocábulo uma série de *associações* entre elementos heterogêneos. Dado que, nos dois casos, a palavra tem a mesma origem - a raiz latina *socius* -, podemos permanecer fiéis às instituições originais das ciências sociais redefinindo a sociologia não como a ‘ciência do social’, mas como a *busca de associações*. Sob este ângulo, o adjetivo ‘social’ não designa uma coisa entre outras, como um carneiro negro entre carneiros brancos, e sim um *tipo de conexão* entre coisas que não são em si mesmas sociais. (LATOUR, 2012, p. 23, grifos do autor).

A convite de Latour podemos pensar a clínica ou o atendimento social a partir de um outro referencial para a palavra social. Buscar ao longo e quem sabe ao fim do trabalho essa relação entre o social “coisa”, que aqui entendemos como “baixo custo” ou “barato”, para o *social das associações*, dando ênfase nas conexões que a sustentam. E é seguindo isso que iniciamos tais reflexões, a partir da criação desses novos espaços, indeterminados, plurais, que produzem ações e nos fazem fazer enquanto psicólogos. Uma leitura outra voltada para um olhar sobre como isso acontece, valorizando o aspecto descritivo, sem a pretensão explicativa de porque isso acontece. A dimensão explicativa do conceito tradicional de social nos remeteria ao que Bruno Latour (2012) chama de um social adjetivo, que alude a algo que já está agregado, dado, passível de ser explicado sem levar em conta a natureza do que o agregou. Um social que é explicado pelos sociólogos, formulado por hipóteses inspiradas num pensamento causal, moderno e essencialmente formado por atores humanos; e uma outra proposta de leitura desse social que adotaremos nessa tese, descritiva e não explicativa, onde é necessário seguir os agenciamentos entre humanos e não humanos para poder compreender as redes formadas, que são únicas e locais. Nossa busca é justamente pelas associações que o fazem acontecer, pela dimensão descritiva das associações que sustentam a clínica social em seu aspecto de rede, múltiplo, controverso. Pelas suas articulações em outros possíveis, compreendida a partir de

como se mostra na prática vivida por profissionais, estudantes e, se possível, também usuários, e sua dimensão marginal no que tange as diretivas do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Alertamos ao leitor que não é objeto desse texto discorrer acerca das diferentes abordagens clínicas em psicologia, muito menos as peculiaridades e produções desses modos distintos de intervenção. O propósito é estar atenta aos sentidos e efeitos que esse binômio clínica social produz na prática clínica, nas dimensões que esse estudo conseguir alcançar. É provocar algumas reflexões sobre o que chamamos peculiarmente de “clínica social” ou “atendimento social” em psicologia, referenciados pela Teoria Ator Rede (TAR), pelos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS).

3 CAPÍTULO III

Figura 6 – Aquarela Praia



Fonte: Autora (2021).

Aquarela Praia.

Essa imagem foi pintada a partir de uma aula gratuita (Vídeo do Canal do YouTube “Escola de Artes Fabricia Gonçalves. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qeyzMUrvaWc>. Acesso em: 17 fev. 2021). Pintar o mar não é fácil para mim. Ler o mar é um exercício que desafia, suas cores, o movimento da água, a espuma das ondas, o branco que surge nos reflexos e na água batendo. Pintar essa imagem veio com um inesperado na minha experiência de aquarelista amadora iniciante. Eu precisava antes seguir a professora de arte e fazer um treino de leveza da mão. Foi necessário ensinar a mão a ser curva, ser movimento onda-mar para poder estar COM o mar nessa pintura.

3.1 Aquarela também tem regras e técnicas, mas nem sempre elas bastam: a cor branca e a preta na pintura em aquarela

No início dos meus estudos sobre a aquarela uma das dificuldades era entender um pouco algumas informações essenciais sobre a técnica. Uma delas era a controvérsia sobre duas cores, o branco e o preto na técnica. Os fabricantes produzem essas cores, ainda que não estejam na composição de muitos estojos de tinta, e há muitas discussões entre os aquarelistas. O Preto por ser uma cor que “suja” as outras, não é adequado nem para escurecer uma cor, técnica para qual se usa as regras do círculo cromático que envolve cores complementares, opostas, quentes, frias, mas não o preto. Além de não se manter preto, afinal trata-se de uma técnica que é caracterizada pelos efeitos de transparências, onde os pretos tornam-se gradações de cinzas com diferentes possibilidades de tonalidades. Os cinzas são uma opção melhor e facilmente produzidos por outras misturas também. Mas ainda mais complexa é a discussão sobre o branco.

Os aquarelistas mais rígidos com a técnica trazem que em um processo de pintura onde a transparência da cor e as camadas são o que há de mais marcante, a tinta branca é dispensável, sendo necessário apenas preservar a cor do papel sem tinta, tradicionalmente branco. O branco é a ausência de tinta. A normativa sobre o branco é muito bonita, bem como seus efeitos. Mas ela exclui a construção que é feita pelos não humanos quando resolvem produzir as próprias agências entre água, tinta e papel. As normas técnicas não dão conta do branco sempre, e mais que isso, muitas vezes engessam e limitam o movimento criativo produzido pelo balé livre e orgânico das mãos nos pincéis em pinturas mais impressionistas. Alguns aquarelistas para construir sua arte criam e fazem uso de outros recursos, considerados impuros pelos mais ortodoxos, mas com resultados fabulosos, incluindo o uso de máscaras (semelhante a uma cola removível que adere ao papel impedindo a penetração da água e do pigmento), tinta aquarelável branca, tinta guache e mesmo canetas gel. Mas o que isso diz sobre os aquarelistas e sobre a técnica? Como se constroem nas controvérsias diante do vivido na arte?

Essa discussão também atravessa a psicologia enquanto um ideal normativo e enquanto uma prática viva que é construída a todo momento nos encontros humanos e imprevisíveis, e aqui trazemos como isso nos atravessa na expressão do que chamamos de clínica social e o Código de Ética do Psicólogo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005).

Em 2019, já como resultado parcial dessa tese, publicamos um artigo contextualizando a clínica social no cenário brasileiro (ARAÚJO; QUADROS; ARENDT, 2019), onde uma

pergunta fundamental, repetida incansavelmente por Bruno Latour, já me atravessava a partir dos estudos da TAR: o que é a clínica social e o que ela faz fazer?

Como num exercício de oferecer perspectiva a uma imagem a ser pintada, sob o risco de ter uma figura irreal, chapada e distorcida caso não o faça, esse questionamento foi fundamental para deslocar a definição mais superficial sobre o que seria uma clínica social, um conceito aplicado sobre algo vivo e dinâmico, para um olhar sobre as associações como sugere Latour (2012).

O primeiro lugar onde buscamos entender o que se espera do psicólogo diante do que chamamos de social foi no Código de Ética dos Psicólogos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005), a partir de onde Araujo, Quadros e Arendt (2019) fazem uma breve observação:

O envolvimento da psicologia com as demandas sociais faz parte do código de ética dos psicólogos (CFP, 2005), que em seus artigos busca orientar limites e possibilidades dessa relação da psicologia com a sociedade através das demandas tanto na dimensão subjetiva quanto das relações financeiras. A relação de responsabilidade do psicólogo com a sociedade aparece já no princípio fundamental III do código de ética, que diz: ‘O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural’ (CFP, 2005, p. 7). Esse princípio é reforçado no mesmo código de ética no artigo primeiro, alínea d, nos deveres fundamentais dos psicólogos: ‘Prestar serviços profissionais em situações de calamidade pública ou de emergência, sem visar benefício pessoal’ (CFP, 2005, p. 8). O código de ética também veda ao psicólogo ‘induzir qualquer pessoa ou organização a recorrer a seus serviços’ em seu artigo 2º, alínea i (CFP, 2005, p. 10). Pelo mesmo código é vedado ao psicólogo utilizar o preço dos serviços profissionais como forma de propaganda (art. 20, alínea d, p. 15). Soma-se a isso restrições quanto ao estabelecimento de vínculos com familiares ou terceiros que possuam relação com a pessoa atendida e que possa interferir no processo/tratamento em curso (art. 2º, alínea j, p. 10). Isso traz algumas implicações relevantes para nossa discussão. A relação do psicólogo com o que chamamos de social é uma relação fortemente mediada por situações que supõe mais que um controle de um saber técnico do profissional, ela é mediada sobre quais relações na dimensão afetiva são permitidas ou não ao psicólogo clínico. (ARAUJO; QUADROS; ARENDT, 2019, p. 302).

As implicações das conjugações desses artigos são muitas. O atravessamento do campo das afetações no exercício profissional da psicologia e, em especial da clínica, se dá de forma bastante complexa a ponto de sua normatização ser uma necessidade nesse código. Somos por esse código uma profissão com responsabilidade social, com um compromisso ético que nos impede de sermos indiferentes diante do sofrimento coletivo, da responsabilidade em nos posicionar diante de situações de injustiça e degradação, e em criar mundos para se viver valorizando a dignidade humana. O que me convoca novamente à Tronto (1993) que situa o cuidado no conjunto de ações que uma espécie faz para a permanência e reparação do corpo,

de si e do mundo. Ética e cuidado caminham juntos em nossa profissão de forma indissociável. Como psicólogos, devemos responder ao clamor da sociedade diante de uma necessidade sem visar o lucro. Mas as relações das nossas práticas com o campo das afetações possuem outros atravessamentos no exercício profissional que vão, normativamente, ao encontro da relação da psicologia com o dinheiro, que incluem limitações quanto a forma de divulgação do trabalho, a induzir a pessoa ao atendimento, a quem são as pessoas que podem ser atendidas e mesmo à divulgação do custo do serviço oferecido, que não pode ser pública. A partir disso, outras questões vão se interpondo por Araujo, Quadros e Arendt (2019):

Compreendendo a pertinência de todas as normas do código de ética, o psicólogo clínico surge como um profissional, frequentemente autônomo, com peculiaridades com relação a outros autônomos. Seu trabalho não é aplicável aos que fazem parte do seu círculo de relações, dependendo a maioria das vezes de uma rede de indicações cuidadosa o suficiente para filtrar quais indicações são possíveis ou não para cada profissional. Além disso, as regulamentações sobre o dinheiro colocam esse aspecto da profissão fora do campo das discussões. Ele não deve ser exposto e é pouco falado aos estudantes nos cursos de graduação, numa dimensão quase profana. No entanto produz, especialmente nos que buscam se estabelecer na profissão, forma pouco falada, múltiplos efeitos. Nos convida a pensar que é uma profissão regida menos pelas discussões monetárias e que traz na sua regulamentação própria regulamentação a dimensão política como norteadora de um fazer. Como constituir um profissional ou uma profissão tão que se organiza a partir das articulações de suas redes? (ARAÚJO; QUADROS; ARENDT, 2019, p. 303).

3.2 A figura e o fundo na aquarela: como as tintas estão trabalhando junto ao papel e à água?

Nesse momento, antes de mergulhar mais na figura que me guiou nessa aquarela-tese, gostaria de dar uma breve pausa no campo para podermos caminhar um pouco mais junto com as cores que usamos. Pois cada cor traz na sua história um grau de transparência, de vivacidade, de resíduos sólidos, que mesmo enquanto artistas vejamos sua aplicabilidade, elas são produzidas por um conhecimento de base mais complexo, que vai envolver a origem do pigmento (mineral, orgânico...) e as diferentes características com as quais ele é tratado, como diferentes misturas de material, viscosidade, tempo de produção e secagem. Assim como cada cor tem seu processo peculiar, elas conversam, se complementam, se integram e permitem surgir a figura formada na aquarela.

Assim são os pesquisadores que produzem o conhecimento que recolhemos, reconhecemos, valorizamos e integramos para construir essa tese. Antes de seguir, uma breve

pausa sobre como as cores das “questões de fato” (*matters of fact*), “questões de interesse” (*matters of concern*) e “questões de cuidado” (*matters of care*) surgiram a partir desses autores, bem como refletir sobre a importância ético-política das escolhas dessas palavras, a partir do caminho que percorreram para a compreensão da importância da dimensão do cuidado, uma proposta de produção de conhecimento e construção de mundo.

Em “Reagregando o Social”, Latour (2012) traz a crítica às “questões de fato” (*matters of fact*) onde os “fatos” são os alicerces para a produção de conhecimento em uma base moderna, positivista de fazer ciência, prezando uma suposta objetividade. O autor traz que na busca pela objetividade, os primeiros empiristas reduziram os não humanos a sombras, silenciando por razões políticas as críticas às reduções objetivas e os questionamentos que ultrapassavam as fronteiras dos fatos, como se fosse possível uma objetividade sem dobras. A TAR vem trazer à luz a dimensão dos fatos como um aprisionamento irreal das agências dos atores no primeiro empirismo, quando dualiza natureza versus sociedade. Ao introduzir o que Latour chama de “questões de interesse” (*matters of concern*) as realidades, interessantes, das agências são tomadas não mais como objetos e sim como assembleias. Isso quebraria a rigidez dos fatos e permitiria o mapeamento das controvérsias sobre as questões de interesse, trazendo, então, uma outra ciência, política, estética e moralidade. O que antes era considerado “questões de fato” (*matters of fact*) ao ser tratado como “questões de interesse” (*matters of concern*) passa assim a ter uma dimensão plural, viva e ativa sem, contudo, deixar de ser real e objetiva. A isso Latour chama de segundo empirismo. Para desdobrar-se nas “questões de interesse” (*matters of concern*) é necessário ao pesquisador aprender a alimentar-se das incertezas, seguir as pistas daquilo que se permitiu ser desdobrado como múltiplo. Para Latour:

O ponto ético, científico e político importante aqui é que, quando passamos do mundo das questões de fato para os *mundos* das questões de interesse, já não podemos ficar satisfeitos nem com a *indiferença* em relação à realidade que acompanha as representações ‘simbólicas’ múltiplas da ‘mesma’ natureza, nem com a *unificação prematura* operada pela ‘natureza’. Ao incluir numerosos resultados das ciências nos zoos das agências que atuam juntas no mundo, atravessamos outro Rubicão, aquele que conduz da *metafísica* à *ontologia*. (LATOURE, 2012, p. 171, grifos do autor).

A proposta de Latour simplesmente é a recusa a nos fecharmos em uma versão hegemônica de um fato, não ouvindo as suas reivindicações, apresentadas na experiência, nos desdobramentos manifestados nas questões de interesse, deixando sempre visíveis seus modos de fabricação e mecanismos estabilizadores, preservando a flexibilidade interpretativa.

María Puig de la Bellacasa (2017) dá um passo a mais ao trazer a questão da produção de conhecimento. Para ela, sem desconsiderar a proposição de Latour na construção do conhecimento a partir das “questões de interesse” (*matters of concern*) e toda a relevância dessa sustentação ao considerar e, sobretudo, incluir afetos como interesses e preocupações, compondo uma outra visão, da política das coisas, em uma etos respeitosa sobre a produção de conhecimento, algo que permanecia de fora. A autora pontua que é necessário também incluir a dimensão de poder e das relações de opressão que envolvem a forma como os interesses (*concerns*) se organizam. Nesse sentido, Bellacasa traz uma outra proposição, a da “questões de cuidado” (*matters of care*) como um prolongamento das questões de interesse de Latour, mas que introduz ainda as questões feministas relacionadas ao cuidado e às políticas de conhecimento, bem como às questões de poder. Segundo Bellacasa (2017):

A atenção aos interesses nos aproxima de avançar na necessidade de uma prática do cuidado como algo que podemos *fazer* enquanto pensadores e criadores de conhecimento, promovendo também uma maior consciência sobre o que nos importa (cuidar) e sobre como isto contribui para um mundo que importa. (p. 41, grifos da autora, tradução nossa).²⁷

Além disso, Bellacasa traz outras implicações que se conjugam nos significados das palavras cuidado (*care*) e interesse (*concern*), suas origens e traduções. Essa discussão não é, assim como nada relacionado ao cuidado, inocente, pois se estamos tratando sobre questões que envolvem também relações de poder, as palavras são componentes fundamentais dessas relações. “Questões de cuidado” (*matters of concern*) também vão envolver o cuidado com as palavras e suas implicações políticas.

Isabelle Stengers (2015) coloca a questão do poder que as palavras possuem de causar enclausuramentos em polêmicas doutrinárias, ou mesmo se transformarem em palavras de ordem, bem como também podem fazer pensar, criar, deslocar hábitos. Para Stengers (2015), ainda que as palavras não possam responder às ameaças globais, elas podem nos ajudar a formular questões que nos convoquem a pensar no que deve ser feito em prol de um outro futuro, não bárbaro. Despret (2016) também reconhece a importância desse poder e traz a questão da tradução e da *versão*, mencionada em outro momento dessa tese, na medida em que ao se traduzir algo sempre estaremos diante de escolhas de palavras que abrem uma

²⁷ No original: “Attention to concerns brings us closer to putting forward the need of a practice of care as something we can do as thinkers and knowledge creators, fostering also more awareness about what we care for and about how this contributes to mattering the world.” (BELLACASA, 2017, p. 41).

multiplicidade de significados. As *versões* preservam as diferenças e bifurcações desses significados.

Trago isso nesse momento, pois ao me encontrar vinculada aos textos publicados, que me fortalecem nessa escrita, também me deparo com as traduções que são, sempre, equivocações (CASTRO, 2004, DESPRET, 2016). Não por serem erradas, mas por serem comunicações nas diferenças entre as linguagens e não darem conta de englobar suas heranças e complexidades. A versão, como trazida por Despret, possui a capacidade de conectar essas relações de diferenças.

Se até então eu trouxe Latour (2012) e a tradução “questões de interesse” para o termo em inglês “*matters of concern*”, tal qual se apresenta na edição em português de seu livro, “Reagregando o Social” (*Reassembling the Social*), essa tradução, como qualquer outra, não é suficiente para compreender a diferença de sentidos que María Puig de la Bellacasa traz ao mencionar para as possibilidades de compreensão da palavra *concern* em português. Segundo o dicionário de Cambridge, *concern* pode ser traduzido como²⁸: interessar; dizer respeito a; ser sobre; tratar de; preocupar; além dos substantivos preocupação e interesse. No mesmo dicionário, se buscarmos o verbete *care* encontraremos²⁹: preocupar-se; importar-se; gostar de; bem como os substantivos cuidado, cautela e precaução. Ainda que algumas das traduções se sobreponham, essas palavras possuem diferentes sentidos em inglês, tal como as suas traduções trazem diversos contextos em português. Quando Bellacasa traz em seu livro a necessidade de se debruçar sobre ambas as palavras e no que uma pode acrescentar ao sentido da outra, optei por apresentar ao leitor as traduções sempre acompanhadas de seus originais em inglês, nutrindo as versões possíveis dos termos que darão sentido a tradução e permitindo uma maior articulação das equivocações das quais as traduções não escapam para melhor ficar com as controvérsias dos termos.

Ainda que *concern*, já traduzido acima no verbete, tenha sido corretamente traduzido como *interesse*, Bellacasa (2017) traz o termo *interest* (interesse) como um desdobramento de sentido de *concern*, o que a permite uma aproximação não só ao termo original de Latour, como também à origem etimológica de ambos os termos *concern* e *care*. Ambos os vocábulos surgem da mesma origem latina *cura*. Isso não significa que tratem da mesma coisa e, justamente por

²⁸ Dictionary Crambridge. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/concern>. Acesso em: 30 mar. 2021.

²⁹ Dictionary Crambridge. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/care?q=Care>. Acesso em: 30 mar. 2021.

isso, não podem se substituir ou alternar na política das coisas, apesar de suas traduções para o português em muitos momentos se aproximarem.

Enquanto *concern* se aproxima de *interest*, mas preserva os sentidos de algo que traz preocupação, segundo Bellacasa (2017), *care* traz uma outra qualidade que envolve conexão e compromisso, mais favorável a se transformar em uma ação, ética e politicamente carregadas em práticas materiais e concretas, situadas e que envolvem relações de gênero e raça.

Mas a noção de cuidado também é marcada por política de gênero e raça; traz à mente trabalhos particulares associados com o trabalho feminizado e suas complexidades éticas. Devido a estes significados carregados, se ‘questões de interesse’ podem funcionar como uma noção genérica para a política das coisas (ou seja, tudo pode ser potencialmente pensado como uma ‘questão de interesse’), ‘questões de cuidado’ talvez não possa. Isto não quer dizer que o pensamento feminista deveria reivindicar uma propriedade particular em torno da noção de cuidado, mas que o cuidado não é uma noção neutra, nem o é uma leitura feminista dela. (BELLACASA, 2017, p. 43, tradução nossa).³⁰

Como exemplo dessa não neutralidade Bellacasa (2017) recorre a Latour na articulação do cuidado em universos tecnocientíficos, lembrando que ao trazer o exemplo de Dr. Frankenstein, Latour nos invoca a pensar que não é uma tecnologia que é anti-ética, caso se transforme em algo indesejado ou mesmo monstruoso, mas o abandono e a falta de cuidado que produzem a criatura. Bellacasa volta a afirmar: “Essa versão de cuidado pela tecnologia carrega bem o duplo significado do cuidado como um trabalho cotidiano de manutenção que transmite obrigações éticas: nós precisamos cuidar das coisas para continuarmos responsáveis pelos seus destinos.” (2017, p. 43, tradução nossa).³¹

Como as controvérsias encontradas podem, então, se articular para compreendermos a dimensão do mundo que vem se apresentando e suas relações com cuidado: cuidado enquanto engajamento ético em uma profissão; cuidado enquanto produção de conhecimento; cuidado enquanto prática encorpada ao lidarmos com a tecnologia e o que produzimos com elas, entre outras implicações ético políticas.

³⁰ No original: “*But the notion of care is also marked by gender and race politics; it brings to mind particular labors associated with feminized work and its ethical complexities. Because of these charged meanings, if ‘matters of concern’ can function as a generic notion for the politics of things (i.e., everything can be potentially thought as a matter of concern), ‘matters of care’ might not. This is not to say that feminist thought should claim a particular ownership around the notion of care but that care is not a neutral notion, nor is a feminist reading of it.*” (BELLACASA, 2017, p. 43).

³¹ No original: “*This version of caring for technology carries well the double significance of care as an everyday labor of maintenance that conveys ethical obligation: we must take care of things in order to remain responsible for their becomings.*” (BELLACASA, 2017, p. 43).

Agora que olhamos um pouco melhor para como algumas cores que usamos nessa tese são compostas, voltamos nosso olhar para como estamos trabalhando com elas nas nossas práticas cotidianas, como a figura dessa composição foi se compondo com o fundo, o que fomos encontrando nas redes sociais, panfletos, estratégias de *marketing* que nos ajudam a pensar que cuidado é esse do qual falamos e compomos nas relações de poder enquanto profissionais.

A ideia de um atendimento social como um atendimento de baixo custo e sua aproximação com o modelo assistencialista surge na década de 80 e segundo Romagnoli (2006):

Por outro lado, a clínica social nasce como uma prática que se pretende realizar de forma ampla, implicada com a construção de novas formas de atuação, em um certo sentido, alternativas. Em seu cotidiano de trabalho, os profissionais ‘psi’ passam a atender uma clientela oriunda das classes populares em que a dimensão social se tornou ruidosamente presente, impondo a necessidade de outra escuta e de outra intervenção... A ênfase no social, em sua forma dominante, também era despolitizada e, embora, destinada ao seguimento pobre da população, também era marcada, em sua maioria, por práticas assistencialistas. Na ânsia de fazer diferente, não raro os profissionais de saúde usavam os mesmos modelos do consultório privado. (ROMAGNOLI, 2006, p. 53).

Em sua análise, a clínica social possui em sua essência um caráter ético e libertário, ainda que o simples fato de ser uma clínica social não necessariamente vá garantir essa produção subjetiva. Bem como não se trata de um espaço exclusivo dos mais pobres, excluídos e oprimidos, ou mesmo uma busca de espaço de atuação de psicólogos que estão se inserindo, contudo, um local de produção de vida, estabelecendo associações e agenciamentos. Ainda assim, apesar do enfoque nas potencialidades de uma proposta de clínica nos apresentando mais uma leitura possível do termo social, a pergunta sobre o que faz fazer diante da menção do espaço de inserção profissional do psicólogo, nele esboçado, permanece e se atualiza no momento atual.

Uso aqui o termo ‘cliente’ em substituição ao tradicional termo ‘paciente’, inspirada por Quadros (2011) para que de forma mais precisa possamos descrever as relações de cuidado na clínica em psicologia. A autora destaca que a adoção desse termo cliente se tonou também um posicionamento político marcando esse lugar. A mudança do termo invoca um reconhecimento do papel ativo que esses possuem numa relação de cuidado, bem como um reconhecimento da justa redistribuição dessas relações de poder nas práticas de cuidado. Os clientes são membros ativos e, sem o seu consentimento e a sua colaboração, o acompanhamento clínico psicológico não acontece. Reconhecer e agir diante de situações de catástrofe, injustiça e vulnerabilidade, como vimos antes, faz parte dos compromissos éticos do psicólogo. No entanto, as demandas

de vulnerabilidade também atravessam muitos dos profissionais que oferecem esse tipo de serviço.

Os desafios da realidade em que vivemos, um contexto de crises financeiras e pobreza que atinge, de forma indiferenciada, tanto psicólogos como seus clientes, também vão atravessar a ideia de “clínica social”. Assim, retornamos o nosso olhar para um social que não é pré-definido, mas que é resultado das associações que podemos seguir (ARAUJO; QUADROS; ARENDT, 2019, LATOUR, 2012) pensando o social da clínica sob a perspectiva da complexidade e da multiplicidade (MOL; LAW, 2002).

Na proposta de seguir as associações e o que elas fazem fazer, os panfletos, as postagens, as matérias de jornal, os cursos, os perfis de *marketing* para psicólogos e as crises econômicas e sanitárias vão compor nesse texto *versões* (DESPRET, 2016) do encontro da clínica e do social. O uso que Despret faz desse termo ressoou nas minhas afetações diante do tema, a partir de sua pergunta fundamental para pensar a versão: a que isso nos engaja? Toda versão é uma forma de tradução, e toda tradução implica em escolhas de termos e sentidos que sempre vão conter equivocções. As versões vão buscar dar conta da multiplicidade e da diversidade de traduções possíveis e, portanto, é sempre uma escolha de palavras para passar adiante um sentido tal como compreendido e permeada pelo tradutor. São sempre uma leitura possível escrita, a partir de escolhas de palavras e engajamentos, nunca inocentes, nem apartados dos efeitos que produz. Retorno, então, à pergunta já apresentada por Despret (2016): a que a clínica social nos engaja?

Uma versão desses atendimentos, ainda no campo das afetações, apresentada de forma normativa no Código de Ética do Psicólogo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005), mas não reduzida a ele, fala de algo caro que é um exercício de uma potência de vida. Neste sentido, Pelbart (2013) menciona:

Uma vida, tal como Deleuze a concebe, é a vida como virtualidade, diferença, invenção de formas, potência impessoal, beatitude. *Vida nua*, contrariamente, do modo como Agamben a teorizou, é a vida reduzida a seu estado de mera atualidade, indiferença, disformidade, impotência, banalidade biológica... (p. 35, grifo do autor).

Podemos assim encontrar muitas Organizações não Governamentais (ONGs) e iniciativas de atendimento voluntário, compatível com esforços de resistência e possibilidades de reinvenção, onde cuidador e cuidado exercem juntos essa dimensão política de estar criando uma possibilidade de habitar e interferir no mundo que nos cerca. Um exemplo disso é o projeto

Praçaterapia³², já mencionado em jornais³³, que oferece atendimento gratuito na Praça São Salvador no Bairro de Laranjeiras no Rio de Janeiro. Retomaremos a essa dimensão de uma convocação social e de construção de sentidos afetivos e políticos da clínica em outros dois momentos vividos ao longo da tese, na crise econômica de 2017 no Estado do Rio de Janeiro, bem como na Pandemia de COVID-19, iniciada em 2020 estando ainda em andamento, e que serão apresentados no último capítulo desse trabalho.

Apesar de existirem muitas instituições, notadamente universidades, cursos de especialização, onde através de suas clínicas escola atuam duplamente, acolhendo a população e permitindo aos alunos aprender e exercitar a prática profissional, além de ONGs que promovem, com diferentes objetivos e públicos, esse tipo de atendimento, uma forma particular de constituição da clínica social chama a atenção.

No entanto, de forma paralela, pessoa a pessoa, experiência a experiência, essa forma de atendimento vai sendo articulada fora desses estabelecimentos. Ela aparece em brechas de histórias que são contadas entre parceiros profissionais, em redes invisíveis, fazendo surgir possibilidades, onde antes não existiam, por meio da sensibilização diante de histórias. A partir do esgotamento niilista encontram-se as pessoas a serem atendidas, mas também os articuladores dos encontros e os profissionais, o cuidado de si e o cuidado do outro. A movimentos de pessoas em direção a outras pessoas com impactos que só podem ser seguidos, cartografados, uma dimensão experiencial e política de um fazer. (ARAUJO; QUADROS; ARENDT, 2019, p. 306).

As questões mencionadas por Quadros (2011), em sua tese de doutorado sobre as angústias dos profissionais em sua relação com o dinheiro, podem ser observáveis hoje também quando pensamos na atualização dos espaços de ofertas de serviços. Como se fazer conhecer quando se é recém-formado? Uma das estratégias observadas hoje é a de montar uma página profissional nas redes sociais, lugares onde se possa falar sobre a proposta de trabalho, compartilhar informações sobre a psicologia, buscar clientes e, por vezes, se tornar clientes de poderosas estratégias de *marketing*. Dessa forma, montar páginas nas redes sociais³⁴, como o *Facebook*, *Instagram*, *Linkedin*, é uma das práticas corriqueiras de psicólogos recém-formados

³² O perfil do projeto pode ser encontrado no *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/pracaterapia/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

³³ ASSAD, Paulo. Jovens psicólogos oferecem escuta terapêutica na Praça São Salvador, em Laranjeiras. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro. 14 jun. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/jovens-psicologos-oferecem-escuta-terapeutica-na-praca-sao-salvador-em-laranjeiras-23738480>. Acesso em: 11 maio. 2021.

³⁴ Ao mencionar o termo redes sociais refiro-me às redes sociais digitais e/ou tecnológicas. Compreendendo redes tecnológicas como mencionado por Acioli (2007), “O uso tecnológico é dos mais discutidos atualmente e nesse campo estamos englobando o núcleo de tecnologias da informação – *redes de informações*, *redes de conexões* ou *redes temáticas*, *redes interorganizacionais*, ou seja, grupos que utilizam o termo rede no sentido de meio de acesso a informações, contato com grupos ou pessoas através de redes de computadores.” (p. 8, grifos do autor).

para tentar atrair clientes, assim como participar de diversos grupos de profissionais, estudantes de psicologia e interessados no tema. Nesses grupos, as discussões sobre o valor da clínica social eram recorrentes e com bastante embate, e os argumentos atravessavam desde pessoas que se propunham a atender de forma voluntária, até as que associavam a desvalorização da profissão e concorrência desleal a práticas como essa.

Nesse momento a clínica social assume uma dimensão de mercado de trabalho. E será esse um efeito produzido pela invisibilidade dessa discussão clínica-dinheiro na graduação de psicologia? Podemos também nos perguntar se as pessoas atendidas nessa modalidade não passam a constituir um mercado consumidor para o qual toda uma dimensão “empreendedora” no contexto clínico se volta. E aí, talvez, o que era antes uma exceção, torna-se uma regra com normativas emergidas desse próprio “mercado”. Nessa versão não se trata mais de assistência, nem tão pouco de processo de aprendizagem, mas uma dimensão socioeconômica do fazer profissional. Muitos panfletos são produzidos e distribuídos por diferentes grupos por todo o *Facebook* e nos corredores das universidades, centros comerciais... panfletos (virtuais ou não) que me chamam a atenção por suas características físicas, pela composição de suas informações, pelos lugares a que estão associados, pelas demandas amplas ou específicas a que se oferecem. Decido, então, recolher esses panfletos, com pedidos de divulgação ou compartilhados de forma pública digital ou fisicamente, não humanos que causam estranhamentos, surpresas, curiosidades e, por vezes, indignação, controvérsias.

Vale ressaltar outros mediadores importantes. Os mediadores transformam significados: “Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam... Um mediador apesar de sua aparência simples, pode se revelar *complexo* e arrastar-nos em muitas direções que modificarão os relatos contraditórios atribuídos a seu papel.” (LATOURETTE, 2012, p. 65, grifo do autor). Panfletos, postagens, algoritmos... o que eles vêm dizendo e produzindo na clínica?

Os algoritmos que regulam o que cada pessoa vê são resultado de padrões de interação. A cada curtida em pessoas, postagens, páginas, e a cada pesquisa nos mecanismos de buscas, é feito um refinamento do perfil de cada usuário. Com isso, vende-se cotas relativas a postagens patrocinadas aos donos de páginas que estiverem interessados em divulgar para um determinado perfil de clientes. Com os grupos, as postagens visíveis são as relativas aos grupos mais curtidos por determinado usuário, assim como os mais curtidos por amigos desses usuários. O conjunto dessas informações vai compor o que é chamado nos estudos sobre tecnologia digital de *big data*. Alguns pesquisadores vêm explorando, com o auxílio da TAR, a mudança no perfil de

dispersão das informações na era dos algoritmos de classificação de conteúdo digital e suas implicações econômicas e políticas (BEZERRA, 2017). Para Bezerra (2017) o uso do que chama de *big data* possui uma dimensão que ultrapassa o uso comercial, assemelhando-se de forma mais profunda aos dispositivos foucaultianos, ou seja, apesar de não possuir uma finalidade específica, escapa também a uma neutralidade. No entanto, seus usos só terão contorno mais claro com sua efetiva operacionalização.

Uma exploração mais profunda desse tema escapa ao escopo dessa tese de doutorado, contudo, é indispensável a percepção da customização das informações que chegam a cada usuário digital. Isso implica, em última instância, numa experiência personalizada de cada usuário de acordo com seu perfil de interação digital. Assim como o interesse econômico de conectar divulgadores/investidores e possíveis consumidores ao selecionar os grupos de perfis interessantes para cada divulgação, o que implica em lucro efetivo dessas ações.

A consolidação dessa rede de engenheiros e técnicos de informática que criam algoritmos de classificação de conteúdo digital a partir de decisões da empresa, com consultoria tanto de psicólogos, sociólogos e outros profissionais acadêmicos quanto de publicitários e analistas de marketing digital, definindo a escolha da informação que será disponibilizada ao usuário de uma plataforma digital, permite-me afirmar que estamos diante de um novo regime de mediação da informação. Como efeito imediato das configurações desse novo regime, é possível destacar a constante vigilância de todos os nossos passos virtuais (seja para fins econômicos ou políticos) e a personalização da experiência da navegação digital. (BEZERRA, 2017, p. 79).

A partir do *big data* e de todo um conjunto de mediadores, eu me deparei com muitos panfletos e postagens sobre a clínica social. Eles surgem a partir de um lugar que ocupo nos espaços virtuais, interativos e nesse contexto também situado. Assim, falo e apresento minhas convocações enquanto psicóloga e interessada por assuntos ligados à clínica em psicologia na era da comunicação digital. Não poderia ser diferente, visto que diante de algoritmos tão amplos onde todo e qualquer uso digital é determinante de um perfil, não há a possibilidade de estar dentro e fora desse universo algorítmico. Mais do que isso, estar nesse campo como psicóloga clínica atuante e participante das temáticas ligadas ao meio psi, me permitem um olhar privilegiado ao que vem surgindo na prática clínica. Neste sentido, o material apresentado está diretamente ligado não apenas ao meu perfil de uso das redes sociais, mas também direcionado a outras pessoas que possuem interações digitais onde o tema psicologia seja recorrente em suas buscas, curtidas e visualizações, onde o usuário individual é o consumidor e o produto (para as empresas responsáveis pela criação e comercialização das informações obtidas pelos algoritmos) ao mesmo tempo.

Todavia, outros atravessamentos também se tornam evidentes diante da proximidade da psicologia vivida em sua complexidade de articulações em redes profissionais e pessoais, e a psicologia teórica dos manuais. As redes pessoais que sustentam a inserção na clínica, os afetos, os cuidados com colegas de profissão são elementos impactantes nesse campo. Os panfletos representam identidades visuais dos trabalhos de muitos profissionais, alguns conhecidos, outros completos estranhos. Todos os panfletos que trago para discussão são divulgações feitas de forma pública por seus autores, ou quando retirados de grupos fechados no *Facebook/Instagram* possuem notações claras de pedidos de divulgação, revelando o caráter de publicitação dos dados presentes.

Por não se tratar de uma pesquisa com um viés voltado para análise quantitativa, mas uma proposta descritiva dos elementos que vêm compondo a constituição da clínica social enquanto prática recorrente na psicologia clínica em sua dimensão vivida, a preocupação com o material apresentado deu-se no sentido de uma diversidade da amostragem, ainda que algumas formas fossem mais recorrentes. É de suma importância ressaltar que este trabalho, embora seja uma proposta crítica, não pretende em momento algum ter um caráter de policial ou denunciar, porém, de observar e descrever um campo tal como se apresenta. Evitando prejudicar qualquer autor, alguns cuidados com as informações pessoais dos profissionais foram tomados, como a ocultação da identificação pessoal e profissional. Eventualmente, o que mostrarei será apenas o panfleto, quando este representar a totalidade da mensagem a ser passada, postagens que se sustentavam comunicando apenas o contido na imagem, sem informações adicionais em textos acompanhando a divulgação visual. Em outros momentos, apresentarei as postagens de forma completa, já que muitas vezes o texto corrido possui informações significativas para nossas análises, sendo ainda possível dar plena visibilidade ao caráter público da divulgação.

3.3 Outras artes visuais e a arte do cuidado

Outras formas de trabalho e suas divulgações possuem belezas. Ainda que a técnica da aquarela tenha suas regras, algumas composições a deixam mais bonita. No entanto, em que ponto a arte deixa de ser arte e se transforma em algo diferente, pouco cuidadoso, com comprometimentos estéticos e éticos na relação com o dinheiro? Esse questionamento também atravessa a psicologia clínica e as formas de divulgação do trabalho nessa modalidade.

As questões que me convocaram a olhar para os panfletos e decidir que eles seriam a minha inserção mais pregnante no campo para compreender a clínica social encontram-se expressas nessa forma de comunicação visual/escrita. Os panfletos foram pouco a pouco me surpreendendo pela repetição de temáticas, voltadas para a questão financeira e indo além delas. O que é a clínica social? Como ela se dá? Onde ela se dá? O que ela mostra sobre a prática psi? Para quem ela se dá? De quem é a demanda? O que ela fala da psicologia clínica? Será que ela também diz algo sobre a formação do psicólogo? O que? Quem mais além do corpo docente universitário vem compondo essa formação? Essas temáticas eram expressas na forma de apresentação das discussões sobre dinheiro, locais onde os atendimentos aconteciam, tempo de sessão, público-alvo, estratégias de *marketing* dos psicólogos e para psicólogos.

Os panfletos não são capazes sozinhos de responder a tantas perguntas, mas eles ilustram e convidam a várias reflexões. Alguns despertam o interesse pelo seu caráter marginal, pois ocultam informações demandadas oficialmente pelo conselho, ou mesmo exibem informações proibidas por este. Muito longe da intenção de denunciar qualquer postagem, o olhar vai para reflexões sobre o que sustenta essas formas de falar de si, do trabalho, da clínica e dos clientes.

Os panfletos serão apresentados nessa tese como ilustrações das práticas descritas, e o ponto focal de conexão dos pontos explorados nesse trabalho. No entanto, relembramos que nesse processo de pesquisa, situada e marcada por um momento histórico, momento de uma crise sanitária da intensidade da pandemia COVID-19, a exploração dos panfletos, que foi o ponto de partida desse trabalho, abriu espaço para outras controvérsias que ganharam corpo e, justamente por isso, ganharam espaço na escrita. Os panfletos, a predominância dos panfletos nesses quatro anos, abriram espaço para outras vozes falarem sobre a relação da clínica e o social das associações. Focar somente no aprofundamento sobre os panfletos seria reduzir as muitas vozes que traziam densidade a essa discussão. Era necessário acolher as novas versões (PEDRO; MOREIRA, 2015).

A seleção de panfletos apresentados não representa a totalidade do material recolhido, mas traz de forma didática algumas das controvérsias que encontramos no campo. Discutiremos desde informações técnicas sobre os profissionais responsáveis, características dos atendimentos, duração das sessões, limitações dos horários, valores, locais onde as sessões acontecem, público-alvo, até o envolvimento com questões sociopolíticas.

O que o Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005) e os Conselhos Regionais de Psicologia nos dizem sobre a divulgação dos serviços de

Psicologia? Olhando para esse importante guia de orientação da classe podemos nos atentar para alguns artigos, no que diz respeito à divulgação.

O Código de Ética Profissional do Psicólogo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005), em seu artigo 20 rege sobre a forma de divulgação pública dos serviços do psicólogo:

Art. 20 – O psicólogo, ao promover publicamente seus serviços, por quaisquer meios, individual ou coletivamente:

a) Informará o seu nome completo, o CRP e seu número de registro;

b) Fará referência apenas a títulos ou qualificações profissionais que possua;

c) Divulgará somente qualificações, atividades e recursos relativos a técnicas e práticas que estejam reconhecidas ou regulamentadas pela profissão;

d) Não utilizará o preço do serviço como forma de propaganda;

e) Não fará previsão taxativa de resultados;

f) Não fará autopromoção em detrimento de outros profissionais;

g) Não proporá atividades que sejam atribuições privativas de outras categorias profissionais;

h) Não fará divulgação sensacionalista das atividades profissionais.

Identificação do profissional responsável. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 15).

Baseando-se no artigo 20º do código, a própria chamada de preço social/atendimento social pode ser configurada como uma espécie de propaganda, aparecendo aqui mais uma das controvérsias que vão permear esse trabalho, a função social da profissão e a divulgação dessa modalidade de conduta. Sobre isto, discutiremos mais adiante com o auxílio de documentos emitidos por alguns conselhos regionais sobre o assunto.

No Rio de Janeiro (capital), a retirada do registro profissional no Conselho Regional de Psicologia, que fiscaliza a atuação no Estado, é condicionada a uma reunião de apresentação na sede ou subsele. Essa reunião se constitui de algumas etapas: apresentação da estrutura do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais, apresentação dos conselheiros, apresentação de resoluções ou questões recorrentes sobre a atuação profissional do psicólogo, onde pontos sobre a apresentação profissional são colocados, incluindo-se assim a publicidade e a cobrança. É reforçada, por exemplo, a necessidade de apresentação do número do CRP em qualquer divulgação de atividade profissional, bem como a proibição de divulgação de valores, descontos, cupons ou pacotes de sessões vendidos de forma promocional.

Vários dos panfletos seguem corretamente a regra estabelecida pelo Código de Ética, no entanto, muitos dos panfletos aos quais tive acesso possuem restrições de informações obrigatórias, notadamente o número de registro no conselho do profissional responsável (Figura

7). Não cabe especular a ausência do número de registro, mas tão somente a intenção em propor entrevistas com essas pessoas numa etapa mais avançada da pesquisa, de forma que se possa ter uma representação mais adequada ao proposto pelos autores das postagens e, então, uma compreensão mais próxima das formas como a relação com o número dos registros profissionais é performada por cada pessoa ouvida. Muitas das postagens que não possuem identificação do registro profissional são associadas a pequenas clínicas e institutos. Outras possuem essa informação de forma pouco acessível, fora da postagem, mas no perfil do profissional. Talvez dessa forma faça mais sentido o emprego da palavra marginal, beirando os limites das regras e normas nesse caso, algo que está na periferia das regras. Não conter a informação na imagem propriamente, ou mesmo na postagem, mas conter nas informações fixas na página principal, expressa bem tal dualidade. Essa escolha do que deve ou não chamar a atenção ao se fazer uma chamada sobre a clínica social é uma escolha do que se deseja dar visibilidade e do que não se deseja, o que se escolhe mostrar e o que se prefere camuflar ou esconder.

Vale lembrar que o próprio Código de Ética destaca em seus princípios fundamentais a dimensão social do serviço da psicologia e do psicólogo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 7): “V. O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão”. Alguns conselhos regionais de psicologia, como os do Paraná e do Rio Grande do Sul, vêm divulgando notas técnicas orientando a divulgação dos serviços aos profissionais registrados. O CRPPR (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ, 2018) e em seguida o CRPRS (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2018) divulgaram em suas redes sociais e sites notas técnicas orientando a divulgação dos atendimentos sociais. Os conteúdos de ambas as notas sugerem o termo atendimento social a qualquer outro termo relativo ao atendimento de baixo custo. Segue abaixo um resumo da nota técnica emitida pelo CRPPR divulgada no próprio site do conselho regional.³⁵

De acordo com a nota, a divulgação dos serviços **não** poderá ser realizada por meio de ‘cupons’ de desconto ou com a utilização de termos como: preço acessível, custo social, vaga social, desconto, gratuito, valores diferenciados, valores reduzidos ou qualquer outra frase e termo que faça referência ao valor do serviço, caracterizando

³⁵ CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ. *Nota Técnica do CRP-PR orienta divulgação de atendimento social*. Conselho Regional de Psicologia do Paraná. 2018. Disponível em: <http://crppr.org.br/nota-tecnica-do-crp-pr-orienta-divulgacao-de-atendimento-social/?fbclid=IwAR04-w7Cr8KNxyuYz8AeFtleOrl-WIZYNXRLaZDspJEwtQnNeGZvZ7wFMp8>. Acesso em: 20 fev. 2019.

concorrência desleal. A orientação, neste caso, é a de utilizar o termo ‘Atendimento Social’, ‘visto que desta forma está se qualificando o atendimento, e não o valor acessível a ser cobrado, mesmo que este esteja implícito no próprio termo. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ, 2018, grifo do autor).

A nota³⁶ do CRPRS ressalta ainda o cuidado ético da atenção à demanda sobre o serviço, não cabendo ao psicólogo a criação desta demanda:

Orienta-se como possível, nesse contexto, apenas a divulgação de serviços utilizando-se o termo ‘atendimento social’, visto que dessa forma está se qualificando o atendimento e não o valor acessível a ser cobrado, mesmo que esteja implícito no próprio termo. Compreendemos que o demandante do serviço é o usuário, em suas questões particulares de sofrimento psíquico e condições de custeio de atendimento psicológico. De forma alguma deve haver por parte da/o psicóloga/o a criação de demanda de atendimento psicológico utilizando o preço do serviço como forma de propaganda ou propostas de honorários que caracterizem concorrência desleal entre suas/seus colegas psicóloga/os. Além da possibilidade de ser responsabilizado eticamente por tal prática, a/o psicóloga/o poderá incorrer também em vilipêndio de sua própria profissão. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2018).

Logo, existe um reconhecimento do próprio conselho do movimento da classe diante da questão da assistência e, ainda que a terminologia sugerida não retire o caráter financeiro da propaganda, ele mantém de forma clara controvérsias sobre a função social do profissional de psicologia diante de situações consideradas de vulnerabilidade e a questão do dinheiro. A postura do conselho fica por uma palavra, na busca de conciliar os sentidos possíveis do valor monetário ao sentido ético da regulamentação profissional. Chama a atenção em ambas as notas a menção de algo que não se apresenta no Código de Ética de forma explícita, mas que atravessa diversas discussões entre os grupos de psicólogos, a concorrência desleal baseada nos valores dos honorários.

3.4 Como sustentar o fazer artesanal em tempos de réplicas industrializadas: a réplica como exercício e não como fim

A linguagem do *marketing* também se encontra na arte em muitas formas. Mas quando ela populariza a arte e quando ela inibe a expressão artística? Um artista pode se tornar

³⁶ Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. *Nota técnica*. Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. 2019. Disponível em: <http://crprs.org.br/comunicacao/noticias/crprs-publica-nota-tecnica-sobre-o-atendimento-social-4197?fbclid=IwAR2VKrIZI7O-67IOrSenkdJz71-gFU42tUOu9sVADruGpjOCQpTeBE2qfS4>. Acesso em: 20 fev. 2019.

subitamente presente em muitas residências, através das réplicas, após uma repercussão maciça nos meios de comunicação, sem que muitas vezes o comprador sequer se identifique com a proposta apresentada, mas supõe por influências do campo que essa estética é adequada. A prática das réplicas em arte não pode ser lida de forma simplificada. O material de aquarela tem alto custo e cada dia mais a popularização da venda digital da arte vem crescendo. Viver da venda de originais é uma possibilidade remota, principalmente, para os iniciantes. Maior produção e menor custo permite que muitos se insiram e sobrevivam no mercado. Mas também existem outras possibilidades no que chamamos de réplicas. Algumas são réplicas de artistas feitas por outros artistas como treinamento de uma técnica, como um estudo de aperfeiçoamento profissional, de formação. Há que desenvolver na arte um estilo próprio cujo conhecimento e re-conhecimento necessita de material para trabalhar.

Essas estratégias na psicologia clínica ficam mais evidentes se olharmos de forma cuidadosa os panfletos de divulgação e as estratégias de *marketing* que eles trazem.

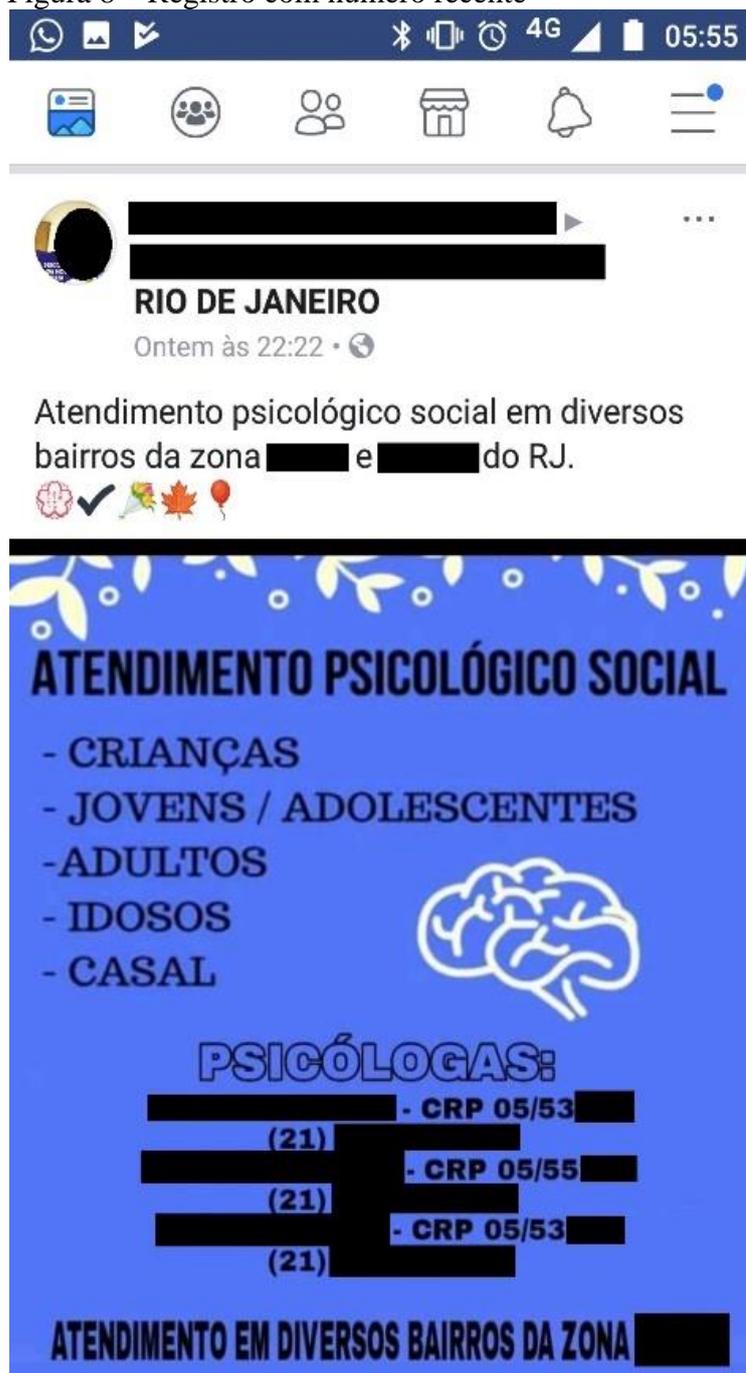
As estratégias de *marketing* voltadas para os iniciantes na clínica compõem um novo mercado não só para profissionais de psicologia como também para outras carreiras, como mencionado anteriormente nesse trabalho (Figuras 4 e 5). Uma rápida busca nos navegadores de *internet* abre acesso a inúmeras páginas sobre a temática, corroborando a chamada do Conselho sobre a questão da concorrência de mercado na clínica em psicologia. E quem é o público-alvo dessas chamadas? Notadamente existem menções sobre como conseguir clientes para realizar o sonho de viver da clínica ou abrir o próprio consultório, o que nos remete aos iniciantes na prática clínica. Não é difícil reconhecer boa parte dos iniciantes. Algumas pessoas investem na clínica em psicologia após uma experiência em outras áreas de atuação psi, como a psicologia organizacional, por exemplo. Essas pessoas são de difícil identificação. Contudo, os recém-formados possuem número de registro fácil de rastrear, pois são emitidos em ordem crescente ao longo dos anos nos conselhos. É possível notar em muitas das chamadas sobre a clínica social no CRPRJ, por exemplo, números de registro relacionados a anos recentes de associação. Usemos como exemplo didático meu registro, feito em setembro de 2015, neste Conselho consta com o número 48.980. Muitas chamadas compartilhadas não disponibilizam o número de registro (Figura 7), outras são de registros com numerações bastante recentes, acima dos 50.000 (Figuras 8 e 9).

Figura 7 – Chamada sem número de registro



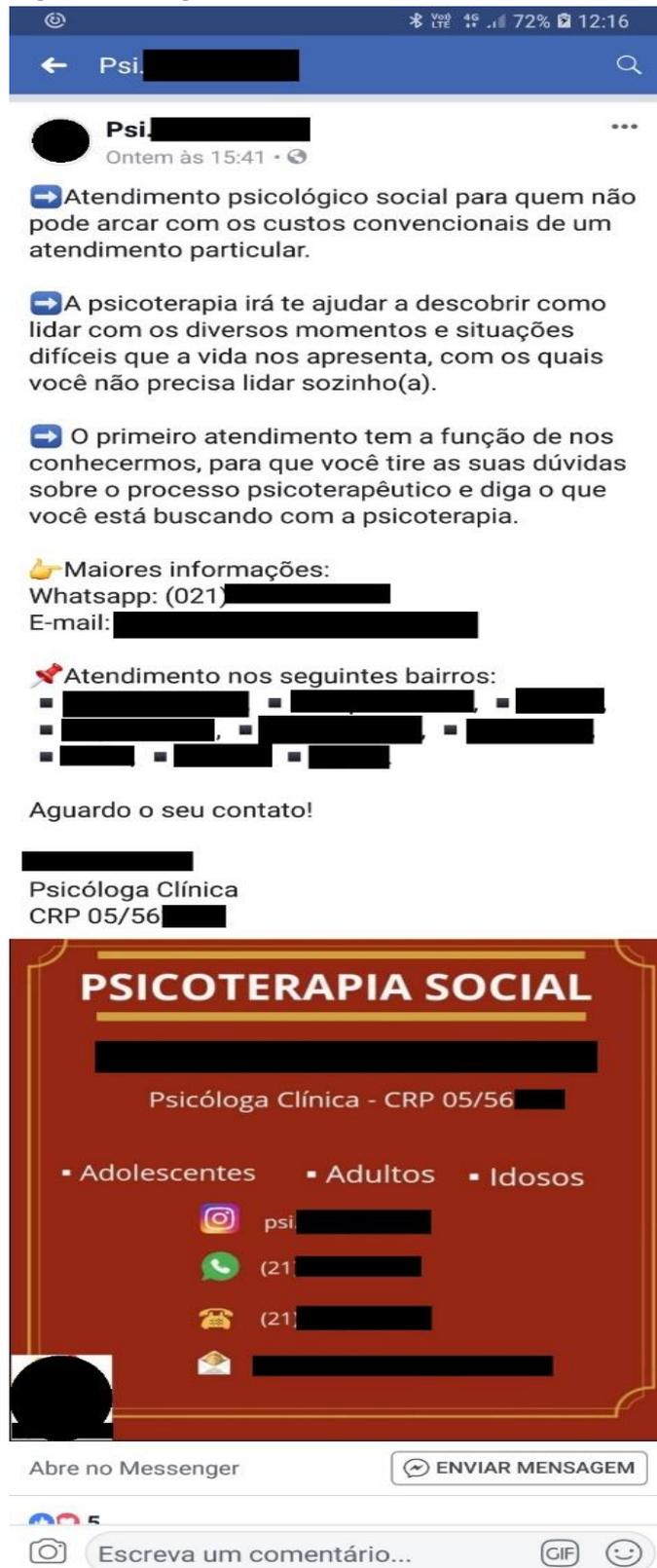
Fonte: Postagens públicas no Facebook sem número de registro no CRP. Acessadas, respectivamente, em 07/01/2019 e 20/04/2018.

Figura 8 – Registro com número recente



Fonte: Figura publicada na rede social *Facebook*, em 24/08/2018.

Figura 9 – Registro com número recente



Fonte: Figura publicada na rede social *Facebook*, em 01/02/2019.

Ainda que exista uma menção explícita tanto no código de ética quanto a proibição de referência aos valores a serem cobrados, ou até mesmo a proibição de cupões e descontos, essa norma não é respeitada por todos. Alguns panfletos explicitam a faixa de valor que consideram social (Figuras 10 e 11).

Figura 10 – Figura com faixa de valor



The image is a screenshot of a mobile phone displaying a Facebook profile for a psychology clinic. At the top, there is a search bar with the text "Pesquisar" and a search icon. Below the search bar is a large image of a person in a white tank top and green pants jumping joyfully in a green field under a blue sky. The profile name is "Clínica [redacted] - Psicologia e Promoção d...". The category is "Psicologista" with a price range "\$\$". The status is "Aberto agora" with hours "09:00 às 21:00". There are buttons for "Ligar agora", a messaging icon, and a menu icon. Below the profile information, it says "[redacted] e outras 1.118 pessoas curtiram isso.". At the bottom, there are tabs for "Página inicial", "Serviços", "Avaliações", "Fotos", and "Vídeos". Under the "Serviços" tab, there are four service listings: "Atendimentos Psicológicos" (45 min ou mais • 70,00 a 143,00), "Sublocação de salas de atendim..." (45 min • 25,00), "Cursos, Palestras, Formação co..." (Duração variada • Preços variados), and "Projeto Clínica Escola- Psicologi..." (45 min • Entre 25,00 e 50,00 (conform...)).

Fonte: Página acessada em 29/01/2019.

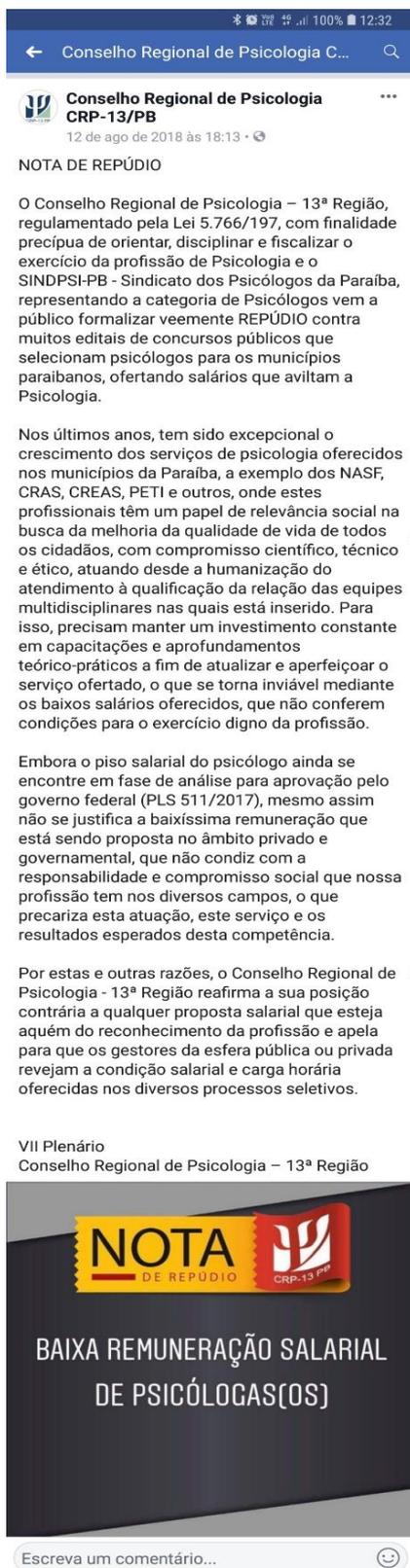
Figura 11 – Figura com faixa de valor

Fonte: Figura publicada na rede social *Facebook*, em 19/01/2016.

Essas postagens geralmente estão associadas às clínicas de psicologia, ainda que eventualmente sejam feitas também por particulares. As chamadas em nome de clínicas também não costumam possuir número de registro de seus responsáveis técnicos ou da pessoa jurídica em questão. Esse valor não é consenso na categoria, nem no senso comum e existem inúmeras discussões em grupos de profissionais sobre o tema.

A questão do valor na psicologia e sua exposição carrega outros atravessamentos para a classe. Além da concorrência desleal mencionada nas notas do CRPRS e do CRPPR, outras situações trazem grande desconforto junto aos conselhos e que também passam à margem das questões levantadas na clínica privada. Não existe um piso salarial para a categoria, causando impactos a quem trabalha como assalariado e gerando notas de repúdio diante de salários oferecidos em concursos públicos no país. Tal questão pode ser notada na figura a seguir, que mostra uma nota de repúdio publicada pelo CRPPB:

Figura 12 – Nota de repúdio do CRPPB



Conselho Regional de Psicologia C...

**Conselho Regional de Psicologia
CRP-13/PB**

12 de ago de 2018 às 18:13

NOTA DE REPÚDIO

O Conselho Regional de Psicologia – 13ª Região, regulamentado pela Lei 5.766/197, com finalidade precípua de orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de Psicologia e o SINDPSI-PB - Sindicato dos Psicólogos da Paraíba, representando a categoria de Psicólogos vem a público formalizar veemente REPÚDIO contra muitos editais de concursos públicos que selecionam psicólogos para os municípios paraibanos, ofertando salários que aviltam a Psicologia.

Nos últimos anos, tem sido excepcional o crescimento dos serviços de psicologia oferecidos nos municípios da Paraíba, a exemplo dos NASF, CRAS, CREAS, PETI e outros, onde estes profissionais têm um papel de relevância social na busca da melhoria da qualidade de vida de todos os cidadãos, com compromisso científico, técnico e ético, atuando desde a humanização do atendimento à qualificação da relação das equipes multidisciplinares nas quais está inserido. Para isso, precisam manter um investimento constante em capacitações e aprofundamentos teórico-práticos a fim de atualizar e aperfeiçoar o serviço ofertado, o que se torna inviável mediante os baixos salários oferecidos, que não conferem condições para o exercício digno da profissão.

Embora o piso salarial do psicólogo ainda se encontre em fase de análise para aprovação pelo governo federal (PLS 511/2017), mesmo assim não se justifica a baixíssima remuneração que está sendo proposta no âmbito privado e governamental, que não condiz com a responsabilidade e compromisso social que nossa profissão tem nos diversos campos, o que precariza esta atuação, este serviço e os resultados esperados desta competência.

Por estas e outras razões, o Conselho Regional de Psicologia - 13ª Região reafirma a sua posição contrária a qualquer proposta salarial que esteja aquém do reconhecimento da profissão e apela para que os gestores da esfera pública ou privada revejam a condição salarial e carga horária oferecidas nos diversos processos seletivos.

VII Plenário
Conselho Regional de Psicologia – 13ª Região

NOTA DE REPÚDIO
CRP-13/PB

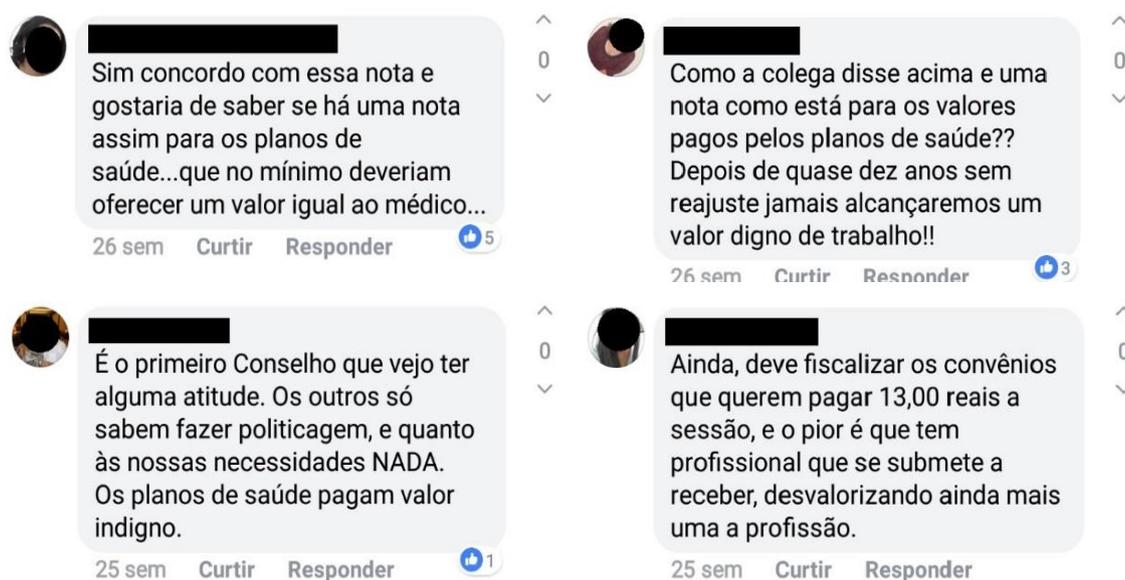
**BAIXA REMUNERAÇÃO SALARIAL
DE PSICÓLOGAS(OS)**

Escreva um comentário...

Fonte: Figura publicada na rede social *Facebook*, em 12/08/2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/CRP13PB/posts/2034376779906905>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Essa condição é agravada quando se considera o valor pago pelos planos de saúde, inferior a outras categorias da área de saúde e com, por vezes, limitações quanto ao número de sessões (frequentemente 40 sessões por ano, alguns chegam a 400 sessões ao longo da vida da pessoa naquele plano) e tempo por sessão (uma sessão tendo 30 minutos). Quadros (2011) já aponta em sua tese a discrepância entre os valores das tabelas de referência de valores de sessão sugeridas pelo CFP em relação às tabelas de reembolsos e pagamentos dos planos de saúde. Na mesma postagem da Figura 12, muitos dos comentários sobre o assunto despertavam a curiosidade para a questão dos convênios, o que pode ser observado na figura 13 a seguir. Isso traz consequências para a compreensão da psicologia como um serviço importante no sistema de saúde como um todo. Apesar dos planos de saúde oferecerem para seus usuários acesso a psicólogos credenciados, não são muitos os profissionais que se credenciam aos serviços. A remuneração é um fator relevante para a questão, mas não é o único.

Figura 13 – Comentários sobre convênios



Fonte: Comentários publicados na rede social Facebook, em 12/08/2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/CRP13PB/posts/2034376779906905>. Acesso em: 20 jun. 2019.

As exigências burocráticas também desestimulam o psicólogo iniciante, que frequentemente não possui seu próprio consultório, a aderir aos planos. Essas exigências envolvem, em alguns casos, estar estabelecido em um consultório, o que inviabiliza os que trabalham no esquema de sublocação, recorrente no início de carreira por conta do baixo investimento inicial. Psicólogos mais experientes também não costumam se credenciar aos planos de saúde, pois para quem já se estabeleceu de forma privada na clínica, a remuneração

e exigência dos planos de saúde possuem pouca atratividade. Mas, então, como se estabelece a relação entre os planos de saúde e os psicólogos?

Essa ligação entre planos e os profissionais recorrentemente se dá através das clínicas que oferecem serviços de psicologia. Tais clínicas se estabelecem como pessoa jurídica, fazendo de forma mais eficiente o desembaraço burocrático com os planos de saúde, além de cederem seus espaços para psicólogos iniciantes trabalharem, ficando para o empreendedor, frequentemente, porcentagens altas do pagamento, chegando a 50% do valor da sessão (comunicação pessoal). Esse valor é repassado após a compensação dos atendimentos pelos planos, podendo levar meses para serem recebidos. Essa combinação implica em receber metade de um valor já considerado insuficiente para sustentar uma prática, com atraso no pagamento e redução de tempo de atendimento. Tal combinação, além de causar profundo mal-estar aos que se submetem, geralmente recém-formados que não conseguiram ainda se estabelecer na profissão, produz questionamentos sobre como a psicologia é compreendida como prática na área de saúde. Ou seja, um questionamento de valor e percepção do próprio trabalho pelo profissional e pelo campo. Isso é observável também pelos baixos salários oferecidos a psicólogos em concursos públicos, como nos deixa claro a nota de repúdio³⁷ publicada na rede social *Facebook* pelo Conselho Regional de Psicologia da Paraíba (CRPPB) e comentários de alguns dos seguidores dessa postagem (Figuras 12 e 13).

Com relação à baixa remuneração paga pelos planos de saúde e estipulação de 30 minutos de sessão (tradicionalmente as sessões têm duração de 50 minutos), em comunicação pessoal, alguns colegas de profissão relataram a dificuldade em produzir um trabalho de qualidade nessa limitação de horário. Deste modo, não foram raros os relatos de uso de duas autorizações para completar o tempo e o valor de uma sessão inteira, prejudicando o usuário, já que reduz pela metade o número de atendimentos (comunicação pessoal). Nota-se que, segundo o código de Ética (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005) em seu artigo 4, incisos c, “Assegurará a qualidade dos serviços oferecidos independentemente do valor acordado.”

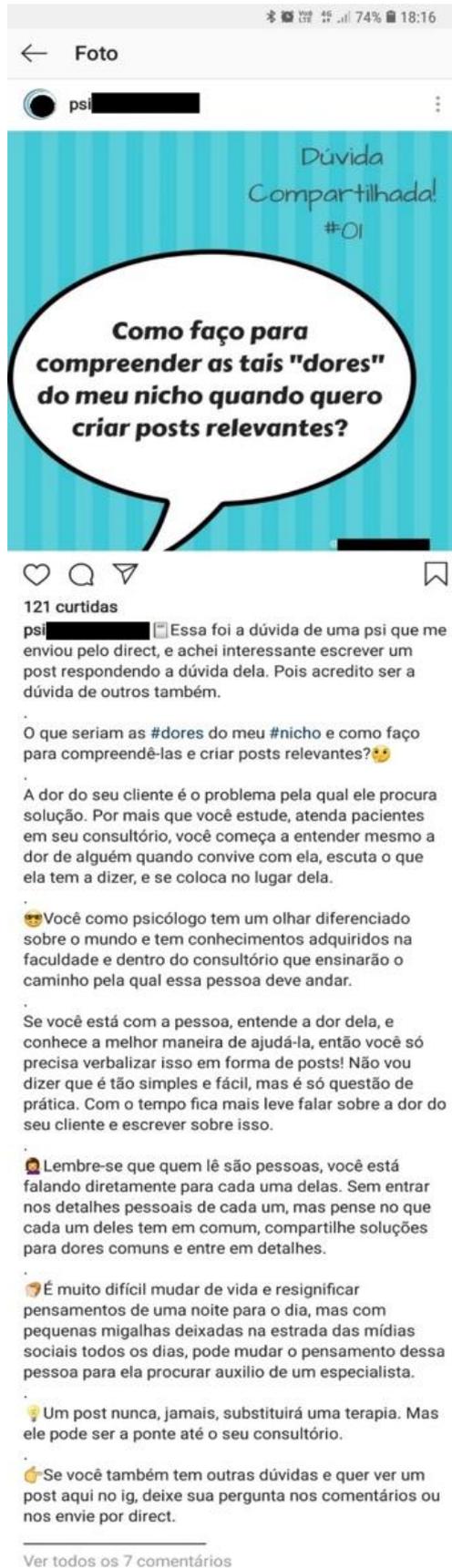
Seguindo a página do *Instagram* da engenheira de produção e *coach* de carreira que leciona o curso mencionado na introdução (Figura 5) podemos ter exemplos de propostas empreendedoras para o psicólogo clínico iniciante que correspondem a muitos dos panfletos que venho recolhendo em meu percurso na clínica. Afinal, a pergunta que se coloca em todas as páginas relacionadas a *marketing* para psicólogos clínicos iniciantes (não são poucos, uma

³⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/CRP13PB/posts/2034376779906905>. Acesso em: 20 jun. 2019.

breve pesquisa no *Google* pode dar uma dimensão do mercado) seria relacionada a como viver da clínica ou a como encher seu consultório? Alguns desses cursos oferecem um passo a passo descompromissado de uma postura coerente com o Código de Ética da profissão, outros se preocupam em reafirmar seu compromisso com o Código.

Uma das táticas mais usadas e sugeridas pelos *coachs* de carreira é a escolha de um nicho, um público ao qual o psicólogo deve se especializar e se fazer conhecido como alguém supostamente competente naquela área (Figura 14). Essa atitude é por si controversa ao se referenciar a uma área como a psicologia clínica, no entanto, encontra ressonância com o pensamento moderno, onde o saber compartimentalizado e especializado ganha cada vez mais a simpatia de um público voltado a resultados céleres, precisos e especializados. O nicho pode se compor de uma área específica da psicopatologia moderna, como um transtorno ou mesmo um conhecimento mais aprofundado num assunto como, por exemplo, a sexualidade (Figura 15). A figura 15 apresenta ainda uma chamada de atendimento com duração da sessão de acordo com o valor pago, retomando a discussão anterior sobre valor e tempo da sessão.

Figura 14 – Escolha de um nicho



Fonte: Figura publicada na rede social *Facebook*, em 07/02/2019.

Figura 15 – Nicho relacionado à sexualidade



Fonte: Figura publicada na rede social *Instagram*, em 19/09/2018.

Esse posicionamento por nichos pode ser coerente com algumas abordagens como, por exemplo, as comportamentais que se utilizam largamente de protocolos diretamente relacionados à especificidade de um transtorno. Todavia, pouco falam de outras abordagens, onde o olhar se direciona não à especificidade da patologia, mas às estruturas que a sustentam, como na psicanálise, ou mesmo nas formas fenomenológicas/existenciais de se ocupar o mundo, como a Gestalt-terapia e o existencialismo, escapando de uma perseguição sintomática.

Curiosamente, os nichos que podemos traduzir por público-alvo podem se relacionar tanto a características relativas às condições financeiras, sexualidade, raça, vinculação profissional ou estudantil, não necessariamente sendo “escolhidos” por características nosológicas. São uma estratégia de *marketing* para atrair um determinado público que supõe um saber a mais sobre si por parte do profissional, o que muitas vezes não se relaciona com os pressupostos de muitas das abordagens clínicas. Muitas das chamadas que envolvem a clínica, e aqui em especial a “clínica social”, são relacionadas a grupos específicos de pessoas por uma categorização referente a uma dimensão sociocultural, e não psicopatológica. Passamos a incluir, então, grupos de pessoas que por sua inserção social são o ponto focal de muitos dos panfletos. Notadamente o grupo mais em evidência nessas chamadas, seja por uma expectativa maior de demanda de cuidado de si, ou mesmo pela suposta condição financeira desfavorável, grande parte dos panfletos se voltam aos estudantes e psicólogos recém-formados (Figuras 16 e 17).

Figura 16 – Chamada para estudantes de psicologia e psicólogos

← Pesquisar em [redacted] ⓘ

DISCUSSÃO BATE-PAPOS FOTOS EVENTOS AF

[redacted] **★ Rising Star** • 29 de jan às 13:43 • 🌐

⚠️ **Atenção estudantes de psicologia e psicólogos recém formados.**
 Estamos disponibilizando algumas vagas para atendimento psicológico e destinando à vocês, por um valor bem acessível.
 Aproveite essa oportunidade para estar em dia com sua saúde mental e emocional!
 Envie uma mensagem para um dos números abaixo e agende sua avaliação, as vagas são limitadas.

Contato:
 21 [redacted]
 21 [redacted]

NÚCLEO DE PSICOLOGIA

OFERECE
ATENDIMENTO PSICOLÓGICO - VALOR SOCIAL

Vagas exclusivas

- Estudantes de psicologia.
- Psicólogos recém formados.

— Sabemos a importância de estar em acompanhamento psicológico durante a formação acadêmica. A psicoterapia é essencial para a formação de um bom profissional.

— Por isso, você que é estudante de psicologia ou psicólogo recém formado, saiba que temos condições especiais para você iniciar seu acompanhamento psicológico em nosso espaço.

Agende uma avaliação!

Atendimento presencial e online
 Número limitado de vagas

👍 1 1 compartilhamento

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

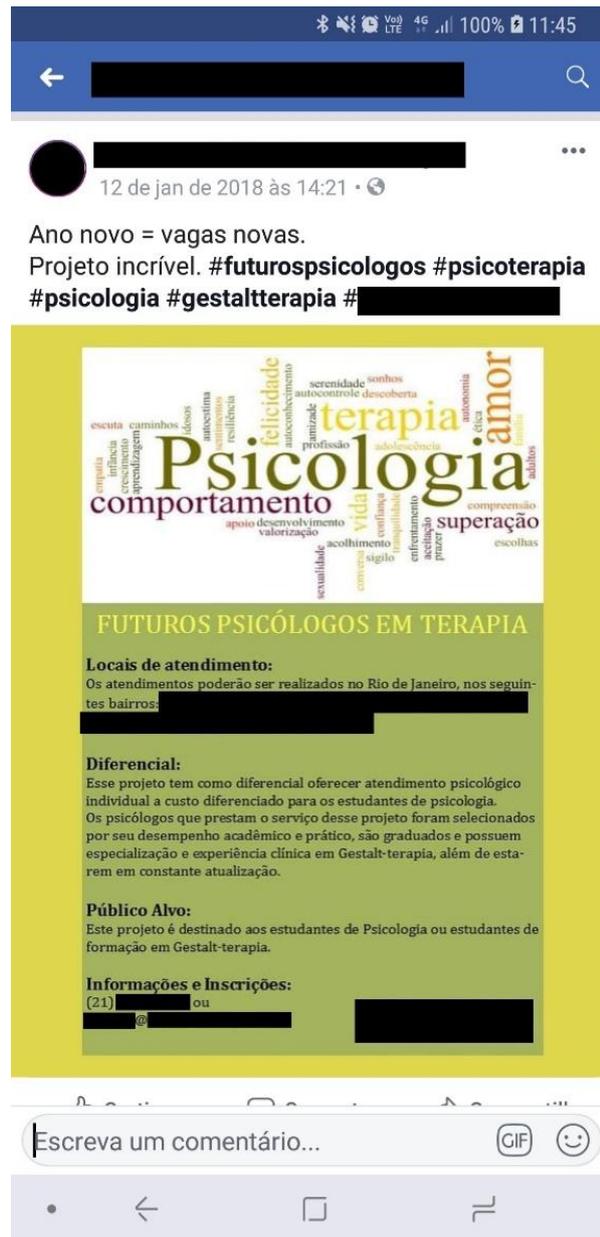
Fonte: Figura publicada na rede social *Facebook*, em 29/01/2019.

A afetação no contato com o sofrimento do outro e a busca em lidar com a angústia provocada por uma profissão que possui o cuidado como pilar é recorrente nos encontros com

estudantes e recém-formados, aparecendo como mobilizadora de vários agenciamentos (ARAÚJO; QUADROS, 2018). Para amenizar esses afetos, mobilizam recursos em suas redes, quer seja encaminhando a um Serviço de Psicologia Aplicada de alguma universidade, quer seja fazendo surgir uma vaga no serviço escola no qual atuam ou atuaram, a partir das articulações entre colegas e professores. Soma-se a isso a demanda tanto institucional como pessoal do cuidado de si para que se possa cuidar do outro de forma ética e responsável enquanto clínico. Essa demanda está associada, muitas vezes, com a escassez financeira do estudante e do recém-formado. E, por fim, ressaltamos o encontro com um espaço no mercado de trabalho que é dependente de indicação, frequentemente, estigmatizado e pouco valorizado nos serviços público e privado. Com esses elementos, não é de se estranhar a intensidade das articulações nos contatos entre estudantes de psicologia e psicólogos recém-formados que criam uma rede de indicações que, por muitas vezes, viabiliza o início dos atendimentos clínicos para quem está começando a atender e vagas para atendimento para os que pouco podem pagar. Uma rede que ajuda a sustentar diferentes realidades performadas pela clínica social.

As chamadas para atendimento de estudantes e psicólogos recém-formados também aparecem em cursos de especialização e pós-graduação em psicologia. Ainda que muitos sejam abertos ao público em geral, não podemos desconsiderar que ao abrir uma clínica escola que anuncia seus atendimentos como atendimentos sociais para que seus alunos possam treinar a prática profissional em uma determinada abordagem e atrair estudantes e recém-formados para atendimento, a clínica social passa a reforçar uma segunda função. Não se trata apenas do binômio atender a quem precisa e oferecer treinamento a quem estuda, como em toda clínica escola. Trata-se também, em alguma instância, ao incluir o nicho estudantes de psicologia e psicólogos recém-formados, de uma forma de divulgação de um modo de trabalhar que se relaciona com o curso, um convite a conhecer a instituição como formadora em um sentido mais amplo de *marketing*. Assim, oferece-se o suporte aos alunos e ex-alunos da instituição que se inserem na clínica, bem como uma divulgação institucional sobre o curso oferecido, visto que o estudante e recém-formado de hoje pode ser o futuro aluno do curso (Figuras 16 e 17). Mais que uma relação aparente de assistência, trata-se ainda de um veículo de divulgação para um público-alvo.

Figura 17 - Chamada para estudantes de psicologia ou de formação em Gestalt-terapia



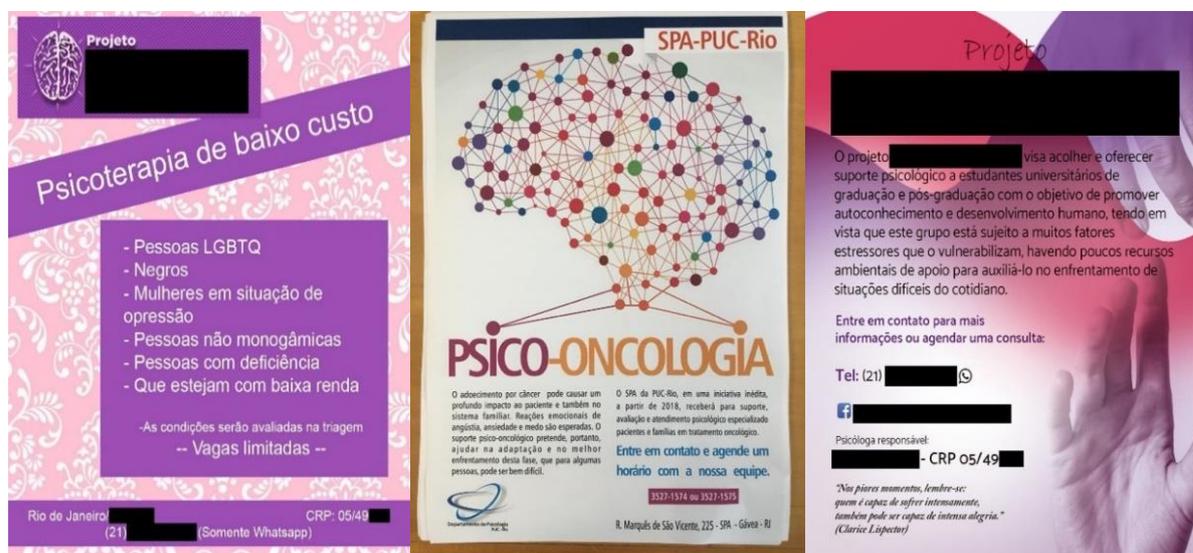
Fonte: Figura publicada na rede social *Facebook*, em 12/01/2018.

Se articularmos quem são as pessoas que oferecem atendimento com valor reduzido para estudantes e recém-formados, muitas das vezes nos deparamos com a curiosa relação em que psicólogos recém-formados oferecem terapia à psicólogos recém-formados, sustentados pela argumentação do espaço terapêutico como um dispositivo relevante para o aperfeiçoamento profissional. Não há irregularidade nessa ação, mas uma dimensão que nos remete mais uma vez à dimensão controversa entre as práticas de mercado e as práticas de cuidado. O bom manejo da prática clínica implica em alguns investimentos de cuidado pessoal e profissional, que levam tempo e amadurecimento na área. É desejável que o psicólogo passe

por um processo terapêutico próprio, uma experiência de cuidado de si e um afinamento de um corpo profissional, capaz de reconhecer suas próprias questões. Diminuindo, assim, riscos de misturar ou atribuir aos seus clientes questões de dimensão pessoal. No âmbito profissional, também é desejado que passe por supervisões periódicas, enquanto se afina esse manejo profissional por algum tempo depois de formado. Tanto para atendimento quanto para supervisão, é sugerido na academia (comunicação pessoal com professores em aula) que os profissionais, ao acompanharem o aluno e o recém-formado, possuam trajetórias já amadurecidas na psicologia clínica, compreendendo que também são, pelas peculiaridades de uma profissão de cuidado e saúde, formadores. Nesse sentido, mais um questionamento se instaura nesse campo: o que essa modalidade de recém-formados afirmarem uma prática dirigida a recém-formados nos diz acerca da clínica em psicologia que estamos realizando?

Os nichos sociais não são restritos aos estudantes de psicologia e psicólogos recém-formados. Eles se dirigem a outros grupos, atendendo a outras demandas sociais e a outros interesses profissionais (Figura 18). Ainda que as estratégias de *marketing* sustentem a importância de se criar nichos de atuação para o sucesso profissional na clínica em psicologia, existem muitas outras evidências de que uma grande parte dessas ofertas se sustentam em outras experiências de formação de um corpo psicólogo e/ou se misturam e atravessam os percursos de cada profissional.

Figura 18 – Chamadas relacionadas a outros grupos



Fonte: Imagens recolhidas por *WhatsApp* e fotos de murais.

As demandas sociais não são desvinculadas dos lugares onde a clínica acontece. Algumas das mobilizações de sofrimento chamam a atenção do público em geral. Assim como o corpo do profissional psi é um corpo aluno que precisa ser cuidado, que aprende a cuidar e que também é um corpo profissional em busca de autossuficiência econômica. A sensibilização e a capacidade de se afetar diante do sofrimento do outro é parte constituinte de um corpo sensível para lidar com o outro em sofrimento. Algumas mobilizações partem de demandas imediatas do campo por crises prolongadas, como foi o caso dos servidores do Estado do Rio de Janeiro em 2017 (Figura 19).

Figura 19 – Oferta de atendimento aos servidores do RJ

22 de ago de 2017 às 12:39 · 🌐

Quero agradecer à grande rede, que desde ontem está ajudando bastante no compartilhamento. As pessoas interessadas já começaram a entrar em contato. Para quem não sabe do que se trata, repito abaixo o texto da primeira divulgação, acrescentando um detalhe importante: um dos critérios para participar do trabalho é ter disponibilidade inicial para frequentar os oito encontros.

"A partir da sensível iniciativa da psicóloga Adriana Amaral, de formar um cadastro de colegas profissionais interessados em dar atendimento gratuito aos servidores do Estado do RJ, que neste momento de crise estão atravessando muitas situações de perdas, estou disponibilizando o seguinte serviço, conforme informado na divulgação anexa. Agradeço a todos que puderem ajudar a levar a informação para aqueles que estão precisando."

GRUPO DE APOIO TERAPÊUTICO
ATENDIMENTO A PESSOAS ENLUTADAS

Serviço gratuito destinado, exclusivamente aos Servidores do Estado do Rio de Janeiro

SETEMBRO 06 E 20
OUTUBRO 11 E 25
NOVEMBRO 08 E 22
DEZEMBRO 06 E 20

12 VAGAS
4^{as} feiras
20h às 22h

COORDENADORA
[REDACTED] CRP 05/24 [REDACTED]

GESTALT-TERAPEUTA
PSICOTERAPEUTA DE CASAL E FAMILIA
MESTRANDA EM PSICOLOGIA CLÍNICA PELO LELU
(LABORATÓRIO DE ESTUDOS E INTERVENÇÕES SOBRE LUTO) DA PUC/SP

INFORMAÇÕES:
(21) [REDACTED]

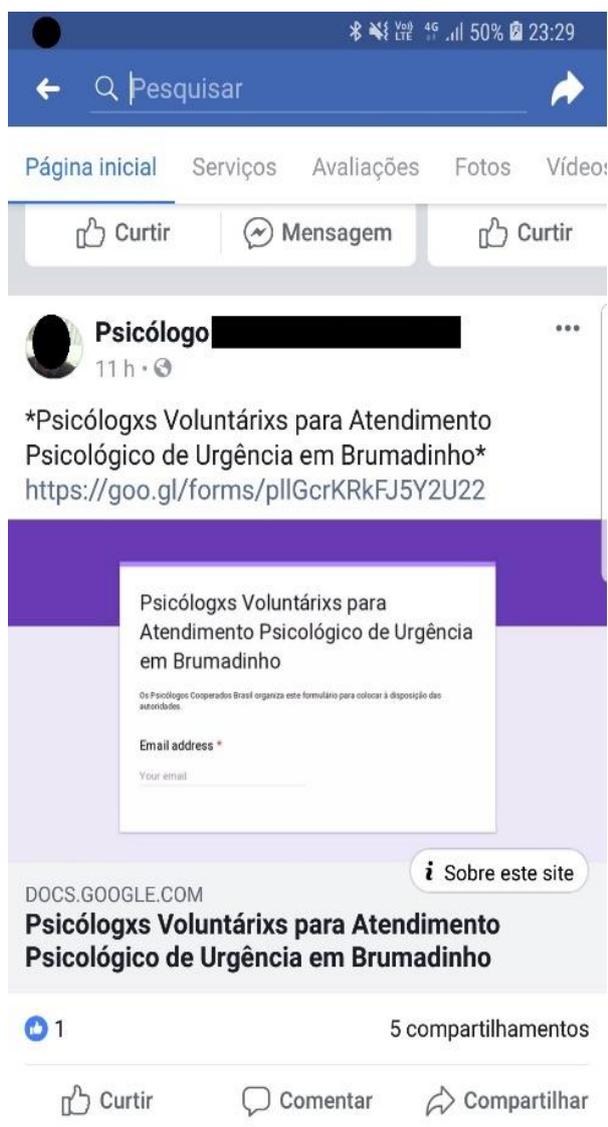
"Podendo aprender a respeito do luto por morte, poderemos compreender melhor outras perdas significativas que acontecem no ciclo de vida dos seres humanos."

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Fonte: Figura publicada na rede social *Facebook*, em 22/08/2017.

Enquanto outras surgem por demandas agudas, emergenciais. São momentos que espontaneamente antes das chamadas por panfletos também surgem mobilizações individuais e formação de cadastros de profissionais dispostos a atender, de forma gratuita ou a baixo custo. Um exemplo recente está relacionado ao rompimento da Barragem I da Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, MG, em 25 de janeiro de 2019 (Figura 20).

Figura 20 – Cadastro de voluntários para atendimento em Brumadinho



Fonte: Figura publicada na rede social *Facebook*, em 26/01/2019.

Esse tipo de manifestação de classe acontece em outros momentos, alguns motivamos por situações sociopolíticas, ressaltando o compromisso ético da classe. Em momentos políticos em que pessoas de determinadas minorias étnicas, sociais e mesmo profissionais se sentem ameaçadas em sua integridade física ou mesmo no exercício de sua profissão, mobilizações espontâneas acontecem. Essas mobilizações são, por vezes, abertas nas redes sociais, através de convocações e chamadas a colegas de profissão disponíveis a atender a baixo custo. Essa é uma das formas de mobilização nessas situações. Muitos dos contatos são feitos nas redes íntimas, pessoalmente, por telefone ou através de grupos no *WhatsApp*. Sobre isso falaremos mais adiante.

Uma outra dimensão que podemos nos atentar está relacionada aos lugares em que os atendimentos sociais ocorrem. Ainda que de forma mais tradicional, em que esses atendimentos ocorrem em consultórios particulares e clínicas escola, não é raro acontecerem em espaços integrados com outras práticas. Muitas vezes, a clínica possui um foco de atuação. A psicologia se constitui como um saber que transita por diversas áreas do conhecimento. Se aproxima da medicina, trazendo uma interlocução com a saúde mental e a psiquiatria. Se aproxima da pedagogia, havendo grande demanda de atendimento infantil diante de questões provenientes de desempenho escolar, e se aproxima de movimentos sociais, como pudemos observar nas figuras 19 e 20. Também atrai interesse de pessoas envolvidas em outros processos terapêuticos, como a arte e terapias alternativas. Ainda no rastro das associações da psicologia clínica, a dimensão assistencial atribuída à psicologia como prática de cuidado a aproxima, diversas vezes, de espaços relacionados a práticas religiosas. Não obstante, como profissão em ampla expansão, a psicologia tem ocupado cada vez mais espaços (Figura 21) como, por exemplo, os relacionados às práticas esportivas ou mesmo espaços públicos como as praças.

Figura 21 – Diversidade de lugares da clínica social

PSICOTERAPIA SOCIAL
Qualidade e ética, a um preço acessível

FISIOPILATES
INTERFERÊNCIA NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL

Vagas limitadas!!

ATENDIMENTOS A PARTIR DE AGOSTO

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES LIGUE!

Rua [redacted]

Atendimento Social

Psicoterapia Individuais
(Criança, Adolescente, Adulto e Idoso)

Mas informações na secretaria da Associação.
contato: [redacted]

Apoio:
[redacted]
(Zé da Padaria)

Local:
Associação dos Moradores da [redacted]

Terça e Quarta
Das 10:00 às 17:00hs

Terapias e massagens a preços populares
à partir de R\$ 50,00

- Psicologia
- Psicanálise
- Assistente Social
- Pranaterapia
- Barras de Access
- Thetahealing
- Aromaterapia
- Florais
- Hipnoterapia
- Ozonoterapia
- Shantala
- Cristaloterapia
- Ayurvédica
- Constelação familiar
- Arterapia
- Terapia corporal Reichiana
- Biossíntese
- Doula
- Pompoarismo
- Meditação Tântrica
- Massagem terapêutica Reichiana
- Massagem com Pedra Quentes/Frias
- Massagem com Bambus
- Shiatsu
- Naturopatia
- Radistesia
- Cromoterapia
- Auriculoterapia
- Reiki
- Meditação
- Dança do Ventre
- Yoga
- Agulhamento na Dor
- Dança terapia
- Fisioterapia

Horário de Fundonamento:
Segunda à Sexta das 9h às 17h | Sábados: 10h às 16h
E-mail: [redacted]
Tel.: (21) [redacted]

Dia de Ação Social
ATENDIMENTOS GRATUITOS PARA A SUA SAÚDE

. Yoga . Pilates
. Massagens . Nutrição.
. Psicoterapias . Consultas

Contribua com 1kg de alimento não perecível

29 / 01 / 2019

Inscreva-se pela página do Facebook:
AGROSOCIALVITALFLEX
ou pelo whatsapp:
(21) [redacted]

VITAL FLEX
Rua [redacted]

Fonte: Panfletos recolhidos por fotos, páginas públicas no *Facebook* e *websites*. Última consulta em 12/02/2019.

No entanto, ao ocupar cada espaço, cabe ao profissional se questionar como as redes de sustentação da prática clínica se dá naquele espaço. Quais são as associações que acontecem no local e que podem atuar tanto em como a psicologia é compreendida pelo entorno quanto o entorno vai interferir no que é oferecido. A reflexão proposta não possui qualquer pretensão de ditar normas e regras sobre os espaços, ou mesmo as formas de atuação que cabem ao psicólogo clínico. Ao olhar para a clínica à luz de questões trazidas pelas autoras CTS, cabe pensar uma clínica em sua dimensão viva, em constante mudança e capaz de construir com o campo uma forma de atuar situada, capaz de construir sentidos no contexto em que se insere e não pré-fabricada e enrijecida (DESPRET, 2011). Nesse sentido, as reflexões podem nos guiar a pensar sobre: o que é fundamental que possa dar contorno à clínica, sem limitá-la e isolá-la de seu contexto? Gosto de pensar e sustentar a atuação clínica como uma prática de cuidado tal como Mol (2008) propõe.

Um cuidado que dessa forma é customizado, elaborado diante de cada situação e demanda, acompanhando os processos e permitindo o surgimento de possibilidades existenciais pelo potencial criativo despertado no encontro. O que poderíamos chamar de dialógico em muitas abordagens existenciais (HYCNER; JACOBS, 1997), que trata da dimensão do encontro entre humanos e como esse encontro pode se traduzir em possibilidades reconstrutoras e curativas na dimensão experiencial. Aqui, podemos tomar a liberdade de expandir um pouco mais, incluindo não humanos como importantes atores nesse fazer. Ao incluir os não humanos, como proposto pela TAR, em nossas formas de olhar para a clínica como um todo, precisamos reconhecer que o contexto em que ela acontece irá de forma direta compor os agenciamentos que promovem, contornam e produzem em última instância cada sessão.

Algumas perguntas podem nos ajudar a pensar nessa experiência. Quando eu atendo em um centro médico, quem são as pessoas que chegarão para atendimento? Haverá uma secretária mediando o encontro? A pessoa trará laudos de colegas que atendem na sala ao lado? Será necessário traçar diálogos com outros profissionais do mesmo centro médico? Que linguagem permite uma comunicação interessante entre laudos, secretárias, agendas, colegas de profissão, medicamentos e clientes? Como é a sala de atendimento? Posso imaginar poltronas impermeáveis, ausência de tapetes e cortinas de tecido, exigências sanitárias para instalações da área de saúde. Mesa ao canto, coberta com uma fina e fria camada e vidro, assim como o uso regular de jaleco. Também é possível imaginar cheiros de álcool e café. Todos esses elementos vão compor o atendimento.

Convido agora a pensar num espaço holístico de terapias alternativas, com acupuntura, *shiatsu*, *Yoga*, arteterapia, fisioterapia, Reeducação Postural Global (RPG)... um espaço onde o olhar se volta de forma integral para as dimensões corporais, sensoriais, afetivas. Um espaço onde o ambiente traz cores, cheiros de incenso, moxabustão, talvez tecidos e tapetes. Penso também em como as pessoas que buscam psicoterapia nesses lugares chegam, quem as encaminha, de como elas vivem a experiência de estar ali e o que isso produz nelas e em mim enquanto terapeuta. O mesmo exercício pode ser feito em um espaço voltado para parcerias com pedagogos e fonoaudiólogos. Quem serão os clientes que buscam esse espaço? As trocas profissionais se darão mais com profissionais da medicina, ou com coordenadores de escolas? Professores? E quando o consultório é na Igreja, associação de moradores ou na academia de ginástica? (Figuras 21 e 22).

Figura 22 – Clínica social dividindo espaço com outros profissionais

Clínica Social

Jul 1, 2016 · 2 min read

A Mente Sã & Música quer que cuidado com a saúde mental seja acessível à cada vez mais pessoas, oferecendo atendimentos com **preços reduzidos** através do nosso programa de Clínica Social.

- Psicoterapia
- Cantarterapia
- Coaching Pessoal/Profissional
- Coaching de Imagem
- Coaching Financeiro

Com o projeto da Clínica Social, temos o objetivo de ampliar o acesso da sociedade ao cuidado com a saúde mental, que é tão primordial e infelizmente disponível apenas, em grande maioria, para pessoas privilegiadas.

Confira os termos do projeto:

- O perfil de elegibilidade do paciente da Clínica Social Mente Sã & Música é analisado através da nossa entrevista de triagem, onde confirmamos as condições justas para preencher as vagas. Nosso critério é social e econômico, em conformidade com o objetivo inicial do projeto, que é de ampliar o a atuação da psicoterapia para além do público mais privilegiado, através de preços reduzidos.
- A entrevista de triagem é obrigatória e gratuita.
- O atendimento na Clínica Social não é um serviço gratuito, é apenas uma oportunidade de pagar um preço abaixo do mercado para facilitar o acesso.

- A entrevista de triagem é obrigatória e gratuita.
- O atendimento na Clínica Social não é um serviço gratuito, é apenas uma oportunidade de pagar um preço abaixo do mercado para facilitar o acesso.
- Os pagamentos serão feitos no próprio local de atendimento, na Mente Sã & Música.
- O atendimento está sujeito à limites de vagas e profissionais disponíveis para o atendimento.
- Os atendimentos devem obedecer a disponibilidade de agenda dos profissionais participantes do projeto.
- O atendimento psicoterapêutico terá a duração máxima de 6 (seis) meses, podendo ser renovado conforme o desenvolvimento e as necessidades identificadas durante o tratamento.
- Faltar a entrevista de triagem marcada, ou faltar 2 (duas) sessões consecutivas, acarretará no desligamento imediato do programa, definitivamente.
- A duração do atendimento individual é de 30 minutos.
- A duração do atendimento em grupo é de 50 minutos.
- A solicitação para cancelar uma consulta deve ser feita com 24 horas de antecedência, caso seja avisado em um prazo menor, a consulta será cobrada.
- Caso o paciente queira interromper as sessões por tempo indeterminado, deverá avisar com 2 (duas) semanas de antecedência.

Artigo complementar: [Por que a saúde mental ainda é “gourmetizada”?](#)

Marque uma entrevista gratuita

Whatsapp/Telefone: (21) [REDACTED]

Email: [REDACTED]

Fonte: Imagem de *website*. Última consulta em 12/02/2019.

Nenhum desses fatores determinam o sucesso ou não de um acompanhamento psicoterapêutico, mas todos os elementos fazem parte de um todo que vai compor esse atendimento, bem como as redes que os sustentam. Essa diversidade de lugares também

compõem as chamadas para a clínica social. Alguns lugares, como centros religiosos por sua relação antiga com a assistência, são mais recorrentes. Outros lugares nos alertam pela originalidade. Alguns trazem sérias dúvidas se o que estão oferecendo cabe na denominação de psicoterapia.

Esse movimento da clínica vem trazendo mais recentemente outras formas voltadas a produção de conteúdo de *marketing* digital, não exclusivo da psicologia, mas que tem o foco de um diálogo mais próximo com o público das redes sociais. Produção de conteúdo envolve muitos movimentos no *marketing* digital que vão convocar ao engajamento do usuário dessas redes. Postagens diárias, compartilhamento da vida privada, fabricação de conteúdo para distribuição gratuita e sorteios, convites à interação por enquetes e publicação de perguntas dos usuários, e outro fenômeno mais recente e muito potencializado na pandemia, as *lives*, vão compor mais esse cenário. Como falado um pouco antes, as tecnologias fazem parte de um processo do qual a psicologia está inserida, e um espaço do qual precisa compor enquanto pertencente às relações humanas em um mundo *cyborg*, híbrido, mais que humano e de associações inusitadas, pois é nesse mundo que enquanto humanos precisamos encontrar novas formas de viver e de morrer. E não é o aparato do sócio técnico que possui o poder ou a determinação de bom ou mau, porém, como nos engajamos nas relações de cuidado, enquanto uma proposição ético-política, a partir dessas associações. Nesse sentido, como nos responsabilizamos enquanto psicólogos clínicos com o que produzimos com os conteúdos que divulgamos? (BELLACASA, 2017, HARAWAY, 2016).

Tecnologia não se opõe ao cuidado enquanto prática ético-política, como veremos no próximo capítulo dessa tese, mas quais agenciamento fazemos, em especial, com relação ao capital a partir da proposição do cuidado. Se engajar com as formas que a clínica, principalmente, a clínica social vem se articulando em suas práticas, é também se engajar na multiplicidade desse fazer. Sem excluir a formação e a necessidade de uma afirmação profissional enquanto um serviço e um valor. Assunto esse que é tratado de forma pouco clara ou mesmo não tratado durante a formação. Discordar da forma como as divulgações vêm sendo feitas é uma maneira empobrecida de ficar com o problema, sendo necessário ampliar o olhar para os espaços do entre, para as brechas que vão abrir espaço. Deste modo, o questionamento sobre uma ética não normativa poderá ser tão relevante quanto cumprir as determinações da ética presente no Código, e que não dá conta do universo articulado por cada vez mais mediadores. Como produzir uma formação capaz de tornar os psicólogos clínicos cada vez mais capazes de serem respons-hábeis (*response-ables*, no inglês) como nos convida Haraway

(2016). Quando trazemos através dessas autoras as questões de cuidado, trazemos não uma explicação do que é, mas uma proposição de: como podemos pensar COM novas articulações sobre como poderia ser? Como poderemos nos engajar de formas situadas, práticas, materiais e especulativas, para criar mais articulações cuidadosas?

O que fomos obrigados a esquecer não foi a capacidade de ter cuidado, e sim a arte de ter cuidado. Se há arte, e não apenas capacidade, é por ser importante aprender e cultivar o cuidado, cultivar no sentido em que ele não diz respeito aqui ao que se define a priori como digno de cuidado, mas em que ele obriga a imaginar, sondar, atentar para consequências que estabeleçam conexões entre o que estamos acostumados a considerar separadamente. Em suma, ter cuidado no sentido em que o cuidado exige que se saiba resistir à tentação de julgar. (STENGERS, 2015, p. 160).

Stengers (2015), ao convocar o cuidado como arte em “No tempo das Catástrofes”, traz o cuidado como uma das proposições fundamentais para evitar a Barbárie. O cuidado enquanto arte vai depender profundamente do momento em que vivemos, das perguntas que nos impõe e, segundo Stengers, sobretudo, daquilo que nos leva a desconfiar. Essa desconfiança é fundamental nas proposições de cuidado. Para Stengers, existe uma versão da arte de ser cuidado que se assemelha a arte do *pharmakon* (do grego, “droga”). O *pharmakon*, a depender de sua dosagem e uso, pode ser remédio ou veneno, é uma arte que convoca prudência e experiência. Em ambos os casos, no cuidado e no *pharmakon*, existe uma incerteza do que se pode produzir. Muitos dos chamados sobre a clínica, assim como muitos dos conteúdos sobre psicologia acabam produzindo uma divulgação de conhecimento que aprisiona e cria, nos usuários das redes, versões patologizadas de si que vão aparecer nos consultórios como autodiagnósticos. É o cuidado enquanto uma responsabilidade ético-política, com a habilidade de responder (*respons-habilidade*) ao que se produz, que precisamos nos engajar enquanto proposição, e enquanto formação. Se o que oferecemos, como Stengers nos traz, encontra as necessidades da população ou se contribui para atualizar essa necessidade. Como Bellacasa (2017) nos lembra: “O que isso nos permite enfatizar é que uma política de cuidado engaja muito mais que uma instância moral; envolve afetividade, ética, um agenciamento mão na massa de consequências práticas e materiais”³⁸. (p. 4, tradução nossa)

³⁸ No original: “What it allows us to emphasize is that a politics of care engages much more than a moral stance; it involves affective, ethical, and hands-on agencies of practical and material consequence.” (BELLACASA, 2017, p. 4)

4 CAPÍTULO IV

Figura 23 – Aquarela Dente de Leão



Fonte: Autora (2021).

Aquarela dente de leão.

Essa imagem foi um dos meus primeiros estudos a partir de imagens na *internet*. Muitos artistas se baseiam em imagens de redes sociais, algumas vezes, verdadeiros grupos de estudos, uma rede de troca de experiências e, de certa forma, homenagens. A imagem original encontra-se no *Pinterest* (Disponível em: <https://pin.it/5x7T2uc>. Acesso em: 29 abr. 2021). Ao abrir a imagem é possível ver nessa rede social uma área chamada “Compartilhe seu Feedback” onde muitas pessoas colocam suas releituras da obra. Essa é a minha releitura, onde

o fundo expressa minha dificuldade em lidar com as manchas formadas pelo pigmento e a água no papel, mas que são generosamente acolhidos por uma técnica que articula de forma generativa o mal-entendido do artista.

4.1 Os inesperados e as recalitrâncias na aquarela e na pesquisa

A aquarela tem em suas contradições a leveza da imagem rica em transparência, nuances, brilho, ainda que o papel e o pigmento sejam foscos. Tudo nela parece simples, mas nada é. As manchas por menos complexas que pareçam estão sempre cobrando do artista que compartilhe sua relação de poder, que reconheça os atores que estão ali, frente a ele, com toda a sua presença. O artista ao reconhecer, aceitar e trabalhar com esses materiais abre espaço ao inusitado. Faz do erro acertos, constituindo novas e diferentes possibilidades, bem como de arranjos. O cuidado assume essa dimensão de arte, pois nos convoca a todo tempo a reconhecer que não é possível ficar inerte aos questionamentos e demandas que surgem no trajeto do psicólogo clínico enquanto profissional do cuidado.

Existem ainda outros acontecimentos que vão atravessar a relação da clínica com a questão do atendimento a baixo custo, a ética, o cuidado e o campo das afetações do psicólogo. Se como vimos nas discussões anteriores e nos panfletos versões de uma clínica de baixo relacionadas ao assistencialismo, à criação de espaços de ensino e treinamento profissional, à inserção no mercado de trabalho, a estratégias de captação de clientes, a parcerias inusitadas, à identificação do profissional com questões sociais específicas, existem também algumas situações onde o compartilhamento de um sofrimento coletivo, como no casos de crises e catástrofes, causa grande comoção na categoria. Trago aqui duas versões de acontecimentos que atravessaram a feitura dessa tese e que de forma direta ou indireta tiveram impacto na pesquisa, seja por questões materiais, como a crise financeira do Estado do Rio de Janeiro em 2017, afetando diretamente a universidade a qual sou vinculada, coincidindo tanto com o início desse doutorado quanto com a definição do tema ligado à clínica social; seja no momento atual, onde a Pandemia de COVID-19 afeta diretamente a vida na Terra, apresentando muitas reflexões e ações que trazem sobre o cuidado uma dimensão não relacionada antes ao nosso tema, mas que não deixa de estar incluída na definição de cuidado que estamos usando.

A crise de 2017 foi brevemente descrita por nós em um artigo já derivado dessa tese (ARAUJO; QUADROS; ARENDT, 2019), como no trecho relatado abaixo:

Um exemplo desses agenciamentos aconteceu recentemente, fim de 2016 e início de 2017. Com a crise financeira do Estado do Rio de Janeiro muitos servidores deixaram de receber seus salários de forma regular, previsível, capaz de sustentar um planejamento orçamentário. Situação improvável até pouco tempo antes, onde ter um emprego público era sinônimo de estabilidade e tranquilidade. Diante do improvável e de uma crise jamais vista no estado, o funcionalismo público estadual virou protagonista de notícias diárias. As histórias de sofrimento pelo atraso de dois, três meses seguidos de salários causou crise e rupturas em muitas vidas. Muitos servidores estaduais haviam contraído dívidas, vendido bens, perdido imóveis e a capacidade de se alimentar, comprar remédios, pagar seus planos de saúde. Cuidados básicos com a vida haviam sido comprometidos. A situação se agravava ainda mais em alguns casos, começaram a ser noticiados servidores com sequelas derivadas de situações cardiológicas e circulatórias provocadas por intenso *stress*, além alguns suicídios associados ao intenso sofrimento provocado pela crise. Essas situações improváveis anos atrás, compartilhadas diariamente nos noticiários, provocaram reações em muitos psicólogos clínicos. Um movimento, iniciado nas redes sociais, convidava psicólogos clínicos a atenderem de forma social, ou gratuita, servidores do estado que estavam em intenso sofrimento diante do não pagamento de salários. Surgiram muitas vagas para atendimento psicológico gratuito ou a baixo custo em todo o estado para esses servidores. Vagas que não existiam, que não foram abertas por instituições que ofereciam esse serviço, mas através da articulação de indivíduos, psicólogos clínicos que se sentiram convocados a agir. (ARAUJO; QUADROS; ARENDT, 2019, p. 306).

Em nossa perspectiva (ARAUJO; QUADROS; ARENDT, 2019) o que aconteceu naquele momento não poderia ter uma leitura simplificada à dimensão de um ato de solidariedade. A solidariedade, a convocação na dimensão afetiva onde reconhecemos a fragilidade humana também é o momento em que nos reconhecemos como profissionais dotados de uma capacidade técnica de agir diante desse sofrimento, a psicologia se faz assim presente como saber e como prática. Neste sentido, o que se apresenta como uma comoção social da categoria e um exercício profissional também é um recurso político e de resistência. Eventos como esse, onde a nossa atuação é fundamental, aparecem a todo momento na mídia e fala da importância da psicologia, ajudando a desmistificar a percepção que muitas pessoas possuem sobre o que é acolhimento, escuta e clínica psicológica. Essa vai ser, para muitas das pessoas inseridas na situação, a primeira experiência de contato com um psicólogo, bem como a primeira experiência de muitos psicólogos com algumas realidades e sofrimentos que não fazem parte do seu cotidiano.

Seguindo esse raciocínio, a clínica e as versões de social interferem e inscrevem-se uma na outra de forma generativa, fazendo surgir possibilidades e contornos para a compreensão de cada uma dessas instâncias, “se a psicologia se constitui como força político social ainda que em sua dimensão mais íntima de contato com o ser humano, esse contato também dá contornos ao que chamamos de clínica e suas muitas peculiaridades.” (ARAUJO; QUADROS; ARENDT, 2019, p. 308). É nesse encontro com a adversidade nas condições de vida e trabalho que ambos,

clínica e sociedade, redescobrem-se em seu contato, em sua práxis e em sua forma de construção de novas maneiras de compor uma ético-política do cuidado (BELLACASA, 2017).

Despret (2011) já havia descrito em seu artigo sobre o segredo na clínica e os impactos na sua compreensão do fazer clínico tradicional, diante de uma realidade estranha e num momento em que era necessário lidar com a reconstrução após a catástrofe de um pós-guerra. A partir da situação vivenciada pela psicóloga, é que a sua própria noção sobre a ética normativa do fazer clínico e sobre a pesquisa se vê questionada diante da forma que aquelas pessoas se posicionavam nos encontros. Ambas, psicóloga e pessoas em atendimento, eram recriadas pela experiência. O segredo, tão fundamental na ética, tanto da clínica como na pesquisa, e sua relação com o anonimato não apenas não faziam sentido naquela experiência, mas também denunciavam silenciamentos que reconfiguravam as relações de poder e as certezas éticas que são ensinadas como boas práticas de cuidado.

Os deslocamentos e desdobramentos da crise financeira do estado em 2017, na experiência de ser psicóloga nessas situações de maior complexidade social, trouxeram vários amadurecimentos sobre a compreensão prática de um lugar onde afeto e política compõem o cuidado, enquanto uma prática que se dá nesse social. Foi cuidando da população em necessidade financeira e carência, em muitas instâncias diante do abandono público, que a UERJ pôde continuar a afirmar seu lugar enquanto uma instituição formadora e a serviço da comunidade. Um equilíbrio delicado onde construir com o outro não é assumir o lugar do estado, mas reforçar a importância do serviço que precisa ser oferecido. Ainda que complexa, não foi a primeira e dificilmente será a última crise financeira que o Estado do Rio de Janeiro irá atravessar.

Porém, algo mais desafiador, que as regras da clínica não podem controlar, se desdobra após esse evento. De certa forma, tudo que foi vivido em 2017 nos deu suporte para o que viria em 2020. Além da experiência da crise financeira vivida por muitos, medos pela capacidade de se sustentar, ansiedades e depressão, o que estava por vir se relacionou com outras muitas implicações.

De forma, absolutamente inesperada, o ano de 2020 se iniciou com a revelação ao mundo pelo governo chinês de uma estranha pneumonia, onde o epicentro foi a cidade de Wuhan. Ainda que algumas medidas radicais tenham sido tomadas em muitas cidades, como fechamentos de fronteiras e paralização do comércio e atividades econômicas, a pandemia de COVID-19 se alastrou rapidamente no mundo nos primeiros meses de 2020, e continua até o presente momento causando milhares de mortes diárias numa cronologia catastrófica para a

humanidade.³⁹ O impacto no Brasil foi agravado por conta de uma postura negacionista da gravidade da doença por muitas autoridades políticas e seguidos por muitos cidadãos diante dos dados científicos. A aposta em medidas profiláticas sem comprovação científica e o atraso na aquisição de vacinas, colocaram o Brasil hoje na maior emergência sanitária-hospitalar de sua história.⁴⁰

Mais do que dados estatísticos, a pandemia teve um impacto imenso na vida de cada habitante do planeta. A COVID-19, que inicialmente se parecia com uma gripe capaz de criar uma pneumonia atípica, se mostrou uma doença completamente desconhecida, sistêmica e traiçoeira, pois poderia ir à gravidade em pouquíssimo tempo ou permanecer absolutamente assintomática. Imprevisível e fora de controle, levou e ainda leva as equipes de saúde à exaustão, a dolorosos dilemas éticos sobre decidir quem vai ou não ter acesso às vagas para tratamento em um sistema de saúde muitas vezes em colapso, lidando com falta de oxigênio, de anestésicos para intubações e escassez de equipamentos de proteção (EPI) para que não se morra ao cuidar do outro.

Se por um feliz lado as crianças são as menos afetadas pela COVID-19, ainda que formas graves possam acontecer, por outro trágico lado os idosos se mostraram como o grupo de maior risco de adquirir as formas graves da doença. Quer seja pelas características de grande vulnerabilidade dessa faixa etária, ou pela grande importância de seus papéis nas famílias contemporâneas, que promovem nos encontros com os mais jovens interações significativas, encontros entre passado e futuro, bem como funções práticas e nas vidas cotidianas de filhos e netos (WALSH; 1995).

Novamente, como em 2017, somos enquanto profissionais de psicologia, vinculados à área da saúde, somos convocados a agir. Somos convocados a agir de forma nunca feita. Os atendimentos *online*... flexibilizações do CFP... iniciativas coletivas de acolhimento... os contextos do acolhimento... as angústias em lidar com as novas formas de acolhimento, fechamento dos consultórios... quem cuida de quem cuida?

Como o social se compõe diante desse cenário tão complexo? A crise nesse momento toma um caráter humanitário global. Mas será que trabalho humanitário significa

³⁹ É possível acompanhar pelo site da Organização Mundial da Saúde dados de progressão da COVID-19 no mundo através do *site*. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline>. Acesso em: 22 mar. 2021.

⁴⁰ CASTRO, Regina. Observatório Covid-19 aponta maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil. Portal Fiocruz. Brasília, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aponta-maior-colapso-sanitario-e-hospitalar-da-historia-do-brasil>. Acesso em: 22 mar. 2021.

necessariamente não remunerado? A ONG Médicos Sem Fronteiras (MSF) atua em todo mundo em crises humanitárias e, atualmente, trabalha na Crise da COVID-19 no Brasil e no mundo, levando assistência em muitas frentes. No entanto, o trabalho dos profissionais no MSF é remunerado e com garantia dos direitos de um trabalhador com carteira assinada no Brasil.⁴¹ As ações dos MSF são relatadas por Debora Noal (2017) em seu livro-diário que relata as suas primeiras missões.

O livro de Débora traz com detalhes a dimensão de um social na relação clínica onde o psicólogo está inserido no contexto coletivo de sofrimento. Ao descrever sua atuação em regiões de catástrofes naturais, guerrilhas, ela está também submetida a medos e restrições que, se não semelhantes, se aproximam circunstancialmente das questões das pessoas assistidas pelo MSF. Seus relatos incluem a falta de água para atividades básicas como tomar banho, o contato próximo com contaminados por vírus mortais como o Ebola, o medo da violência sexual nas guerrilhas no Congo, a experiência de dormir à espera de um terremoto de dimensões maiores do que o terremoto que a levou ao Haiti. Ou seja, uma experiência de convivência de perto com a morte de muitas pessoas e o próprio adoecimento diante dos desastres. Seu livro é bastante impactante, e de forma não coincidente, Débora foi convidada no início da pandemia a dar cursos e palestras diante do quadro que era previsto de escalonada no número de casos e mortes. Noal (2017) traz como uma das características de sua escrita uma narrativa de um corpo aberto a ser afetado pelos encontros: cheiros, sons, sabores, toques e imagens. Assim, seu livro-diário é permeado de afetações.

Ao ler sua obra (NOAL, 2017), podemos perceber que a construção da relação na psicologia clínica (ela não se declara como clínica, mas o atendimento clínico permeava muitas das suas atividades no campo), o social, o dinheiro nos apresentam a outra versão de fazer, bem como a outras perguntas que nos convocam. Será que o pagamento em um atendimento social é suficiente para sustentar a presença diante da dor compartilhada? O que sustenta esse fazer?

A resposta pelo viés financeiro não dá conta das peculiaridades da psicologia clínica. É imprescindível ao psicólogo clínico reconhecer seus limites, tanto diante dos casos em atendimento, que podem ser arrebatadores no sentido dos limites de um profissional, quanto arrebatadores como uma convocação à ação. Ambas as posturas vão ao encontro a uma ética a ser avaliada a cada relação de cuidado, na prática cotidiana do reconhecimento de si diante do outro.

⁴¹ Informações disponíveis no site Médicos Sem Fronteiras e no site das ações da ONG, respectivamente. Disponível em: <https://www.msf.org.br/trabalhe-conosco-brasil>. Acesso em: 22 mar. 2021. Disponível em: <https://www.msf.org.br/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

Tudo isso nos leva ainda a outras perguntas: o que o social faz na clínica e para onde isso nos leva? Para onde o sofrimento alheio nos conduz?

A dimensão de uma ética do etos, e de um cuidado enquanto algo que nos mantém conectados com nossa humanidade, está presente em muitas atividades que fazemos enquanto humanos e, frequentemente, associadas ao assistencialismo ou ao voluntariado. Essas ações são significativas e trazem bem-estar e autorrealização. No entanto, o pouco conhecimento da população sobre o que é um trabalho clínico em psicologia e a simplicidade das ferramentas que utilizamos para uma ação complexa, como cuidar da saúde mental, são fantasiadas pelo senso comum como uma redução a “só escutar”. Essa desvalorização da profissão aparece de tempos em tempos nas falas corriqueiras, onde ações como viajar, ir à academia, envolver-se em uma atividade lúdica são relatados como terapia. Ainda neste sentido, o ato de “desabafar” com outros profissionais não qualificados para uma escuta clínica, tal como taxistas, cabelereiros, manicures, e o alívio imediato que essa ação provoca vem compondo o quadro de desvalorização da profissão, como aparece em algumas campanhas publicitárias⁴² (Figura 24).

Figura 24 – Campanhas que desvalorizam a profissão



Fonte: Imagem do panfleto da campanha da 99 táxis e imagem do *site* do Conselho Federal de Psicologia (CFP) em seu *site* ao publicar a nota de retratação da empresa para a categoria, em 07/07/2015.

Soma-se a isso o fato de que a profissão “terapeuta” também não é regulamentada no Brasil, mas é reivindicada por muitas práticas que prometem as mais variadas formas de

⁴² Nota de esclarecimentos e pedidos de desculpas foram publicados no *site* do Conselho Federal de Psicologia em 07/07/2015. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/99taxis-se-retrata-e-retira-publicidade-citando-profissionais-da-psicologia/>. Acesso em 16 mar. 2019.

cuidado. Assim, essa ideia de terapia não faz parte do rol das práticas exclusivas da psicologia. Tal circunstância produz um mal-entendido, nem sempre promissor, tanto para a população em geral quanto para estudantes que buscam o curso de psicologia sem uma clareza do que caracteriza a profissão.

Essa falta de clareza é produzida em parte pela distorção do que é a psicoterapia, e da redução dessa prática ao ideal de uma clínica de resolução de problemas. Se pensarmos que a psicologia traz em si um aspecto de criação e recriação de seus espaços e formas de atuação, talvez possamos rever os contornos dessa prática que é afetada pelas demandas sociais. Esses espaços são também espaços políticos à medida que se relacionam frequentemente com as demandas sociais (ARAÚJO; QUADROS; ARENDT, 2019, ROMAGNOLI, 2006). Não só a psicologia atua favorecendo novas formas de ação e posicionamentos à sociedade, como é essa mesma sociedade que oferece contorno a própria psicologia, quando a acolhe e a valida enquanto prática (ARAÚJO; QUADROS; ARENDT, 2019).

Donna Haraway (2011, 2016), ao refletir sobre as práticas que envolvem cuidado, sofrimento e pesquisa, não exime a sociedade de sua responsabilidade, tanto pelas pessoas que habitam a terra hoje, como também pelas próximas gerações. Em “A partilha do sofrimento” (HARAWAY, 2011) a autora lança luz, de forma situada, sobre as relações de cuidado entre pesquisadores e seus objetos vivos de pesquisa, explorando os espaços de negociação entre a ciência e o cuidado, e a ética entre a necessidade das pesquisas. Abordando ainda como pesquisadores criam espaços para lidar de forma tanto concreta quanto afetiva com a responsabilidade sobre seus companheiros de estudo não-humanos, para que o sofrimento causado seja somente o indispensável.

Ainda que essa perspectiva pareça óbvia, afinal, que pessoa entre cientistas, técnicos ou cuidadores de animais para experimentação, poderia ser indiferente a infringir dor? Uma dor necessária para cuidados de sua própria espécie necessária para a criação de vacinas, medicamentos, cosméticos, além de procedimentos outros indispensáveis ao desenvolvimento farmacêutico, médico, tecnológico e do meio ambiente? É necessário se aproximar das pesquisas para ter a dimensão do impacto produzido em outras vidas além de humanas. Haraway é bióloga e pode seguir de perto essas realidades.

Eu também sou bióloga e a escrita de Haraway por muitas vezes atravessou meus afetos. Me convidando a pensar o quanto essa relação entre estar sensível e se dessensibilizar para o cuidado numa dimensão ético-política é paradoxal. Para preservar era necessário poder matar.

Me trouxe à recordação a primeira vez que precisei fixar⁴³ um peixe em formol, onde passei a preferir potes opacos aos transparentes para que sua morte não fosse tão visível. Ou o exemplo de um pequeno sapo onde a fixação era precedida de solução anestésica para que fosse possível modelar a posição, viabilizando as medições e contagens padronizadas para estudos posteriores. Ter os espécimens para estudo é fundamental para qualquer projeto de taxonomia, sistemática, análise biomolecular e preservação ambiental.

Ao se trabalhar com zoologia é necessário matar muitos exemplares das espécies estudadas para que se possa ter esse material armazenado em coleções de Museus e sua existência comprovada e possível de ser conferida e checada a cada momento cientificamente. Ao se trabalhar com ecologia, muitos grupos taxonômicos só podem ter sua população estimada a partir de coletas quantitativas, frequentemente envolvendo a morte de centenas a milhares de espécimens. Isso sem mencionar os estudos nas áreas de fisiologia, genética, medicina... estabelecer uma relação de vinculação com essas vidas é se permitir novamente a ser afetado e a reagir diante de uma comunidade científica atrás de brechas e novas possibilidades de trabalhar e produzir uma ciência sob outros parâmetros. A psicologia clínica trabalha com humanos, e produz pesquisas nesse fazer, no entanto frequentemente esse movimento de afetação e não afetação faz parte da formação do clínico nas diferentes abordagens, exigências e discursos sobre uma boa clínica. Mais que discursos, são necessárias discussões sobre as relações de afetação, produções desse processo de encontro com o sofrimento de outros seres vivos que nunca é simples, sejam eles humanos ou não humanos. (ARAÚJO; QUADROS; ARENDT, 2019, p. 310).

Haraway (2011, 2016) vai, dessa forma, trazer a discussão para os campos da política e da ética à medida que move o foco de suas reflexões das normas para adentrar na complexidade das formas de fazer. Contextualizando assim o fazer local, situado e sua relevância enquanto meio de articulação entre atores além dos humanos, criando valores que, através de uma aposta não inocente, provocam diferentes formas de se importar com o mundo. Essas parcerias inusitadas podem trazer possibilidades de diferentes valores e formas de cuidado com o mundo, uma via para a continuidade da vida na própria Terra, tão necessária em um mundo dando graves sinais de sofrimento e deterioração. Haraway (2011, 2016) menciona que mais importante que fazer filhos é fazer relações de parentescos, cuidados de si e cuidados COM o outro.

Podemos, então, voltar a pensar a clínica em psicologia respeitando sua forma múltipla. Para isso, incluímos nessa discussão, além da afetação pelo sofrimento alheio, instrumentos que

⁴³ Fixação é um termo usado para as técnicas de conservação de espécimens para estudos posteriores em Zoologia. Cada grupo taxonômico tem suas formas adequadas para a fixação e conservação, geralmente, colocando os espécimens direto no formol, onde permanecem por um tempo, podendo ou não, de acordo com a espécie, ser transferido para álcool 70°. Algumas espécies precisam passar por preparação antes da fixação, como é o caso de animais que ao se contorcerem demais podem ficar enrijecidos em uma posição que não permita as medições dos parâmetros taxonômicos.

podem nos ajudar a pensar uma clínica não moderna, ampliando a importância das relações de cuidado, tão características das carreiras de saúde, como práticas que transcendem essas relações profissionais. Um movimento que permite novas formas de agenciamentos capazes de transformar, como uma força ética e política, um fazer (Haraway, 2016; Mol, 2008) e, como tal, precisam ser pensados como paradigmas necessários à sobrevivência humana na Terra.

A clínica “social”, na dimensão que se assume como uma prática de cuidado, também ocupa esse lugar. Pensar e fazer circular relações de cuidado que, como mencionado por Bellacasa (2017), jamais é inerte ou mesmo inocente em seu potencial de perturbar realidades, como práticas que se atualizam e que vão compor outras formas de experiências, outras políticas de existência. Mol (2008) traz o cuidado como um processo de entrelaçamento de práticas que se constituem na própria ação de cuidar. Não sendo previsíveis *a priori*, são singulares e concebidas a cada encontro, a cada contexto.

A noção de cuidado na clínica em psicologia não se restringe à relação terapeuta cliente, entendendo que ambos saem modificados desse encontro. Além disso, há muitos atores envolvidos nesse processo, como já observamos ao longo dessa tese. Amigos, materiais artísticos, instituições, computadores, panfletos, dispositivos móveis, aplicativos, profissionais de outras áreas... e quando compreendemos essa prática pelo que Annemarie Mol (2008) denominou de a lógica do cuidado, somos convocados a pensar sobre toda a rede de atores que sustentam, juntamente com a pessoa que busca atendimento, as condições para seguir uma lógica de um cuidado (MOL, 2008) e a sua dimensão artesanal (QUADROS, 2011).

A arte do cuidado é descobrir como vários atores (profissionais, medicação, máquinas, a pessoa com a doença e outros envolvidos) podem melhor colaborar para melhorar, ou estabilizar, a situação de uma pessoa. O que fazer e como dividir o que é feito? Na lógica do cuidado pacientes não são um grupo alvo, mas membros cruciais da equipe de cuidado. (MOL, 2008, p. 26, tradução nossa).⁴⁴

Não posso deixar de mencionar, duas experiências pelas quais passei recentemente e trazem um pouco da vivência do cuidado diante da pandemia de COVID-19. Ambas envolvem atendimentos voluntários vinculados a duas grandes instituições públicas, uma estadual e uma federal, que se mobilizaram para permitir acolhimento para as angústias e para os lutos de suas comunidades internas deflagradas pela COVID-19. Escrever sobre as experiências vividas

⁴⁴ No original: “*The art of care is to figure out how various actors (professionals, medication, machines, the person with a disease and others concerned) might best collaborate in order to improve, or stabilize, a person’s situation. What to do and how to share the doing? In the logic of care, patients are not a target group, but crucial members of the care team.*” (MOL, 2008, p. 26).

durante a pandemia ainda é muito difícil. Nesse momento, vivemos a segunda onda e o Brasil é o país com mais mortes diárias por COVID-19. Enquanto escrevo, preciso me desconectar dos riscos que vivemos ao respirar, profundamente agravado por uma política onde o cuidado não é o foco das medidas nacionais. Preciso me desconectar das mais de 3.000 mortes anunciadas ontem nos jornais e ainda em escalada.⁴⁵ Falar de cuidado enquanto ética e política é urgente! E é na clínica que esse sofrimento e luto reverberam, aparecem nas falas de todos, todos os dias. Essa semana, não inocentemente, voltaram a surgir repostagens de ações de clínica social nas redes sociais. Nesse momento, de outra forma, como um apanhado de lugares que oferecem esses atendimentos e não apenas de forma individualizada.

Ainda que essa tese se situe na dimensão do encontro entre terapeuta e cliente(s), muitas camadas estão incluídas nesse cenário e retorno ao mencionado no início dessa escrita. Para temas complexos, reduzi-los ou ter a ilusão de explorá-los de forma completa, são metas insuficientes e/ou ilusórias (MOL; LAW, 2002). Contudo, podemos dar densidade a esses temas, produzindo um presente encorpado e construindo outras possibilidades de mundo a se viver (HARAWAY, 2016). Ficar com o problema, a proposta de Donna Haraway (2016), é acima de tudo uma dimensão ética e política para evitar o desastre. Pensar COM cuidado (BELLACASA, 2017) e de forma artesanal, situacional, é o caminho que seguimos para evitar a catástrofe (STENGERS, 2015). Cada uma ao seu jeito, essas autoras vêm trazendo a importância das histórias que contamos.

A circulação de histórias de cuidado, de experiências vividas, de descobertas individuais retratam uma construção invisibilizada. É olhando para a Paris cotidiana que Latour pôde mapear os agenciamentos fundamentais, e nada óbvios, que fazem a cidade funcionar (LATOURE; HERMANT, 1998). Já Annemarie Mol encontra formas de cuidado que escapam das normas, mas que funcionam de maneira mais eficiente que estas na prática clínica em um hospital que trata a diabetes (MOL, 2008). É, ainda, nas muitas histórias recolhidas por Donna Haraway, onde pessoas que sustentaram os desafios e criaram possibilidades nas brechas dos

⁴⁵ Algumas matérias sobre os números de mortos, podem ser acessadas a seguir: WATANABE, Phillippe. Brasil registra mais de 3.000 mortes pela Covid em 24 horas, e pandemia segue descontrolada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/brasil-registra-mais-de-3000-mortes-pela-covid-em-24-horas-e-pandemia-segue-descontrolada.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2021. SAMPAIO, Lucas. Brasil completa duas semanas como o país com mais mortes diárias de Covid no mundo. *Gl Globo*, Rio de Janeiro, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/19/brasil-completa-2-semanas-como-o-pais-com-mais-mortes-diarias-por-covid-no-mundo.ghtml>. Acesso em: 23 mar. 2021. MARCELLO, Maria Carolina. Bolsonaro fala em vacinação no pior dia de mortes por Covid e é alvo de panelaço. *Economia Uol*, Rio de Janeiro, 23 mar. 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2021/03/23/bolsonaro-fala-em-vacinacao-no-pior-dia-de-mortes-por-covid-19-e-e-alvo-de-panelacos.htm>. Acesso em: 23 mar. 2021.

encontros improváveis, para produzir formas dignas de viver e de morrer, que podemos explorar a necessidade de pensar o cuidado no micro, para cuidar da dimensão macro. O cuidado cria, agencia, transforma, circula e é uma forma política de resistência (BELLACASA, 2017, MOL, 2008, PRESTRELO, 2019, QUADROS; CUNHA; UZIEL, 2020, STENGERS, 2015).

Participar como voluntária em um projeto de atendimento social durante a pandemia foi uma experiência necessária. Quando trago a palavra *necessária*, penso na dimensão de um cuidado como algo que circula, que se faz em equipe e sempre promove deslocamentos (MOL, 2008). Estar lá era um movimento de cuidado que novamente escapa ao simplismo de um assistencialismo. Porque também era cuidar de mim, a partir do instante que me ajudava a lidar com uma das dimensões mais excruciantes de um sofrimento globalizado, a sensação de impotência pessoal. Novamente, ao longo dessa pesquisa, pude entender que o sofrimento pessoal não é algo privado, pois permite, quando visibilizado, um encontro na construção de uma rede de cuidado enquanto uma proposição ética e política, enquanto resistência. Trago aqui a ética não normativa, mas necessária diante da catástrofe, momento onde uma série de questões éticas normativas, que vinham sendo discutidas há anos pelo CFP, se mostraram absolutamente inviáveis de uma hora para a outra. Um exemplo disso foi toda a regulamentação sobre os atendimentos *online*.

O processo de credenciamento para atender *online* pelo Conselho Federal de Psicologia é composto de um cadastro cheio de normatizações e condições burocráticas para a aprovação do psicólogo atuar remotamente. Diante da primeira onda da COVID-19, a orientação era de fechamento de lojas e serviços, e os atendimentos clínicos em psicologia estavam inclusos, seguindo as orientações do próprio conselho naquele momento. Assim, as orientações necessitaram ser revistas, para que todos os psicólogos pudessem continuar oferecendo o cuidado possível naquele momento pandêmico, onde a demanda pelo serviço crescera absurdamente diante do medo da doença misteriosa. Esse movimento nos carrega para a questão da normatividade ética diante do cuidado, enquanto proposição ética, como trazido por Bellacasa (2017).

Para poder trabalhar enquanto psicólogo, o cadastro no Conselho Regional de Psicologia é condição primária. A partir dele, estamos habilitados a atuarmos profissionalmente, inclusive enquanto psicólogos clínicos. Somos atestados competentes para tal pelo CFP e pelos CRP's. A modalidade de atendimento *online* também é uma modalidade de atendimento clínico mediada por um não-humano, mas para poder ser psicólogo clínico atendendo nessa modalidade não é demandado pelo Conselho um aprofundamento técnico, ou um treinamento

sobre como lidar com questões que podem surgir nessa nova modalidade de atendimento. Não há um movimento especulativa para que enquanto categoria possamos antecipar e criar recursos próprios para lidar com os atravessamentos de um atendimento *online*. No entanto, há um cadastro obrigatório, até então com um nível de complexidade e exigências que levava a necessidades de recadastramentos para atender a uma dimensão de normativa, especialmente, ligada ao sigilo, aos documentos e à aplicação de instrumentos. Questões essas que passam pela prática cotidiana dos psicólogos clínicos há algum tempo. À medida que encontros presenciais se tornaram um risco, algo improvável de ser previsto por qualquer órgão regulador, a insuficiência de uma ética normativa e uma política de controle ficou bastante evidente inclusive ao CFP. Uma crise de tamanha dimensão e deslocamentos demandava por arranjos outros, o de uma ética do etos, generativa, onde são possíveis novas e, frequentemente, ricas configurações. Bem como uma necessidade de revisitar e mesmo questionar o quanto as normativas e a necessidade de um controle duplo sobre a categoria, onde é necessário um segundo registro no cadastro chamado e-psi para atuar de forma *online*, realmente auxilia na execução de uma prática adequada? Deste modo, corremos o risco de manter as formas de exclusão e opressão deixando escapar novos modelos de criação e resistência. Como os que esses atendimentos puderam tomar ao longo da pandemia, chegando aos clientes nos lugares mais inusitados, permitindo o cuidado com os vínculos já formados de forma a produzir muitas outras discussões e possibilidades, ao criarmos um novo consultório virtual rico em novos elementos.

Quadros, Cunha e Uziel (2020), que trabalharam na criação e gestão desse projeto, Psicologia Presente, trazem a importância de afirmarmos um lugar de resistência onde mais uma vez o ato de cuidar se mostra como uma proposição ético-política não normativa.

Pensando a psicologia nessa circunstância, faz-se pertinente discutir o efeito ético e político que o acolhimento pode deflagrar, se o situarmos nessa fronteira de uma prática clínica afetada por um campo de acontecimentos vivos, coletivos, múltiplos. Inspiradas na noção de ontologias políticas indicada por John Law e Annemarie Mol (1995) e reafirmada pela própria Mol (2018), refletimos acerca de que mundo queremos produzir com nossas práticas, que versões são colocadas em cena e que psicologia estamos fazendo emergir nesse nebuloso cenário. Os autores supracitados trazem esse alerta ao afirmarem que ontologia não precede práticas de conhecimento, mas é instaurada por elas. Assim, a realidade segue múltipla e o que realizamos é uma de suas versões. (QUADROS; CUNHA; UZIEL, 2020, p. 3).

Quadros, Cunha e Uziel (2020) também abordam nesse trabalho as pistas que seguiram nessa trajetória do acolhimento enquanto afirmação ético-política da vida. De forma encorpada, elas trazem o que é afirmar o cuidado de forma múltipla diante de um cenário de radical

desdobramento de um fazer diante da catástrofe, num momento em que atuar de forma cuidadosa diante desse social, que agora convoca a clínica, não respeita mais a dicotomia de terapeuta/cliente, estando todos imersos no mesmo ar contaminado pelo Sars-CoV-2. Somos diferentes da dimensão pessoal, mas ligados politicamente nas experiências compartilhadas e similares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 25 – Aquarela Rosa



Fonte: Autora (2021).

Aquarela Rosa.

Essa rosa é mais um estudo inspirado em muitas outras rosas que acompanhei sendo pintadas por outros artistas. Sua composição é simples, com muitos espaços em seu delicado corpo para imprimir as marcas que vão compondo minha breve trajetória na aquarela. Ela também representa mudanças na minha trajetória como aquarelista amadora iniciante, pois foi pintada em um bloco de viagem, que hesitei em iniciar. Um outro papel, uma nova experiência, mas também uma retomada ao convite de Latour (2012) de embarcar na pesquisa como em um

caderno de viagens, onde posso recolher as imagens que são de alguma forma relevantes no meu caminho, de forma atenta, cuidadosa e afetada. Para uma amante feroz da fotografia que fui por toda a minha vida, a pintura remete ao movimento da minha pesquisa, menor quantidade, mais espaço para abraçar o erro e, sobretudo, um outro tempo de captura da experiência.

Quando uma obra está pronta em sua COMposição?

O que surge ao final em uma pintura em aquarela tem como riqueza os imprevistos promissores, e as articulações com os nem tão promissores assim, mas que dão a cada obra a sua identidade. O aquarelista fica com o problema, o inclui na obra e, então, se permite criar a partir desse. Assim como foi também essa tese.

Muitas foram as articulações feitas ao longo dessas páginas. E por muitos momentos me questioneei o quanto estavam em excesso. Como bem escrito por Haraway (2016), me senti em diversos momentos como se estivesse oferecendo ao leitor miríades de tentáculos, passado, presente, futuro, artesanaria e tecnologia, cuidados e descuidados, fabulações, uma clínica que pega emprestado a definição de social e um social que dá contornos à clínica. Segui a relação entre cuidado, clínica e dinheiro, pela construção da psicologia clínica enquanto profissão. No entanto, a exclusão de qualquer um desses aspectos deixaria a imagem desse trabalho reduzida, empobrecida, como uma tinta despigmentada.

O trajeto que percorremos atravessa a minha história pessoal, nos pontos de ruptura com o fazer científico, quando parto da minha trajetória nas ciências biológicas, chegando nos pontos de religação com essa tese através da água, tinta e papel em tempos de pandemia. E, entre tais aspectos, a figura da clínica social e da relação entre dinheiro e cuidado que tanto marcaram meu encontro com essa profissão. Mais do que isso, essa tese traz uma aposta metodológica nas articulações densas e imprevisíveis que sustentam as práticas e que podem nos ajudar a pensar melhor no mundo, em um mundo melhor.

Cada vez que uma história me ajuda a lembrar o que eu pensava saber, ou me apresenta um conhecimento novo, se exercita de forma aeróbica um pouco mais um músculo fundamental para preocupar-se com o florescimento. Esse exercício melhora a complexidade do pensamento e o movimento coletivos. Cada vez que traço um emaranhado e adiciono alguns fios que a princípio pareciam caprichosos, mas que se revelaram essenciais para o tecido, fico um pouco mais certa que ficar com o problema em uma complexa configuração de mundos é o nome do jogo de viver e morrer bem juntos na terra, em Terrápolis. Somos todos responsáveis por e para criar condições para o florescimento multiespécie diante de histórias terríveis, e às vezes também de histórias alegres, mas nem todos somos responsáveis da mesma maneira. As diferenças importam - em ecologias, economias, espécies, vidas. (HARAWAY, 2016, p. 29, tradução nossa).

A Aquarela, enquanto técnica, permite um trabalho em muitas velocidades. Tudo vai depender da escolha de materiais e de que imagem se deseja produzir. Pode-se trabalhar com pouca água e poucas camadas em papéis de secagem mais rápida, muita água e muitas camadas em papéis que sustentam melhor as aguadas... uma obra nesse sentido pode ficar pronta em minutos ou mesmo semanas, dependendo de como o artista direciona esse fazer-COM os diversos materiais. Mas existe um ponto, na aquarela, na pesquisa, no cuidado onde os limites precisam ser colocados para que a obra não se distancie do equilíbrio. Uma pincelada a mais pode esfarelar o papel, pode retirar a camada inferior de tinta, pode distorcer a mensagem. Em alguns momentos, há de se rever se aquela pincelada não pertence a uma outra obra que está por vir, inspirada e preparada por essa. Assim sigo no sentido do fechamento desse trabalho. A arte, a criatividade, a relação da clínica e o social, e as relações entre cuidado e ética também não se esgotaram enquanto temática. E essa é a grande alegria e aposta desse trabalho. Um movimento de abertura e criação que a discussão desses temas pode levar.

Bruno Latour, John Law, Donna Haraway, María Puig de la Bellacasa, Isabelle Stengers, Annemarie Mol, Vinciane Despret, Ronald Arendt, Laura Quadros, Marcia Moraes, Rosa Pedro, Ana Claudia Monteiro, e outros tantos e tantas que surgem como prolongamentos dessa rede que faz pensar em uma epistemologia do que é o fazer científico e de como ele se mescla com um social complexo, sensível, criativo, performático. Mais que os discursos, são autoridades nos estudos sobre a Teoria Ator-Rede e suas interlocuções com as produções acadêmicas na área da Ciência, Tecnologia e Sociedade, que convidam a caminhar, à experimentação, à descrição e a vagar em busca de uma ciência que possa produzir sentidos outros para os discursos sobre as verdades dadas. Discursos que fujam a um binarismo e caminhem na direção da multiplicidade, do aspecto performativo da realidade, explorando espaços que escapam ao óbvio, ao dado, mas que justamente vão surgir nos intervalos, nos espaços do entre, nas brechas das articulações visíveis, protocolares e formais (LIN; LAW, 2017).

Esses cientistas não modernos, filósofos e filósofas das ciências e das práticas nos convidam a nos afastar temporariamente dos escritos SOBRE o campo do qual produzimos nossas pesquisas, para nos conectarmos ao que nos faz fazer e produzir conhecimentos COM esse campo (MORAES, 2010).

Estarmos situados nos permitiu reconfigurar algumas questões. Como os atravessamentos vividos pelo pesquisador no ato de pesquisar vão compor metodologicamente

essa pesquisa? Será que é o Código de Ética que se faz obedecer e cria as práticas e formas de fazer, ou são as práticas estabelecidas relacionalmente com as experiências concretas dos psicólogos, com suas experiências vividas e compartilhadas, com o que o campo e a sociedade alimentavam e recalcitavam à sua atuação, que inspiraram o Código com suas peculiaridades e aproximações regulamentadas com as questões político-sociais? As histórias vividas carregam consigo as articulações improváveis e as soluções inesperadas, como a crise do Estado e suas dimensões. É nessa relação com o que é vivido, nesse trabalho, especificamente, que a clínica social precisa se pensar como tal, nos discursos sobre ela. Se apropriar do conceito de social tal qual Bruno Latour (2012) nos traz, ou seja, no trabalho de seguir, como formigas (referência à *ANT*, sigla para *TAR* em inglês) os agenciamentos que seus atores performam e os discursos produzidos nesse fazer.

Discursos não binários e que permitam abrir novos caminhos de reflexões sobre a prática de pesquisa e a prática clínica, entendendo que as dimensões de um fazer são extremamente complexas e locais, porém, a circularidade desses fazeres inspiram teorias, políticas e formas de viver que ultrapassam a dimensão local. Neste sentido, práticas locais, situadas inspiram e constroem novos paradigmas (MOL, 2008), novas apostas num mundo melhor, mais cuidadoso, mais múltiplo. Nessa dimensão, a clínica “social” produz efeitos nas pessoas as quais atende, mas também nos profissionais e na própria concepção do lugar da clínica e da psicologia na sociedade. Ela produz conhecimentos sobre os profissionais e suas práticas, como também os modifica e questiona, impõe limites e novas formas de atuação e sustentabilidade. O mais importante de tudo, ela traz questões ao profissional que não estão nos manuais, provocações criativas que convocam a flexibilização e novas normas. Sobretudo, traz o cuidado como uma proposição política de ocupação profissional.

Outras reflexões dizem respeito às produções de discursos sobre doença e/ou saúde implícitos nas chamadas dos panfletos, onde a psicologia passa a oferecer um espaço para o adoecimento que, por vezes, é oferecido como oportunidade, últimas vagas para descobrir se é ou não portador de patologias que muitos “sabidamente” possuem, como depressão, ansiedade, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), os tais “males do século”. Sua associação à dimensão da celeridade, das poucas vagas, da oportunidade que precisa ser aproveitada, que não pode deixar passar, traz preocupações sobre o discurso da saúde que vende adoecimento. Segue a questão se ter mais pessoas nos consultórios de psicologia representa de fato uma sociedade mais saudável ou uma sociedade mais adoecida em sofrimento. Como

pensar a prática clínica do profissional de psicologia como responsiva às demandas e não produtora de demandas?

Questionamentos sobre a formação do psicólogo enquanto profissional autônomo, como apontado por Quadros (2011), também se apresenta como uma das expressões das perguntas levantadas. Afinal, como fica a gestão de uma carreira que possui peculiaridades de demanda que são tanto subjetivas, nos limites, afetações e disponibilidades de cada um, quanto operacionais, à medida que não há clareza nem informações sobre a operacionalização do trabalho autônomo e suas exigências burocráticas e contábeis, pouco ou nada abordada na academia?

Essa tese trouxe muitas provocações que falam das dimensões mencionadas logo acima e dos questionamentos provocados pela própria ação de pesquisar. Uma experiência de questionamento em dimensões múltiplas. Junto com isto, muitos desconfortos que atravessaram e, em alguns momentos, ainda atravessam. O primeiro grande desconforto é lidar com postagens que, por vezes, vêm de pessoas conhecidas, colegas de profissão, o que reverbera em cuidados com o aspecto público das informações prestadas. Ainda que as marcas de identificação individuais tenham sido excluídas das imagens e apenas poucas identificações institucionais de ampla divulgação preservadas, existe uma identidade artística que pode viabilizar o reconhecimento estético das imagens. Me sustento nos pedidos de divulgação, intenção primária do material utilizado até então. Encarar um tema que atravessa justamente a ética e o cuidado na própria profissão, traz indignação diante de situações consideradas faltas graves na classe e angústia por ser uma realidade tão próxima e, ocasionalmente, vividas na minha própria experiência relacional.

O recorte trazido da clínica social nessa tese é apenas uma das dimensões explorada, que vai dar sustentação a muitas reflexões sobre a prática das relações entre a questão da profissão, quando colocamos o cuidado como norteador de uma ética e de uma política.

Existe ainda um aspecto determinante que gostaria de enfatizar nesse processo de encerramento dessa etapa da minha pesquisa. Trata-se de uma dimensão afetiva com relação aos trabalhos e aos autores escolhidos para caminhar junto. É uma recusa em abrir mão das potências de vida diante das situações terríveis, complexas e catastróficas. Para os autores que escolhi seguir, a vida não é um líquido ralo que se esvai, mas uma substância densa, viscosa, que se agarra em tudo e se recusa a abdicar de permanecer. Ela entranha nos espaços do entre, nas frestas inusitadas, e se mistura a elementos que a ajudam a se transformar e a permanecer. Essa relação com a vida enquanto insistência e densidade de relações e encontros já era

encantadora e real, ao pensar nas instâncias biológicas há 25 anos. Era também encantadora no encontro com a psicologia clínica e social, e assim o é no encontro com esses autores que insistem em olhar em como podemos construir possibilidades inusitadas entre humanos e não humanos diante dos desafios globais.

Mas o leitor poderia me perguntar: “Então, Erika, o que tem a ver a clínica social com os desafios globais? Esses tentáculos não estão indo longe demais, buscando abraçar o mundo?” Pergunta essa que me retoma a minha infância, quando minha mãe dizia, seguindo um dito popular, que eu tentava “abraçar o mundo com as pernas”.

Talvez. Mas isso só a banca pode me ajudar a responder, pois em meu olhar quem sabe esperançoso, ou talvez até um pouco infantil, pois enquanto escrevo me dou conta de que esse é um movimento antigo preservado em mim. Mas vivendo a pandemia de COVID-19 e seus reflexos na clínica: aumento de pedidos de atendimentos de uma forma geral, aumento de pedidos de atendimentos sociais, aumento de pessoas interrompendo seus acompanhamentos por queda na renda, e muitos outros aspectos que nos sinalizam que as pessoas estão adoecendo de forma coletiva em uma dimensão com a qual eu ainda não havia me deparado, não posso deixar de voltar meus olhos para Terra, Gaia, Terrápolis ou como se deseje chamar essa grande casa que compartilhamos.

Especula-se que o vírus Sars-Cov-2 seja um vírus de origem animal, como outros coronavírus, e que a degradação do meio ambiente é um dos fatores preponderantes para que um vírus como esse possa se aproximar e contaminar humanos (ROCHE et al., 2020). Quando vivemos em uma relação tão íntima com nosso planeta, a saúde do planeta também é a saúde de seus habitantes.

Espero que o leitor que me acompanhou até agora tenha sido carregado com delicadeza por meu caderno de viagem, seus textos e imagens, nessa trajetória que foi conduzida ao se tomar por base a clínica social em sua expressão, situada, concreta, prática como uma proposta de pensá-la a partir dos estudos CTS, sob o viés do cuidado enquanto ética e política de cuidar. Proposta que acredito que tenha trazido reflexões e articulações que podem inspirar possibilidades de abordar o assunto na prática docente nos cursos de psicologia e clínica, bem como trazer reflexões em como nos inserimos e construímos o lugar da psicologia junto ao social, enquanto *responso-habilidade* com a formação, com a profissão, com as pessoas em atendimento, com o contexto social e suas articulações além de humanas. E também uma aproximação dessa *responso-habilidade* através das inusitadas articulações com as práticas e

políticas de cuidado que nos conectam enquanto parte de um planeta, de onde o sofrimento, economia e ecologia são indissociáveis.

Figura 26 – Godê



Fonte: Autora (2021).

Godê.
Onde as cores que chegam prontas nos dão a base e a sustentação para criar as próprias composições. Meu agradecimento a todos os autores e autoras que me permitem sustentar a partir de suas publicações uma outra forma de fazer pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Informação & Informação*, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 8-19, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784/1520>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- ARAUJO, Erika da Silva; QUADROS, Laura Cristina de Toledo. Um cuidado tecido em rede: versões de um atendimento clínico na graduação em psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 873-890, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v18n3/v18n3a09.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- ARAUJO, Erika da Silva; QUADROS, Laura Cristina de Toledo; ARENDT, Ronald João Jacques. A “clínica social” em Psicologia e articulações que sustentam esse fazer: uma reflexão acerca do cenário brasileiro. *Psicologia, Conocimiento y Sociedad*, v. 9, n. 2, p. 298-317, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v9n2/1688-7026-pcs-9-02-204.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.
- ARAÚJO, Maria Gercilene Campos de. Figura e Fundo. In: D’ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila (orgs.). *Dicionário de Gestalt-terapia “Gestaltês”*. São Paulo: Summus Editorial, 2012. p. 118-121.
- ARENDT, Ronald João Jacques. A escrita como laboratório. *Revista Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 28-38, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/61378>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- BELLACASA, María Puig de la. *Matters of care: Speculative ethics in more than human worlds*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- BELLACASA, María Puig de la. Nada vem sem o seu mundo: pensando com cuidado. *The Sociological Review Publication*, v. 60, n. 2, p. 60-62, 2012.
- BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime de mediação da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 22, n. 4, p. 68-81, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38848>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2004.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 19. mar. 2020.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ. *Nota técnica sobre atendimento social*. 2018. Disponível em: <http://crppr.org.br/nota-tecnica-do-crp-pr-orienta-divulgacao-de-atendimento-social/?fbclid=IwAR04-w7Cr8KNxyuYz8AeFtleOrl-WIZYNXRLaZDspJEwtQnNeGZvZ7wFMp8>. Acesso em: 09 fev. 2020.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. *Nota técnica sobre atendimento social*. 2018. Disponível em: <http://crprs.org.br/comunicacao/noticias/crprs-publica-nota-tecnica-sobre-o-atendimento-social-4197?fbclid=IwAR2VKrIZI7O-67IOrSenkdJz7I-gFU42tUOu9sVADruGpjOCQpTeBE2qfS4>. Acesso em. 09 fev. 2020.

DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 23, n. 1, p. 5-28, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4812>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DESPRET, Vinciane. Thérapie des espaces blancs. In: CHAUVENET, Antoinette; DESPRET, Vinciane; LEMAIRE, Jean-Michel (orgs.). *Clinique de la reconstruction: une expérience avec des refugies en ex-Yougoslavie*. Paris: L' Harmattan, 1996. p. 159-206.

DESPRET, Vinciane. *What would animals say if we asked the right questions?* Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

DESPRET, Vinciane; STENGERS, Isabelle. *Les faiseuses d'histoires: que font les femmes à la pensée?* Paris: La Découverte / Les Empêcheurs de penser en rond, 2013.

DONHAUSER, Lucas; BONAMIGO, Irme Salete. Cartografando a pesquisa bibliográfica: tecitura de um método interventivo e participativo. In: QUADROS, Laura Cristina de Toledo; MORAES, Marcia Oliveira; BONAMIGO, Irme Salete (orgs.). *Pensar, Fazer e Escrever: O PesquisarCOM como política de pesquisa em Psicologia*. Chapecó: Ed. Argos, 2019. p. 75-104

ELÍDIO, Hugo. Teoria de Campo. In: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila (orgs.). *Dicionário de Gestalt-terapia "Gestaltês"*. São Paulo: Summus Editorial, 2012. p. 225-227.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. *Environmental Humanities*, v. 6, n. 1, p. 159-165, 2015.

HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes Antropológicos*, Rio Grande do Sul, v. 17, n. 35, p. 27-64, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100002. Acesso em: 24 jun. 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 7-42, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 23 jun. 2020.

HARAWAY, Donna. *Staying with The Trouble*. London: Duke University Press, 2016.

HYCNER, Richard; JACOBS, Lynne. *Relação e cura em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

- LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.). Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência.* Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 39-61.
- LATOUR, Bruno. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 15, n. 14-15, p. 339-352, 2006.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos.* São Paulo: Editora 34, 1994.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede.* São Paulo: Edusc, 2012.
- LATOUR, Bruno; HERMANT, Emilie. *Paris: Invisible City*, 1998.
- LIN, Wen-yuan; LAW, John. *Knowing Between: patterning, ziran (自然) and nature*, 2017. Disponível em: <http://heterogeneities.net/publications/LinLaw2017KnowingBetweenPatterningZiranNature.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 1, p. 3265-3276, 2016.
- MOL, Annemarie. *The logic of care: Health and the problem of patient choice.* London: Routledge, 2008.
- MOL, Annemarie; LAW, John. Complexities: an introduction. *In: MOL, Annemarie; LAW, John (orgs.). Complexities.* London: Duke University Press, 2002. p. 1-23.
- MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette. Care in practice. *On Tinkering in Clinics, Homes and Farms. MateRealities/VerKörperungen.* Bielefeld: Transcript Verlag, 2010.
- MORAES, M. PesquisarCOM, política ontológica e deficiência visual. *In: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia (eds.). Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual.* Rio de Janeiro: Nau, 2010, p. 26-51.
- MORAES, Marcia *et al.* Corpo, memória e testemunho: cheiros que deixam marcas. *In: PRESTRELO, Eleonôra Torres; QUADROS, Laura Cristina de Toledo (orgs.). O tempo e a Escuta da Vida: configurações gestálticas e práticas contemporâneas.* Rio de Janeiro: Quartet, 2014. p. 51-73.
- MORAES, Marcia Oliveira, QUADROS, Laura Cristina de Toledo. Ciência no feminino e narrativas de pesquisa: PesquisarCOM e a artesanaria na pesquisa. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 15, n. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3577. Acesso em: 18 nov. 2020.

NOAL, Débora. *O humano do mundo: Diário de uma psicóloga sem fronteiras*. São Paulo: Editora Astral Cultural, 2017.

NOBRE, Júlio Cesar de Almeida; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. *Cadernos UniFOA*, v. 14, n. 1, p. 47-56, 2010. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1018>. Acesso em: 20 jan. 2019.

PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro; MOREIRA, Mariana de Castro. Do mal-entendido promissor à multiplicação de vozes: considerações acerca das estratégias metodológicas para a elaboração de uma cartografia de organizações da sociedade civil. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1398-1412, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v15nspe/v15n4a16.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

PRESTRELO, Eleonôra Torres. “O homem sempre precisará estar diante de outro para se ver”... histórias que nos contam como uma diretriz metodológica para a pesquisa em Psicologia. In: QUADROS, Laura Cristina de Toledo; MORAES, Marcia Oliveira; BONAMIGO, Irme Salete (orgs). *Pensar, Fazer e Escrever: O PesquisarCOM como política de pesquisa em Psicologia*. Chapecó: Ed. Argos, 2019. p. 417-450.

PRESTRELO, Eleonôra Torres; ARAUJO, Erika da Silva; MORAES, Marcia; MARQUES, Leticia. “Ouvir é como a chuva” – o apoio psicológico como parte da formação em psicologia. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 11, n. 1, p. 86-99, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100008. Acesso em: 20 fev. 2020.

PUGLIESE, Gabriel. Um sobrevôo no “Caso Marie Curie”: um experimento de antropologia, gênero e ciência. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 347-385, 2007.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo. *A construção artesanal do fazer clínico na psicologia*. 2011. Tese. (Doutorado em Psicologia Social), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2011.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo. Uma trama tecida com muitos fios: o pesquisar como processo artesanal na Teoria Ator-Rede. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1181-1200, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812015000400004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 jun. 2019.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo; ARAUJO, Erika da Silva; SOUZA, Deborah da Silva de. Supervisão em Gestalt-terapia: da delicadeza de ensinar à aventura de aprender. *Revista do NUFEN*, v. 10, n. 2, p. 127-143, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 jan. 2020.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo; CUNHA, Claudia Carneiro da; UZIEL, Anna Paula. Acolhimento psicológico e afeto em tempos de pandemia: práticas políticas de afirmação da

vida. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 32, p. 1-15, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100415. Acesso em: 25 jan. 2021.

ROCHA, Carla Andrea Benicio. *Modelo didático e atividades práticas: ferramentas metodológicas para ensino sobre a dinâmica da membrana plasmática*. 2010. Dissertação (Mestrado em Biologia). Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biologia em Rede Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2020.

ROCHE, Benjamin *et al.* Was the COVID-19 pandemic avoidable? A call for a “solution-oriented” approach in pathogen evolutionary ecology to prevent future outbreaks. *Ecology letters*, v. 23, n. 11, p. 1557-1560, 2020.

ROMAGNOLI, Roberta C. Algumas reflexões acerca da clínica social. *Revista do Departamento de Psicologia*, UFF, v. 18, n. 2, p. 47-56, 2006.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das Catástrofes: resistir à Barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle; DESPRET, Vinciane. *Women who make a fuss: The unfaithful daughters of Virginia Woolf*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.

TRONTO, Joan C. *Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care*. New York/London: Routledge, 1993.

WALSH, Froma. A família no estágio tardio da vida. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica (orgs.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1995. p. 269-284.

WILKIE, Alex; SAVRANSKY, Martin; ROSENGARTEN, Marsha. *Speculative Research: The lure of possible futures*. London / New York: Routledge, 2017.